

Organizadores:
José Edmar Lima Filho
Ermínio de Sousa Nascimento
Marcos Fábio Alexandre Nicolau
Renato Almeida de Oliveira



Cadernos Didáticos para o Ensino de Filosofia

Volume I

ORGANIZADORES:

José Edmar Lima Filho
Ermínio de Sousa Nascimento
Marcos Fábio A Alexandre Nicolau
Renato Almeida de Oliveira

Cadernos Didáticos para o
Ensino de Filosofia **Volume I**

2013

Cadernos Didáticos para o Ensino de Filosofia

Coordenação Editorial
Maria Edinete Tomás

Edição e Diagramação
Gilberlânio Rios

Capa
Assessoria de Comunicação Institucional da UVA - ACMI

Conselho Editorial
Benedita Marta Gomes Costa
Francisca Liciany Rodrigues de Sousa
Ivna de Holanda Pereira
Maria Edinete Tomás

Revisão de Texto
Ângelo Bruno Lucas de Oliveira
Cristiane Melo Nobre
Margarida Pontes Timbó
Teobaldo Campos Mesquita

A exatidão das informações, os conceitos e opiniões emitidos neste livro são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Todos os direitos reservados ao PIBID UVA 2013 Subprojeto de Filosofia.

Biblioteca : Vanilda Leite CRB 3/1326

C129

Cadernos didáticos para o ensino de Filosofia: volume I organizado por José Edmar Lima Filho et al.
- Sobral: UVA, 2013

(Programa de Bolsa de Iniciação à Docência Experiências Inovadoras entre Universidade e Escolas - Projeto PIBID UVA 2011 – Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA)

174 p.il.

ISBN.: 978 – 85 – 8790 - 6748

1. Ensino de Filosofia. I. Lima Filho, José Edmar. II. Nascimento, Ermínio de Sousa. III. Nicolau, Marcos Fabio Alexandre. IV . Oliveira, Renato Almeida.

CDD: 100

APRESENTAÇÃO

O livro que ora se apresenta em sua primeira edição, Cadernos didáticos para o Ensino de Filosofia, bem se revela como projeto ambicioso. Isso se constata por muitos aspectos, dos quais destaco a pertinência dele com diferentes níveis do contexto educacional brasileiro da atualidade.

A referida pertinência reflete-se no interesse de seus autores e organizadores em contribuir para a melhoria do ensino da área, mormente no âmbito da escola pública, que parece mais suscetível aos desafios da contemporaneidade. Esse interesse, por sua vez, vai ao encontro da razão de ser do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID: promover a qualificação da educação básica da rede pública de ensino por meio da formação, sobretudo inicial, de professores; estratégia audaciosa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através da Diretoria da Educação Básica Presencial – DEB. É no seio de tal Programa Federal que se ambienta o Projeto de Iniciação à Docência Experiências Inovadoras entre Universidade e Escolas – PIBID UVA 2011, ao qual pertencem ou pertenceram os bolsistas autores das propostas didáticas constantes neste primeiro volume, seus respectivos orientadores, bem como quem o organiza.

O referido volume também comunga diretamente da missão da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, responsável direta pela idealização e gestão final do PIBID UVA 2011 e unidade formadora dos “pibidianos” proponentes. A aludida missão, consoante com os ideais da Lei 9 394/96, prevê a oferta de um ensino de qualidade, flexível e contextualizado, que atente para a realidade do semi-árido

nordestino, onde reside a maior parte da comunidade acadêmica da UVA, com poucas exceções. Ora, as propostas didáticas aqui trabalhadas assim procedem ao pautar-se pelas recomendações da gestão superior da educação básica da escola pública cearense, tanto em termos de objetivos, como de conteúdos e metodologias.

Considere-se ainda como pertinência que tais propostas resultam de uma experiência concreta e significativa de formação docente baseada na indissolubilidade entre teoria e prática, porquanto seus autores terem-nas idealizado a partir de necessidades identificadas na sala de aula das Escolas Parceiras do PIBID UVA 2011. Resultam, pois, ainda de pesquisas e reflexões sobre como atender a tais necessidades, considerando proposições inovadoras de outros autores e, a partir delas, criando as próprias, como bem exemplifica a estrutura dada aos 22 planos de aula, que compõem o presente volume.

As propostas didáticas encontradas nos chamados “planos de aula expandidos” para o ensino de Filosofia deste primeiro volume demonstram ensaios de inovação, ludismo, intertextualidade, transversalidade, dentre outros conceitos e recursos previstos à educação contemporânea. Trazem sugestões de recursos didáticos de apoio ao repasse dos conteúdos curriculares, hoje de fácil acesso na mídia, que estimulam a pesquisa discente prévia à exploração do tema de cada aula e contribuem para melhor promoção do rendimento acadêmico.

Portanto, este primeiro volume bem alude à importância da obra no cenário educacional brasileiro, ainda carente de bom material didático para o ensino de Filosofia na educação básica em razão do ingresso recente da área no currículo deste estágio de escolaridade. Parabéns a todos que se empenharam na sua produção e na sua divulgação. E, de modo especial, agradecimentos institucionais à CAPES, que o promoveu.

Maria Edinete Tomás
Coordenadora Institucional do PIBID UVA 2011

PREFÁCIO

O interesse pela publicação dos Cadernos didáticos para o Ensino de Filosofia, neste primeiro volume, condiz com a necessidade de viabilização de um material de apoio para os professores de Filosofia do Ensino Médio, particularmente para aqueles que atuam nas Escolas da Rede Pública Estadual do Norte do Ceará. A escassez de material neste campo e a importância de qualificar a atuação docente na escola pública fizeram nascer o desejo de contribuir para o aperfeiçoamento didático dos professores, constituindo a possibilidade de articular o universo acadêmico com a educação básica.

É queixa comum entre os professores de Filosofia da educação básica a falta de alternativas didáticas para tornar suas aulas mais participativas para os alunos do Ensino Médio. A proposta deste material, que conta por vezes com a indicação de filmes e músicas, é tornar o Ensino de Filosofia mais engajado na construção de um saber fundamentado sem descuidar de apresentá-lo de maneira mais atraente.

Nas páginas seguintes, o leitor poderá encontrar vários planos de aula expandidos (que, por essa razão, fogem do “padrão” estrutural do plano de aula convencional), com a sugestão de conteúdos mínimos dentre outros elementos, para o planejamento da atividade docente no Ensino Médio, sem se prender, por exemplo, à determinação de carga horária para a aplicação de cada plano (o que permitiria maior flexibilidade de adaptação por parte do professor da educação básica à sua realidade).

Este primeiro volume conta com planos didáticos que vão desde a Introdução à Filosofia até o Pensamento Cristão Medieval, constituindo o início de uma obra que deve se prolongar por mais dois volumes. Para a construção dos planos, seguimos a experiência prática de vivência da realidade escolar dos bolsistas de Filosofia nas Escolas Parceiras do PIBID UVA 2011 (Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Luís Felipe e Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Arruda), bem como a orientação do Plano Curricular de Filosofia, elaborado pela 6ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (6ª CREDE-Sobral), a fim de atender às necessidades curriculares das turmas de 1º. Ano do Ensino Médio. Naturalmente, os dois volumes seguintes devem atender às demandas das turmas de 2º. e 3º. Anos, ação já prevista para a continuidade do projeto.

A elaboração deste material ficou a cargo dos bolsistas do subprojeto de Filosofia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID UVA 2011, nomeadamente Ana Cristina Alves da Costa, Cleidiane Alves de Sousa, Francisca Márcia Soares Pereira, Francisco Diego Moraes Fontenele, Francisco Rogério dos Santos, João Paulo Correia Moraes, Karla Yonara de Alcântara Gomes, Maria Níneas Oliveira França, Paulo Henrique Jerônimo de Sousa, Reginaldo Ferreira Rodrigues e Renan Custodio Gomes, e contou com a colaboração de professores do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, na orientação dos alunos e revisão do material que ora se publica. Era uma meta distante o que agora se concretiza, para o que foi indispensável a ajuda dos professores Ermínio de Sousa Nascimento, José Edmar Lima Filho, Renato Almeida de Oliveira e Marcos Fábio Alexandre Nicolau, todos do referido Curso de Filosofia da UVA. Além deles, agradecemos ao apoio da Profa. Maria Edinete Tomás, coordenadora institucional do PIBID UVA 2011 e da CAPES, que custeou os gastos com a presente obra. Sem estes atores certamente não seria possível a publicação deste material.

José Edmar Lima Filho
Organizador

SUMÁRIO

CONSCIÊNCIA MÍTICA	9
COSMOGONIAS E TEOGONIAS	13
CONDIÇÕES HISTÓRICAS PARA O SURGIMENTO DA FILOSOFIA	17
CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO	23
PRÉ-SOCRÁTICOS	35
OS SOFISTAS.....	41
OS SOFISTAS E SÓCRATES.....	49
A MORAL SOCRÁTICA.....	57
A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO: DISTINÇÃO ENTRE MUNDO SENSÍVEL E MUNDO INTELIGÍVEL.....	63
O CONHECIMENTO EM PLATÃO	71
A POLÍTICA EM PLATÃO: A DEMOCRACIA GREGA E A REPÚBLICA	79
A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES.....	91
A LÓGICA DE ARISTÓTELES	103
A ÉTICA EM ARISTÓTELES.....	111
A POLÍTICA EM ARISTÓTELES.....	117
A FILOSOFIA HELENISTA – A PREVALÊNCIA DO PROBLEMA MORAL.....	123
EPICURISMO – A FELICIDADE E A AMIZADE	129
ESTOICISMO – A VIDA VIRTUOSA	139
A PATRÍSTICA E A ESCOLÁSTICA (FILOSOFIA CRISTÃ)	151

SANTO AGOSTINHO (CONHECIMENTO, FÉ E RAZÃO).....	157
AS RELAÇÕES ENTRE FÉ E RAZÃO	163
SANTO TOMÁS DE AQUINO (CONHECIMENTO, FÉ E RAZÃO).....	169

CONSCIÊNCIA MÍTICA

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Renan Custodio Gomes e José Edmar Lima Filho

1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a caracterização do pensamento mítico.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicitar as características do pensamento mítico;

Entender a inquietação humana como superação da consciência mítica.

3 METODOLOGIA

A aula tem um caráter expositivo e dinâmico. O professor deverá dividir a sala em equipes e distribuir com cada uma delas a letra de uma música ou sinopse de um filme para que elas apresentem, em forma de cartazes, a relação entre a letra da música ou sinopse do filme com os conteúdos abordados pelo professor.

4 INTRODUÇÃO

O homem quer, por sua própria natureza, conhecer as coisas do mundo como um todo; esta é uma necessidade de sua razão. Assim, podemos ver como uma criança, quando aprende a proferir as primeiras palavras, já está perguntando para seus pais o que são as coisas ao seu redor e seus “porquês”. Com as perguntas vem a busca das respostas. De início, as respostas podem ser fantasiosas (como no caso do pai que diz que o filho veio [origem] trazido pela cegonha); com amadurecimento da razão, contudo, o homem vai procurando explicações cada vez mais rigorosas.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Há algum valor nas explicações não científicas que o homem concede para aquilo que o cerca?

Na verdade, há outras maneiras de explicar a realidade, as quais podem se servir de um discurso não necessariamente científico, mas que possuem um substrato de verdade?

6 CONTEÚDO

Antes do surgimento da filosofia e das ciências, o homem se contentava com explicações míticas que possuíam conteúdo fantasioso. Marilena Chauí (1994, p. 30) identifica três caracteres de grande importância no pensamento mítico, a saber: que o mito tenta narrar os acontecimentos de um passado imemorial; que narra a origem das coisas através de guerras, alianças e gerações; e que a narração mítica não se importava com as contradições. É desta forma que o mito se define: é uma representação fantástica da realidade em busca de explicar a origem das coisas. Sobre o tema, Battista Mondin afirma:

A mente humana é naturalmente inquiridora: quer conhecer as razões [de ser] das coisas. Basta ver uma criança fazendo perguntas aos pais. Mas para a mesma pergunta podem ser dadas diversas respostas: respostas míticas, científicas, filosóficas. As respostas míticas são explicações que podem contentar a fantasia, embora não sejam verdadeiras (MONDIN, 1981, p. 9).

Podemos identificar nos povos primitivos que eles respondiam as suas perguntas, no que diz respeito a qualquer problema, com explicações míticas. Na própria literatura judaica, por exemplo, diz-se que se o homem possuía uma grande fartura de terras e com essas um grande rebanho e um número considerável de filhos, então este homem havia sido abençoado por Deus. Na literatura indígena, a lua crescente era côncava, pois uma onça tinha mordido um pedaço da lua, por isso ela ficou com aquele formato. Do mesmo modo, na Grécia Antiga: se trovejava, a causa disso provinha dos deuses; o sofrimento era explicado como uma cólera divina contra o homem, entre outras explicações.

Na modernidade essas respostas se mostraram simples e errôneas. Porém, elas possuem um valor muito grande, pois representam os primeiros esforços ou formas que o homem usou para explicar a origem das coisas e responder as suas angústias.

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Música

O sonho de Ícaro

Intérprete: Byafra

Composição: Pisca e Claudio Rabello

Álbum: Existe uma idéia (1984)

Gravadora: Barclay

Filmes:

Troia

Título Original: Troy.

Ano de Lançamento: 2004

Gênero: Aventura.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 163 minutos.

Direção: Wolfgang Petersen.

Estúdio/Distribuição: Warner Home.

Fúria de Titãs

Título Original: Clash of the Titans.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Aventura/Ação.

País de origem: Reino Unido/Estados Unidos.

Duração: 106 minutos.

Direção: Louis Leterrier.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Vídeo.

8 ATIVIDADE

Os alunos, após a aula, devem elaborar um texto, ou paródia, ou documentário, ou peça teatral que de alguma forma explique a relação dos seus respectivos cotidianos com os conteúdos trabalhados pelo professor em sala de aula.

9 AVALIAÇÃO

Pode ser feita uma avaliação oral sobre o que os alunos entenderam sobre o tema. Após o debate será pedido que, na próxima aula, os alunos tragam um texto escrito sobre as formas mitológicas que eles mais se identificaram.

10 REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, São Paulo, 1994.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia: Os filósofos Ocidentais**. São Paulo: Paulus, 1981.

COSMOGONIAS E TEOGONIAS

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Renan Custodio Gomes e José Edmar Lima Filho

1 OBJETIVO GERAL

Analisar a diferença entre cosmogonia e teogonia, mostrando as distintas formas de narrativas de origens presentes na mitologia grega.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os elementos próprios da cosmogonia e da teogonia;

Expor as diferentes maneiras de narrar o nascimento dos deuses;

Caracterizar a compreensão mitológica da origem do universo.

3 METODOLOGIA

Sendo aula de uma disciplina filosófica, a exposição não pode constituir-se senão de uma perspectiva conceitual e crítica. O professor iniciar pela exposição oral do tema e prosseguirá com o debate entre os alunos sobre os conceitos apresentados, levando-os a investigar as imprecisões presentes nas narrativas e a superação delas pelo discurso científico.

4 INTRODUÇÃO

Battista Mondin (1981, p. 10) afirma que “[...] desde o início o homem procura indagar sobre a origem do universo, sobre a natureza das coisas e das forças sobre às quais se sentia sujeito”. A mitologia surge por esta necessidade humana que busca explicar a origem de todas as coisas que são existentes e imaginadas pela mente do homem. O mito explica o mundo de forma fantasiosa, utilizando-se da imaginação. Assim, pode-se contar a estória de guerras, de nascimento de deuses, do nascimento e origem do universo ou

cosmos; daí que os mitos que se especificam em explicar a origem do cosmos se denominarem Cosmogonia, e os que narram a origem dos deuses, Teogonia.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Qual é o fundamento primeiro de todas as coisas?

Qual a nossa origem?

O que existia antes do cosmos?

6 CONTEÚDO

Para melhor explicar o que significa cada conceito (cosmogonia e teogonia) é importante voltar à origem das palavras. O termo gonia possui sua origem grega e carrega o significado de nascimento, geração e descendência. Cosmos indica ordem. Marilena Chauí salienta a questão afirmando que:

A palavra gonia vem de duas palavras gregas: do verbo gennao (engendrar, gerar, fazer nascer e crescer) e do substantivo genos (nascimento, gênese, descendência, gênero, espécie). Gonia, portanto, quer dizer: Geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. Cosmos [...] quer dizer mundo ordenado e organizado. Assim a cosmogonia é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras (pai e mãe) divinas (CHAUÍ, 1994, p. 30).

A palavra Teogonia é composta do termo gonia e de theós, que tem como significado: deus, coisas divinas, seres divinos. Conclui-se, daí, que a teogonia é aquela narrativa mitológica em cujo teor se mostra a origem dos deuses.

Fica fácil perceber, portanto, que na mitologia grega há histórias que narram o nascimento dos deuses (e alguns nasceram através de relações sexuais e, no caso de Dioniso, nasceu duas vezes), bem como histórias que contam a origem do universo, explicações que contam “fatos” imaginários que não possuem nenhuma comprovação

científica, porém, a nível cultural, possui um grande valor para a compreensão do humano em uma época específica da história.

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Músicas:

Gita

Intérprete: Raul Seixas

Composição: Paulo Coelho e Raul Seixas

Álbum: Gita (1974)

Gravadora: Philips

O sonho de Ícaro

Intérprete: Byafra

Composição: Pisca e Claudio Rabello

Álbum: Existe uma idéia (1984)

Gravadora: Barclay

Filmes:

Troia

Título Original: Troy.

Ano de Lançamento: 2004

Gênero: Aventura.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 163 minutos.

Direção: Wolfgang Petersen.

Estúdio/Distribuição: Warner Home.

Fúria de Titãs

Título Original: Clash of the Titans.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Aventura/Ação.

País de origem: Reino Unido/Estados Unidos.

Duração: 106 minutos.

Direção: Louis Leterrier.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Vídeo.

8 ATIVIDADE

Levar os alunos a elaborarem um texto argumentativo sobre o conteúdo

abordado na aula. É de suma importância pedir que o aluno exponha seu ponto de vista. Importante salientar que o professor de Filosofia poderá fazer uma aula interdisciplinar com o professor de História e/ou de Sociologia, mostrando como as outras disciplinas abordam o mesmo tema.

9 AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados conforme a participação e o empenho deles em sala de aula. Esta avaliação não deverá ser entendida como uma avaliação estritamente comportamental, pois o professor deverá perceber o que o aluno aprendeu do conteúdo da aula exposta. O professor poderá pedir também uma música ou desenho elaborado pelo próprio aluno sobre o que ele entendeu do tema proposto, deste modo pode-se fazer uma avaliação interdisciplinar (disciplina de Artes).

10 REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, São Paulo, 1994.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**: Os filósofos Ocidentais. São Paulo: Paulus, 1981.

CONDIÇÕES HISTÓRICAS PARA O SURGIMENTO DA FILOSOFIA

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Cleidiane Alves de Sousa e José Edmar Lima Filho.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar as condições históricas que favoreceram o surgimento da Filosofia na Grécia Antiga.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender a passagem do mythos ao logos;

Identificar as diferenças entre as narrativas míticas e a Filosofia;

Expor as teses que tratam da origem da Filosofia.

3 METODOLOGIA

Exposição do tema, e para que a aula torne-se participativa, o professor despertará a curiosidade dos alunos perguntando-lhes sobre o que eles pensam ser Filosofia, qual a importância deste tipo de saber, entre outras questões postas para debate no quadro. Após lançar estas questões, o professor apresentará um vídeo do Youtube intitulado As condições históricas para o surgimento da Filosofia.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=mH59QPwhhbI>, acessado em 05 de novembro de 2013

4 INTRODUÇÃO

Nosso estudo começa na Grécia, onde pessoas foram se organizando em comunidades isoladas, as quais deram origem às chamadas Cidades-Estados (polis). A Grécia era organizada seguindo o modelo aristocrático, baseado fundamentalmente na autoridade dos mitos (narrativas, fábulas sobre a origem do universo e dos deuses) e, portanto, com papel muito importante exercido pela religião politeísta.

Nesse período, a explicação para o que cercava o ser humano era dada por narrativas fantásticas, que apelavam para os deuses como causa de tudo o que ocorria na realidade. Eram os mitos. Aos poucos, porém, o ser humano foi ficando cada vez mais exigente: percebeu graves contradições nos mitos (como, por exemplo, a explicação para a seca que ocorria na época, que, para cada grupo, se devia a uma explicação mitológica diferente).

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Será que as explicações míticas não eram suficientes para satisfazer o ser humano?

Em nosso cotidiano será que as explicações que nos dão para tudo já não são suficientes? Elas contêm, de fato, a última palavra sobre a verdade ou há algo ainda não explorado por elas?

6 CONTEÚDO

Muitas condições históricas certamente contribuíram para que nos tornássemos mais ávidos por uma explicação mais lógica, mais coerente, menos fantasiosa e mais racional, por exemplo: as viagens marítimas, a invenção do alfabeto e o uso da palavra, a criação da água, entre outras.

No site do Brasil Escola, a questão do surgimento da Filosofia é apresentada em decorrência dos fatores supraditos. Vejamos:

Eis os principais fatores que contribuíram para o seu aparecimento:

- As viagens marítimas, pois o impulso expansionista obrigou os comerciantes a enfrentarem as lendas e daí constatarem a fantasia do discurso mítico, proporcionando a desmitificação do mundo (como exemplo, os monstros que os poetas contavam existir em determinados lugares onde, visitados pelos navegadores, nada ali encontravam);

- A construção do calendário que permitiu a medição do tempo segundo as estações do ano e da alternância entre dia e noite. Isso

favoreceu a capacidade dos gregos de abstrair o tempo naturalmente e não como potência divina;

- O uso da moeda para as trocas comerciais que antes eram realizadas entre produtos. Isso também favoreceu o pensamento abstrato, já que o valor agregado aos produtos dependia de uma certa análise sobre a valoração;

- A invenção do alfabeto e o uso da palavra é também um acontecimento peculiar. Numa sociedade acostumada à oralidade dos poetas, aos poucos cai em desuso o recurso às imagens para representar o real e surge, como substituto, a escrita alfabética/fonética, propiciando, como os itens acima, um maior poder de abstração.

A palavra não mais é usada como nos rituais esotéricos (fechados para os iniciados nos mistérios sagrados e que desvendavam os oráculos dos deuses), nem pelos poetas inspirados pelos deuses, mas na praça pública (Ágora), no confronto cotidiano entre os cidadãos;

- O crescimento urbano é também registrado em virtude de todo esse movimento, assim como o fomento das técnicas artesanais e o comércio interno, as artes e outros serviços, características típicas das cidades;

- A criação da Política que faz uso da palavra para as deliberações do povo (Demo) em cada Pólis (por isso, Democracia ou o governo do povo), bem como exige que sejam publicadas as leis para o conhecimento de todos, para que reflitam, critiquem e a modifiquem segundo os seus interesses.

As discussões em assembleias (que era onde o povo se reunia para votar) estimulavam o pensamento crítico-reflexivo, a expressão da vontade coletiva e evidencia a capacidade do homem em se reconhecer capaz de vislumbrar a ordem e a organização do mundo a partir da sua própria racionalidade e não mais nas palavras mágico-religiosas baseadas na autoridade dos poetas inspirados. Com isso, foi possível, a partir da investigação sistemática, das contradições, da exigência de rigor lógico, surgir a Filosofia.

Fonte: <http://www.brasilecola.com/filosofia/condicoes-historicas-surgimento-filosofia.htm>, acessado em 05 de novembro de 2013

7 SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES

Vídeo:

As condições históricas para o surgimento da Filosofia

Postado por RogerioFreitas2009

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=mH59QPwhhbl>, acessado em 05 de novembro de 2013

Filmes:

Fúria de Titãs

Título Original: Clash of the Titans.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Aventura/Ação.

País de origem: Reino Unido/Estados Unidos.

Duração: 106 minutos.

Direção: Louis Leterrier.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

Fúria de Titãs 2

Título Original: Wrath of the Titans.

Ano de Lançamento: 2012

Gênero: Ação.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 99 minutos.

Direção: Jonathan Liebesman

Estúdio/Distribuição: Warner Bros. Pictures.

Percy Jackson e o ladrão de raios

Título Original: Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Comédia/Aventura.

País de origem: Canadá/Estados Unidos.

Duração: 118 minutos.

Direção: Chris Columbus.

Estúdio/Distribuição: Fox Filmes.

Percy Jackson e o mar dos monstros

Título Original: Percy Jackson: Sea of Monsters

Ano de Lançamento: 2013

Gênero: Aventura.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 106 minutos.

Direção: Thor Freudenthal.

Estúdio/Distribuição: Fox Filmes.

8 ATIVIDADES

Poderá ser solicitado dos alunos uma pequena redação de aproximadamente 15 linhas a respeito do que entenderam sobre o conteúdo explanado. Tal atividade teria como objetivo identificar o grau de aproveitamento do conteúdo trabalhado.

9 AVALIAÇÃO

A avaliação desta proposta será feita considerando-se a observação livre do envolvimento dos participantes, além do comportamento ante as explicações. Outro critério de avaliação será a participação em sala de aula, manifestada pelas questões lançadas pelos alunos durante a exposição.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Introdução à história da Filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

INCONTRI, D. & INCONTRI, A. C. B. **Filosofia:** construindo o Pensar. Volume Único. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

MANNION, J. **O livro Completo da Filosofia:** entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre. Trad. bras. Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2008.

SCIACCA, M. F. **História da Filosofia.** Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967.

Fonte: <http://www.brasilecola.com/filosofia/condicoes-historicas-surgimento-filosofia.htm>, acessado em 05 de novembro de 2013 <http://www.youtube.com/watch?v=mH59QPwhhbl>, acessado em 05 de novembro de 2013

CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÁREA: Filosofia

AUTORES: Cleidiane Alves de Sousa e José Edmar Lima Filho.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar as principais características do pensamento filosófico e a distinção entre este e o pensamento do senso comum.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender o saber filosófico como saber sistemático;
Identificar atitudes filosóficas no cotidiano escolar;
Explicitar a distinção entre filosofia e senso comum.

3 METODOLOGIA

Exposição do tema, seguida de debates em grupo após a leitura de pequenos textos, divididos entre narrativas míticas, expressões populares (senso comum) e textos filosóficos. Os alunos devem ser levados a reconhecer a diferença entre os três tipos de discurso por meio do debate.

4 INTRODUÇÃO

A Filosofia tem, como sua especificidade, a tentativa de elaboração de um discurso racional, coerente, lógico, argumentativo, cujo objetivo fundamental consiste na análise, reflexão e crítica do que, aparentemente, não apresenta problema algum.

Vejamos a letra da música Comida e reflitamos:

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer
Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Pra aliviar a dor
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Pra aliviar a dor
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro

E não pela metade
Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade
Comida
Intérprete: Titãs
Composição: Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto
Álbum: Jesus não tem dentes no país dos bangelas (1987)
Gravadora: WEA

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Como os Titãs, perguntamos: e você, tem sede de que? Tem fome de que? Será que basta ter comida, bebida, diversão? O que o ser humano busca além da comida, bebida e diversão?

6 CONTEÚDO

Marilena Chauí nos ajuda a entender a especificidade do saber filosófico ao mostrar a importância de desenvolvermos, ante o cotidiano, uma atitude filosófica, a qual, antes de mais nada, se apresenta como crítica reflexionante. Para observarmos como isso se dá, vejamos o trecho do texto Para que Filosofia? da obra Convite à Filosofia:

As evidências do cotidiano

Em nossa vida cotidiana, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas como “que horas são?”, ou “que dia é hoje?”. Dizemos frases como “ele

está sonhando”, ou “ela ficou maluca”. Fazemos afirmações como “onde há fumaça, há fogo”, ou “não saia na chuva para não se resfriar”. Avaliamos coisas e pessoas, dizendo, por exemplo, “esta casa é mais bonita do que a outra” e “Maria está mais jovem do que Glorinha”.

Numa disputa, quando os ânimos estão exaltados, um dos contendores pode gritar ao outro: “Mentiroso! Eu estava lá e não foi isso o que aconteceu”, e alguém, querendo acalmar a briga, pode dizer: “Vamos ser objetivos, cada um diga o que viu e vamos nos entender”. Também é comum ouvirmos os pais e amigos dizerem que somos muito subjetivos quando o assunto é o namorado ou a namorada. Frequentemente, quando aprovamos uma pessoa, o que ela diz, como ela age, dizemos que essa pessoa “é legal”.

Vejamos um pouco mais de perto o que dizemos em nosso cotidiano.

Quando pergunto “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, minha expectativa é a de que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós.

Quando digo “ele está sonhando”, referindo-me a alguém que diz ou pensa alguma coisa que julgo impossível ou improvável, tenho igualmente muitas crenças silenciosas: acredito que sonhar é diferente de estar acordado, que, no sonho, o impossível e o improvável se apresentam como possível e provável, e também que o sonho se relaciona com o irreal, enquanto a vigília se relaciona com o que existe realmente.

Acredito, portanto, que a realidade existe fora de mim, posso percebê-la e conhecê-la tal como é, sei diferenciar realidade de ilusão.

A frase “ela ficou maluca” contém essas mesmas crenças e mais uma: a de que sabemos diferenciar razão de loucura e maluca é a

pessoa que inventa uma realidade existente só para ela. Assim, ao acreditar que sei distinguir razão de loucura, acredito também que a razão se refere a uma realidade que é a mesma para todos, ainda que não gostemos das mesmas coisas.

Quando alguém diz “onde há fumaça, há fogo” ou “não saia na chuva para não se resfriar”, afirma silenciosamente muitas crenças: acredita que existem relações de causa e efeito entre as coisas, que onde houver uma coisa certamente houve uma causa para ela, ou que essa coisa é causa de alguma outra (o fogo causa a fumaça como efeito, a chuva causa o resfriado como efeito). Acreditamos, assim, que a realidade é feita de causalidades, que as coisas, os fatos, as situações se encadeiam em relações causais que podemos conhecer e, até mesmo, controlar para o uso de nossa vida.

Quando avaliamos que uma casa é mais bonita do que a outra, ou que Maria está mais jovem do que Glorinha, acreditamos que as coisas, as pessoas, as situações, os fatos podem ser comparados e avaliados, julgados pela qualidade (bonito, feio, bom, ruim) ou pela quantidade (mais, menos, maior, menor). Julgamos, assim, que a qualidade e a quantidade existem, que podemos conhecê-las e usá-las em nossa vida.

Se, por exemplo, dissermos que “o sol é maior do que o vemos”, também estamos acreditando que nossa percepção alcança as coisas de modos diferentes, ora tais como são em si mesmas, ora tais como nos aparecem, dependendo da distância, de nossas condições de visibilidade ou da localização e do movimento dos objetos.

Acreditamos, portanto, que o espaço existe, possui qualidades (perto, longe, alto, baixo) e quantidades, podendo ser medido (comprimento, largura, altura). No exemplo do sol, também se nota que acreditamos que nossa visão pode ver as coisas diferentemente do que elas são, mas nem por isso diremos que estamos sonhando ou que ficamos malucos.

Na briga, quando alguém chama o outro de mentiroso porque não estaria dizendo os fatos exatamente como aconteceram, está presente a nossa crença de que há diferença entre verdade e mentira.

A primeira diz as coisas tais como são, enquanto a segunda faz exatamente o contrário, distorcendo a realidade.

No entanto, consideramos a mentira diferente do sonho, da loucura e do erro porque o sonhador, o louco e o que erra se iludem involuntariamente, enquanto o mentiroso decide voluntariamente deformar a realidade e os fatos.

Com isso, acreditamos que o erro e a mentira são falsidades, mas diferentes porque somente na mentira há a decisão de falsear.

Ao diferenciarmos erro de mentira, considerando o primeiro uma ilusão ou um engano involuntários e a segunda uma decisão voluntária, manifestamos silenciosamente a crença de que somos seres dotados de vontade e que dela depende dizer a verdade ou a mentira.

Ao mesmo tempo, porém, nem sempre avaliamos a mentira como alguma coisa ruim: não gostamos tanto de ler romances, ver novelas, assistir a filmes? E não são mentira? É que também acreditamos que quando alguém nos avisa que está mentindo, a mentira é aceitável, não seria uma mentira “no duro”, “pra valer”.

Quando distinguimos entre verdade e mentira e distinguimos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, não estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, mas também ao caráter da pessoa, à sua moral. Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é livre para o bem ou para o mal.

Na briga, quando uma terceira pessoa pede às outras duas para que sejam “objetivas” ou quando falamos dos namorados como sendo “muito subjetivos”, também estamos cheios de crenças silenciosas. Acreditamos que quando alguém quer defender muito intensamente um ponto de vista, uma preferência, uma opinião, até brigando por isso, ou quando sente um grande afeto por outra pessoa, esse alguém “perde” a objetividade, ficando “muito subjetivo”.

Com isso, acreditamos que a objetividade é uma atitude imparcial que alcança as coisas tais como são verdadeiramente,

enquanto a subjetividade é uma atitude parcial, pessoal, ditada por sentimentos variados (amor, ódio, medo, desejo).

Assim, não só acreditamos que a objetividade e a subjetividade existem, como ainda acreditamos que são diferentes e que a primeira não deforma a realidade, enquanto a segunda, voluntária ou involuntariamente, a deforma.

Ao dizermos que alguém “é legal” porque tem os mesmos gostos, as mesmas idéias, respeita ou despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes, hábitos e costumes muito parecidos com os nossos, estamos, silenciosamente, acreditando que a vida com as outras pessoas - família, amigos, escola, trabalho, sociedade, política - nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida.

Achando óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito, acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores, finalidades só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.

Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias. Cremos no espaço, no tempo, na realidade, na qualidade, na quantidade, na verdade, na diferença entre realidade e sonho ou loucura, entre verdade e mentira; cremos também na objetividade e na diferença entre ela e a subjetividade, na existência da vontade, da liberdade, do bem e do mal, da moral, da sociedade.

A atitude filosófica

Imaginemos, agora, alguém que tomasse uma decisão muito estranha e começasse a fazer perguntas inesperadas. Em vez de “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, perguntasse: O que é o tempo? Em

vez de dizer “está sonhando” ou “ficou maluca”, quisesse saber: O que é o sonho? A loucura? A razão?

Se essa pessoa fosse substituindo sucessivamente suas perguntas, suas afirmações por outras: “Onde há fumaça, há fogo”, ou “não saia na chuva para não ficar resfriado”, por: O que é causa? O que é efeito?; “seja objetivo”, ou “eles são muito subjetivos”, por: O que é a objetividade? O que é a subjetividade?; “Esta casa é mais bonita do que a outra”, por: O que é “mais”? O que é “menos”? O que é o belo?

Em vez de gritar “mentiroso!”, questionasse: O que é a verdade? O que é o falso? O que é o erro? O que é a mentira? Quando existe verdade e por quê? Quando existe ilusão e por quê?

Se, em vez de falar na subjetividade dos namorados, inquirisse: O que é o amor? O que é o desejo? O que são os sentimentos?

Se, em lugar de discorrer tranquilamente sobre “maior” e “menor” ou “claro” e “escuro”, resolvesse investigar: O que é a quantidade? O que é a qualidade?

E se, em vez de afirmar que gosta de alguém porque possui as mesmas idéias, os mesmos gostos, as mesmas preferências e os mesmos valores, preferisse analisar: O que é um valor? O que é um valor moral? O que é um valor artístico? O que é a moral? O que é a vontade? O que é a liberdade?

Alguém que tomasse essa decisão, estaria tomando distância da vida cotidiana e de si mesmo, teria passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam, silenciosamente, nossa existência.

Ao tomar essa distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer por que cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. Esse alguém estaria começando a adotar o que chamamos de atitude filosófica.

Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é Filosofia?” poderia ser: A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as

coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

Perguntaram, certa vez, a um filósofo: “Para que Filosofia?”. E ele respondeu: “Para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações”.

A atitude crítica

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às idéias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido.

A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica.

A face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de atitude crítica e pensamento crítico.

A Filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da Filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei”. Para o discípulo de Sócrates, o filósofo grego Platão, a Filosofia começa com a admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a Filosofia começa com o espanto.

Admiração e espanto significam: tomamos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos tido família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivéssemos acabando de

nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.

Fonte: CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 5-10

7 SUGESTÕES DE VÍDEOS E FILMES

Vídeos:

O que é Filosofia?

Postado por Gilson Xavier de Azevedo

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=RNNm_7KgxvI, acessado em 25 de outubro de 2013

Por que estudar Filosofia? O que é Filosofia? Como Filosofar?

Postado por Filosofia Hoje

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=EmHuW_jJERo, acessado em 25 de outubro de 2013

Filme:

Sócrates.

Título Original: Sócrates.

Ano de Lançamento: 1971

Gênero: Drama.

País de origem: Espanha, Itália e França.

Duração: 120 minutos.

Direção: Roberto Rossellini.

Estúdio/Distribuição: Versátil.

Co-produção Orizzonte 2000-RAI-TVE, Televisione Spagnola e ORTF.

8 ATIVIDADES

Produção de um mural sobre a Grécia Antiga, com imagens de personagens mitológicos e dos primeiros filósofos, com o intuito de chamar a atenção dos demais alunos para que estes reflitam sobre

o tema: em que tipo de conhecimento eu me enquadro? Mítico ou filosófico? A sala será dividida em dois grupos que se responsabilizarão por criar e organizar um mural com fotos, pensamentos, frases e resumos sobre estes dois tipos de conhecimento. Com este trabalho proporcionaremos uma aula interativa de cooperação e troca de experiências entre os alunos.

9 AVALIAÇÃO

Produção de um pequeno relato, no qual os alunos devem avaliar se nos dias de hoje ainda se utilizam personagens míticos, heróis, etc. como exemplos para as vidas das pessoas. O texto deve articular isso com o aparecimento da Filosofia na Grécia.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

BONJOUR, L. **Filosofia**: textos fundamentais comentados. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=EmHuW_jJERo, acessado em 25 de outubro de 2013

http://www.youtube.com/watch?v=RNNm_7KgxlI, acessado em 25 de outubro de 2013

PRÉ-SOCRÁTICOS

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Francisca Márcia Soares Pereira e José Edmar Lima Filho.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar o objeto de investigação dos primeiros filósofos gregos.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar a ideia de Tales de acordo com a sua importância para a vida;

Informar como os elementos englobados formam a base de tudo, e não somente um individualmente, de acordo com Anaximandro;

Identificar a importância do ar que, de acordo com a teoria de Anaxímenes, era a composição da alma.

3 METODOLOGIA

Exposição do tema, com o auxílio de alguns recursos bibliográficos. A explicação para os alunos será feita por meio de leitura em grupo ou individualmente, através de explicação oral sobre o conteúdo apresentado e discutido em grupo, para que os mesmos consigam realizar as atividades que serão propostas. Para tanto, faz-se necessário o uso de recursos de audiovisual, na medida em que se fizerem necessários a uma aplicação didática dos conteúdos para obter uma boa compreensão.

4 INTRODUÇÃO

Vídeo: Mundos invisíveis - pré-socráticos

Fonte: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=wxXretrs4, acessado em 25 de outubro de 2013

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Reflexão sobre a água, o ar, o fogo e a terra. Será que eles são importantes para explicar a realidade?

Objetivo: Fazer com que os alunos entendam a importância que os filósofos davam aos elementos que, em suas perspectivas, constituíam o fundamento de toda realidade.

6 CONTEÚDO

Podemos dizer que os Pré-Socráticos foram os primeiros filósofos, mesmo sendo vistos como primitivos, e que suas teorias eram erradas (de certo modo), contudo eles mereciam confiança e destaque por estimularem a mente humana. Todos esses filósofos buscavam explicar que cada elemento natural servia de fundamento ou princípio (arché, em grego) ao qual toda realidade era reduzida. Eram homens que explanavam suas ideias nas pedras, mas apenas partes dos registros sobreviveram, o que nos faz ter um conhecimento muito rudimentar desses autores. Entre eles se destacam Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes.

Tales de Mileto:

Tales considerava em sua teoria que todas as coisas vinham da água e que, por isso, a água era como que a arché que justificava a ordem (cosmos, em grego) da totalidade. O mérito deste autor consiste na forma de explicar a origem das coisas sem que estas tenham alguma interferência dos Deuses.

Segundo Tales, a origem de todas as coisas estava no elemento água: quando densa, transformaria-se em terra; quando aquecida, viraria vapor que, ao se resfriar, retornaria ao estado líquido, garantindo assim a continuidade do ciclo. Nesse eterno movimento, aos poucos novas formas de vida e evolução iriam se desenvolvendo, originando todas as coisas existentes. (<http://www.brasilescola.com/filosofia/talles-mileto.htm>, acessado em 28 de outubro de 2013)

Anaximandro:

Foi discípulo de Tales de Mileto. Anaximandro não aceitou a teoria de Tales de Mileto, sustentando em sua Filosofia a existência dos pares de cada coisa: alto e baixo, bem e mal, etc. Segundo Anaximandro, o que tem início tem fim, e a mudança dos seres não pode em si e por si mesmo concluir. A solução que ele encontrou é de um princípio sem limites sem fim e sem determinação: era o apeiron.

Anaxímenes:

Discípulo de Anaximandro, Anaxímenes estabeleceu o ar como princípio de todas as coisas. Ele afirmou que o ar era tão necessário à vida tanto quanto a água de Tales. Propôs igualmente que a alma era composta pelo ar, pois quando se está vivo respira-se e quando morre não o acontece mais.

CURIOSIDADES!!!

Pré- socráticos

Os pré-socráticos, também chamados, ao longo da história da Filosofia, pré-platônicos e pré-aristotélicos, são os primeiros pensadores do Ocidente, aqueles que deram início ao questionamento filosófico.

Seus principais representantes são: Tales de Mileto (cerca de 625/4-558/47 a.C.), Anaximandro de Mileto (610/11- 547 a.C.), Anaxímenes de Mileto (585-528/5 a.C.), Xenófanes de Cólofon (Cerca de 570-470 a.C.), Heráclito de Éfeso (século VI a.c - século V), Pitágoras de Samos, Alcmeão de Cróton, Parmênides de Eléia, Zenão de Eléia (464/41 a.C.), Melisso de Samos, Empédocles de Agrigento (Cerca de 492/90-435 a.C.), Filolau de Cróton, Arquitas de Tarento, Anaxágoras de Clazômenas (499-428 a.c), Leucipo de Abdera, Demócrito de Abdera (460?-370? a.C.) (era comum, na Antiguidade, designar uma pessoa por seu nome e cidade de origem).

Segundo as afinidades existentes entre seus pensamentos, estes filósofos se agruparam em determinadas escolas, como a jônica, a milésia, a pitagórica, a eleática.

Fonte: http://urs.bira.nom.br/literatura/pensadores_pre_socraticos.htm, acessado em 28 de outubro de 2013

7 SUGESTÕES DE VÍDEOS

Filosofia pré-socrática – Heráclito, Demócrito e Parmênides

Postado por monicasfarias

Fonte: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=eDZWLDsEiI, acessado em 28 de outubro de 2013

Período pré-socrático

Postado por salefilo1

Fonte: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=m0W5c01EEjc, acessado em 28 de outubro de 2013

8 ATIVIDADES

A sala será dividida em quatro grupos, nos quais os alunos irão fazer o estudo do texto Período pré-socrático ou cosmológico (CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 35-36). Em seguida cada grupo irá elaborar questões sobre o tema estudado. Após a elaboração destas atividades as mesmas serão expostas no quadro para que todos possam responder.

9 AVALIAÇÃO

Entre os grupos divididos para as atividades, cada um ficará responsável pela elaboração de uma apresentação em PowerPoint do pensamento dos autores de cada uma das escolas do período pré-socrático (Escola Jônica – grupo 1; Escola Itálica – grupo 2; Escola Eleata – grupo 3; Escola da Pluralidade – grupo 4).

10 REFERÊNCIAS

MANNION, J. **O livro Completo da Filosofia**: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre. Trad. bras. Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

Fonte:

<http://www.brasilecola.com/filosofia/talles-mileto.htm>, acessado em 28 de outubro de 2013

http://urs.bira.nom.br/literatura/pensadores_pre_socraticos.htm, acessado em 28 de outubro de 2013

http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=eDZWLDsEiI, acessado em 28 de outubro de 2013

http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=m0W5c01EEjc, acessado em 28 de outubro de 2013



OS SOFISTAS

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Francisca Márcia Soares Pereira e José Edmar Lima Filho

1 OBJETIVO GERAL

Discutir a dimensão antropologizadora da Filosofia Sofística.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Expor a mudança de foco da Filosofia Grega do período cosmológico para o período antropológico com os sofistas;

Identificar o aparecimento do problema prático-educativo na Filosofia Sofística;

Entender a questão da persuasão dada na retórica sofista.

3 METODOLOGIA

Dinâmica em grupo, para envolver os discentes, seguida do estímulo à reflexão. Exposição do tema com o auxílio de slides.

4 INTRODUÇÃO:

Dinâmica: A importância da atenção

Essa dinâmica tem como objetivo ampliar a capacidade de escutar e observar.

Materiais: Jornal de papel

Passos: Cada participante ficará em pé em cima de um pedaço de jornal. Ao comando do professor os participantes ficam dentro, fora ou trocam de jornal. A cada momento de troca, o professor retira um jornal, restando no final apenas dois pedaços de jornais e dois participantes.

Fonte: <http://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamica-de-filosofia-dinamicas-de-grupo-para-aula-de-filosofia.php>, acessado em 28 de outubro de 2013

Essa dinâmica tem o objetivo de mostrar aos alunos que devemos estar sempre atentos ao que os outros falam, caso contrário podemos ser enganados.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Não será muito fácil influenciar a mente humana?

Mesmo com o passar do tempo, há muitas formas de influírem na mente humana, levando-nos, por vezes, ao erro, caso não sejamos críticos.

6 CONTEÚDO

Os Sofistas foram os filósofos que surgiram por volta do século V a.C., e substituíram a necessidade do filosofar sobre a totalidade (cosmos) pelo filosofar sobre o homem (antropologia). Os ensinamentos eram voltados para a construção de opiniões próprias (individuais), uma vez que eles mostravam à população que era necessário ter sabedoria e defender seu pensamento e seus ideais. O que é marcante nos Sofistas é que eles tinham o poder de persuadir os que se encontravam diante deles. Era comum aos sofistas a cobrança de taxas para mostrar seus conhecimentos e habilidades, bem como para ensiná-las.

Vejamos o que diz Sciacca:

Sofista é propriamente aquele que exercita a profissão de sábio (do mestre de virtudes) e ensina mediante estipêndio. O intento da sofística, mais que especulativo, é prático-educativo: a cultura (e a filosofia) como instrumento de formação do homem para a vida pública (do homem político) como meio de educação, limitada ao interesse por tudo o que é humano e pode ser útil aos assuntos públicos como aos privados. A filosofia tem por objeto o homem no mundo; portanto, torna-se antropologia.

O homem é considerado na imediatez empírica de indivíduo. [...] Na sofística [...] o problema do homem ocupa o primeiro lugar: é ele o sujeito ao qual a natureza “aparece”, pois é a lei que se substitui ao logos cósmico e supercósmico dos pré-sofistas. Ter reclamado a atenção sobre o homem, sobre sua atividade mundana e as normas

que a regulam; sobre o princípio subjetivo do conhecimento (o homem como sujeito do conhecer); ter despertado o sentido crítico da investigação contra todo dogmatismo, como interesse pelo concreto humano, são méritos inegáveis da sofística.

Mas, o concreto humano é colhido por ela na sua individualidade empírica. Tal é o homem de Protágoras de Abdera (o maior dos sofistas, nascido em 480 a.C., e falecido em 410 a.C.), no seu célebre fragmento: “O homem é medida de todas as coisas; das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são”. Assim começa a sua obra *Sobre a Verdade*, da qual conservamos poucos fragmentos. Como da outra *Sobre os Deuses*. Portanto, a verdade é relativa ao homem, todos os juízos, tanto afirmativos quanto negativos, são subjetivos. Não há verdade absoluta e objetiva; são subjetivamente verdadeiras as nossas impressões sensoriais. O sujeito (o homem individual) não é senão sensação e as coisas e as suas qualidades (o objeto) são como o sujeito as sente através de suas sensações variáveis (por exemplo, o mesmo ar, frio para mim, para um outro é quente). “conforme cada coisa parece para mim, assim é para mim e conforme parece a ti, assim é para ti”. Todas as opiniões são verdadeiras. O homem, em suma, não é medida fixa e sempre igual, mas medida que tem a mesma mobilidade das coisas a medir; há assim correspondência entre o sujeito sensitivo e a coisa sentida. Se o homem, em outras palavras, medisse as coisas com uma régua fixa, não mediria nada: o dever escaparia à fixidade da régua abstrata. A subjetividade do conhecimento corresponde plenamente à mutação das coisas. Indubitavelmente esta rebelião à metafísica da essência e ao racionalismo abstrato, que resolve o real e o existencial numa pura relação lógica de conceitos, tem o mérito (e é a sua positividade) de reivindicar a concreção do particular e o valor da sensação (não pode não ser subjetiva e, como tal, é verdadeira), mas erra (e é o seu limite) ao esvaziar o Ser no dever fenomênico e o conhecer no imediato subjetivo da ação.

Excluído um critério objetivo de conhecimento para distinguir o verdadeiro do falso, conclui que não importa a verdade disso que se diz (tanto que não há uma verdade objetiva, válida para todos)

mas o modo como se diz, não o conteúdo, mas a forma. Uma opinião se impõe sobre as outras não porque verdadeira, mas porque o fascínio da palavra de a “sutileza” do argumentar sabem gerar persuasão em quem ouve. É este o fim da retórica, da qual os sofistas foram grandes mestres. Mas, se as opiniões se distinguem consoante sejam verdadeiras ou falsas, se distinguem consoante sejam úteis ou danosas. O critério de juízo não é a verdade, mas a utilidade ou conveniência. A “virtude”, útil a ensinar, é de saber “tornar mais forte a razão mais fraca”. E disso Protágoras se jactava de ser mestre.

O sucesso dos sofistas como retores e educadores se explica tendo presente o momento político em que viveram e ensinaram. Atenas era regida pela democracia e a experiência demonstrava que nas assembléias populares se impunha à consideração e era indicado aos mais altos postos públicos quem sabia melhor arrastar o povo com a eloquência e persuadi-lo com a dialética. Por isso mesmo os sofistas ensinavam os jovens a fazerem carreira política: peregrinavam de cidade em cidade, dando lições a pagamento (pela primeira vez e em contraste com o desprezo que tinham os gregos por todo trabalho que implicasse remuneração) para adestrar a juventude, mais que na arte da palavra, nas outras noções à vida política e social, propiciando-lhe um saber de caráter enciclopédico e superficial, o suficiente para habituá-la à vida pública. Bem cedo a arte de disputar (dialética) se torna arte do discutir com as palavras (erística) e o que de vital havia na sofística se esterilizou em sutilezas lógicas, em raciocínios cavilosos só verdadeiros na aparência (sofismas). O nome de sofista assume a significação depreciativa, que encontramos em Platão (implacável adversário desses retores) e que com o tempo se tornou de uso comum.

Fonte: SCIACCA, M. F. História da Filosofia. Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967, p. 38-41

CURIOSIDADES!!!

Para saber um pouco mais...

Opalco dos sofistas? As casas particulares, as aulas improvisadas... Os sofistas viajavam de cidade em cidade à procura de alunos, levando consigo aqueles que já conseguiam arrebanhar. Poderão eles ser considerados pensadores? Talvez apenas pedagogos, educadores dos homens. Por um lado, educadores do espírito pela transmissão de um saber enciclopédico; por outro, a formação do espírito nos seus diversos campos. Um grande antagonismo espiritual... “Ao lado da formação meramente formal do entendimento, existiu igualmente nos sofistas uma educação formal no mais alto sentido da palavra, a qual não consistia já numa estruturação do entendimento e da linguagem, mas partia da totalidade das forças espirituais. É Protágoras quem a representa.” Para este sofista, são a poesia e a música as principais forças modeladoras da alma, assim como a gramática, a dialética e a retórica. Sempre em busca da conquista de plateias, os sofistas procuravam desenvolver o dom de pronunciar discursos convincentes e oportunos, usando palavras decisivas e bem fundamentadas.

Os sofistas vinculam-se à tradição educativa dos grandes poetas, desde Homero a Hesíodo, de Simónides a Píndaro. Estes últimos tornaram a poesia no palco de uma discussão intensa sobre educação, ao levarem o problema da possibilidade de ensinar a Arete para os seus poemas. Os sofistas fizeram o resto, fornecendo livros dos grandes poetas aos seus discípulos e transportando para o seio da sua prosa artística os mais diversos géneros de poesia moral e interpretando, metodicamente, os grandes poetas, a cujos ensinamentos se vincularam afincadamente. No entanto, esta interpretação era fria, imediata e intemporal. Os sofistas não embebiam o poema em si, mas sim todo o conhecimento que este lhes pudesse transmitir. Para eles, Homero é uma útil enciclopédia, onde figuram regras fulcrais para a vida e todos os conhecimentos humanos, como a construção de carros, as estratégias... “A educação heroica da epopeia e da tragédia é interpretada de um ponto de vista

francamente utilitário.” Para os sofistas, o uso dos poemas justifica-se pelo facto de estes permitirem alcançar uma pronúncia e dicção correcta das palavras.

Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/links/sofistas.htm>, acessado em 28 de outubro de 2013

7 SUGESTÕES DE VIDEOS

Os sofistas

Postado por Gilson Xavier de Azevedo

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=sr2l7qQxRs4>, acessado em 28 de outubro de 2013

Sofistas

Postado por guidyhotboy

Fonte: http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=IDRMRevZ0cA, acessado em 28 de outubro de 2013

8 ATIVIDADES

Após a explanação do conteúdo será proposto aos alunos um debate sobre o tema. A sala será dividida em dois grupos e cada grupo terá um tempo para responder as questões que o outro grupo irá fazer. O grupo vencedor será aquele que conseguir responder mais questões.

9 AVALIAÇÃO

A avaliação deste conteúdo exposto será realizada levando em consideração o interesse dos alunos e a participação dos mesmos nas atividades passadas no decorrer das aulas.

10 REFERÊNCIAS

GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus, 1997.

MANNION, J. **O livro Completo da Filosofia**: entenda os conceitos básicos dos grandes pensadores: de Sócrates a Sartre. Trad. bras. Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2008.

SCIACCA, M. F. **História da Filosofia**. Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967

Fonte:

<http://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamica-de-filosofia-dinamicas-de-grupo-para-aula-de-filosofia.php>, acessado em 28 de outubro de 2013

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras/links/sofistas.htm>, acessado em 28 de outubro de 2013

<http://www.youtube.com/watch?v=sr2l7qQxRs4>, acessado em 28 de outubro de 2013

http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=IDRMRevZ0cA, acessado em 28 de outubro de 2013



OS SOFISTAS E SÓCRATES

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Ana Cristina Alves da Costa, João Paulo Correia Moraes, Reginaldo Ferreira Rodrigues e Ermínio de Sousa Nascimento

1 OBJETIVO GERAL

Analisar o método como algo que conduz as pessoas para o conhecimento verdadeiro ou falso.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a retórica dos sofistas como um artifício de persuasão de forma lícita ou ilícita, pela ótica platônica;

Expor a dialética socrática como um caminho que prima pelo compromisso com a verdade.

3 METODOLOGIA

As atividades referentes ao tema em epígrafe serão desenvolvidas, em duas aulas, a partir de exposição oral por parte do professor e de discussão em grupo, com auxílio de textos selecionados previamente, além de REZENDE (1989) e ARANHA & MARTINS (2009) e de recursos audiovisuais para ilustrar a abordagem, sobretudo, com uma música e cenas de filmes.

A música sugerida é Lenha de Zeca Baleiro, para ser apresentada no primeiro encontro, no sentido de ilustrar a importância da reflexão na busca do conhecimento. No segundo encontro, recomenda-se o filme: Obrigado por fumar para apresentar o uso da ironia socrática e a retórica dos sofistas, associadas a princípios morais.

4 INTRODUÇÃO:

Para falar sobre os Sofistas e Sócrates é importante destacar que eles viveram no século V a.C., na Grécia Antiga, época em que a cidade de Atenas vivia uma democracia e que desenvolveu intensas

atividades culturais e artísticas. Neste período, esses pensadores inauguraram uma forma de reflexão que não mais se limitava as questões sobre a natureza, abordadas até então pelos pré-socráticos, para enfatizar a dimensão antropológica do conhecimento, destacando os temas moral e política.

Para motivar os alunos para refletir sobre as questões abordadas pelos Sofistas e Sócrates, recomenda-se a utilização da música Lenha de Zeca Baleiro. Após a música, passa-se para a problematização, para levar os alunos a pensarem sobre as suas certezas ou dúvidas.

Eu não sei dizer
O que quer dizer
O que vou dizer
Eu amo você
Mas não sei o quê
Isso quer dizer...
Eu não sei por que
Eu teimo em dizer
Que amo você
Se eu não sei dizer
O que quer dizer
O que vou dizer...
Se eu digo: Pare!
Você não repare
No que possa parecer
Se eu digo: Siga!
O que quer que eu diga
Você não vai entender
Mas se eu digo: Venha!
Você traz a lenha

Pro meu fogo acender
Mas se eu digo: Venha!
Você traz a lenha
Pro meu fogo acender...
Eu não sei dizer
O que quer dizer
O que vou dizer
Eu amo você
Mas não sei o quê
Isso quer dizer...
Eu não sei por que
Eu teimo em dizer
Que amo você
Se eu não sei dizer
O que quer dizer
O que vou dizer...
Se eu digo: Pare!
Você não repare
No que possa parecer
Se eu digo: Siga!
O que quer que eu diga
Você não vai entender
Mas se eu digo: Venha!
Você traz a lenha
Pro meu fogo acender...
Mas se eu digo: Venha!
Você traz a lenha
Pro meu fogo acender...(5x)

5 PROBLEMATIZAÇÃO

- Você sabe o que é saber?
- Você já se perguntou pelo por que das coisas?
- Você sabe quem é você mesmo?

6 CONTEÚDO

Vejam os que Rezende sugere sobre os Sofistas:

O termo sofista originalmente significa sábio, mas foi usado pelo filósofo Platão

(427 – 348) de forma pejorativa para se referir a alguns professores que se dedicavam a ministrar aulas de forma ambulante e cobravam pelas mesmas. Entre esses professores estão: Protágoras, Górgias, Trasímaco e Hípias de Élide. Platão os considerava como charlatões por se utilizarem de técnicas de argumentação com intuito de vencer os embates de forma lícita ou ilícita. Eles não tinham o compromisso com a verdade, mas apenas com interesses daqueles os procuravam para aprender alguma coisa que pudesse contribuir para se dar bem na vida pública ou privada.

Em parte, a democracia vivenciada pelos atenienses no Século V a.C, contribuía para o florescimento das práticas realizadas pelos sofistas, uma vez que a arte do bem falar passava a ser uma constante nas assembléias (lugar reservado para escolher pessoas para ocupar cargos e tomar decisões), nas tomadas de decisões em relação ao destino da polis.

Para isto, os sofistas se utilizavam de um método persuasivo, denominado de erística ou retórico. Esse método consistia numa disputa verbal, com a qual se podia justificar qualquer coisa, mesmo que fosse de forma aparente. O importante não era dizer algo que fosse verdadeiro, mas que fosse convincente. Com essa técnica, os sofistas confundiam os adversários, levando-os ao ridículo, ganhando a disputa a qualquer custo. Os argumentos utilizados por eles sofrem de vícios e são conhecidos simplesmente como “sofismas”.

Entre esses pensadores que defendiam que a verdade não existe, encontra-se Protágoras que dizia que “o homem é a medida de todas as coisas”. Com esse entendimento acerca da verdade e do homem, pela ótica platônica, os sofistas inviabilizavam a possibilidade de um conhecimento científico, mas abria espaço para a constituição da liberdade e o exercício da política. Vale salientar que pelo arbítrio se podia exercer a vida política, mas não permitia que a política fosse pensada como uma ciência. Havendo, assim, uma desarticulação entre as contribuições da liberdade para a ação política e a constituição da política como ciência.

Fonte: REZENDE, Antônio (org). Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/SEAF, 1989

Quanto a Sócrates, Aranha e Martins sugerem:

Sócrates (470 – 399 a. C):

Sócrates, considerado por Platão como sendo o bom sofista, aquele que é sábio e justo, fez de sua vida uma busca constante pela verdade. Mas Sócrates não se considerava um sábio, ao contrário, ele sempre se considerava um ignorante. Aquele que nada sabe, tendo como uma de suas máximas “só sei que de nada sei”. Com essa máxima, ele dá início a um processo investigativo para encontrar a verdade utilizando-se de um método dialético baseado em dois momentos, a saber, a ironia e a maiêutica.

Para exercitar o seu método, Sócrates conversava com pessoas de qualquer casta social, de qualquer idade, e como a ironia significa em grego “perguntar”, ele, reconhecendo de nada saber, na tentativa de aprender alguma coisa, perguntava as pessoas que diziam saber alguma coisa sobre um determinado assunto. Usando de habilidades para perguntar, fazia com que as pessoas que acreditavam saber de algo, passassem a ter dúvidas sobre aquilo que acreditavam saber.

Após o interlocutor reconhecer a sua ignorância, Sócrates não se sentia um vencedor, mas ao contrário, iniciava a segunda etapa

de seu método, a maiêutica, que em grego quer dizer “parto”. Esse nome foi dado ao método socrático em homenagem a sua mãe, pelo fato dela ser parteira. E se a parteira ajudava as mulheres grávidas a darem a luz, então, o seu método ajudava as pessoas a parirem ideias.

Deste modo, Sócrates volta a perguntar àquelas pessoas que outrora tiveram as suas certezas destruídas pela ironia, para reconstruí-las em bases mais sólidas, mediadas pela maiêutica. É bom lembrar que ao se utilizar da ironia e da maiêutica não que dizer que Sócrates já tinha as respostas previamente, ele também se encontrava na condição de aprendiz e algumas vezes nos diálogos platônicos, não se chega a uma conclusão acerca de certos conceitos, ou seja, algumas questões analisadas por Sócrates e seus interlocutores ficaram sem respostas conceituais.

Sócrates queria que os atenienses ultrapassassem a esfera dos exemplos conhecidos por eles de homens virtuosos para pensar o que é a virtude, de exemplos de homens justos para pensar sobre a justiça, de exemplo de homem bom para pensar o que é o bem em si mesmo, etc. ele queria que as pessoas pensassem em conceitos universais e não apenas em situações pontuais. Esse modo de proceder de Sócrates passou a incomodar as autoridades da democracia ateniense, fazendo com que ele fosse acusado de desrespeitar os deuses da cidade e de perverter a juventude. Essas acusações levaram Sócrates para a prisão e a ser condenado à morte. Sócrates, um homem justo, morreu injustamente. O que ele defendia era que as pessoas fossem capazes de produzir os seus próprios conhecimentos, numa perspectiva de autoconhecimento, ou seja, ele queria que cada pessoa pudesse conhecer a si mesmo – conhece a ti mesmo. Com isto ele pretendia que quem prosseguisse no percurso do autoconhecimento, não produzisse conhecimento do ponto de vista epistemológico, mas ao mesmo tempo também produzisse valores para guiar a sua vida na polis.

Fonte: ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2009

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Música:

Lenha

Intérprete: Zeca Baleiro

Composição: Zeca Baleiro

Álbum: Vô imbolá (1999)

Gravadora: Universal

Filme:

Obrigado por fumar

Título Original: Thank you for Smoking

Ano de Lançamento: 2005

Gênero: Comédia/Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 92 minutos

Direção: Jason Reitman.

Estúdio/Distribuição: Fox.

8 ATIVIDADE:

Sugere-se a aplicação de um questionário, contendo as seguintes perguntas:

Faça uma análise comparativa da música Lenha de Zeca Baleiro com a afirmação socrática de que “Só sei que de nada sei”.

Qual a diferença entre o método dos sofistas e o método socrático?

Com base no método socrático, responda: você sabe quem é você?

Justifique a sua resposta.

No seu entendimento, qual dos métodos é mais utilizado na mídia: o socrático ou o dos sofistas? Justifique a sua resposta.

Que motivos você tem para usar o método socrático ou o método dos sofistas no seu dia-a-dia?

9 AVALIAÇÃO

Para avaliar os alunos, pode-se utilizar a correção das questões da atividade indicada acima ou a produção de um texto em forma de diálogo, em dupla, em que os alunos possam utilizar a dialética socrática ou a retórica dos sofistas sobre um tema baseado em um filme, em uma música, na leitura de um texto, um episódio da TV ou de nosso cotidiano.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REZENDE, A. (org). **Curso de filosofia**: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/SEAF, 1989.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores associados, 2009.

A MORAL SOCRÁTICA

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Ana Cristina Alves da Costa, João Paulo Correia Morais, Reginaldo Ferreira Rodrigues e Ermínio de Sousa Nascimento.

1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre o conceito de moral em Sócrates, tendo como norte os

princípios de seu próprio agir dentro da pólis grega.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender a compreensão dos alunos acerca do conceito de moral;

Explicitar a ideia da moral como uma construção histórico-social;

Perceber a ideia socrática da relação entre saber e agir;

3 METODOLOGIA

Distribuir para os alunos uma ficha com os dados bibliográficos de Sócrates, recolher e em seguida, solicitar que os mesmos, a partir da tirinha de Quino intitulada Gente (QUINO. Gente. Lisboa: Dom Quixote, 1991), façam uma interpretação por escrito e leiam para os colegas.

4 INTRODUÇÃO

Mais do que nunca, hoje parece imprescindível discutir ética e moral, seja pela “crise de valores” (expressão célebre, mas pouco explicativa) pela qual passa nossa sociedade, seja pelos abusos encontrados no mundo da política profissional ou pelos avanços das ciências biomédicas que precisam de uma definição do conceito de vida humana, dentre outras questões. Por essa razão, à luz do posicionamento moral de Sócrates e da cidadania ateniense, para

quem a honra e a justiça se apresentavam como os elementos norteadores do fazer e do agir humano, é possível que encontremos elementos de reflexão que nos ajude a pensar nosso modo de comportamento atual.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Como são constituídos os princípios morais nas sociedades? Como são feitas as regras, as normas e a lei? Como é estabelecido numa sociedade o que é o justo?

A partir disso, pode-se aprofundar um estudo sobre a ética como princípio particular e universal que busca levar a felicidade individual e coletiva

(articulação com a política).

6 CONTEÚDO

Em Sócrates, a questão moral parece estar estreitamente ligada com a questão gnoseológica por uma razão simples: aquele que conhece a verdade, a qual é acessível à alma (uma vez que ela nos pode conceder normas para o pensamento coerente), também saberá por sua alma quais as regras de conduta às quais se deve seguir. A consequência disso não pode ser outra que não a autonomia ética, a qual, segundo Chauí, “é a consequência necessária da força inata da razão” (CHAUÍ, 2002, p. 201).

Não é sem razão, portanto, que Sócrates indique que o vício é próprio do ignorante, posto que o que conhece a verdade, também sabe o que é a virtude e, por isso, não se esquivará de vivenciá-la.

Vejamos o que Chauí afirma:

Do Laques e do Mênon podemos concluir as ideias fundamentais da filosofia socrática:

Não é possível definir uma virtude sem definir a essência da virtude (da areté), isto é, a virtude é uma totalidade com qualidades ou propriedades essenciais que devem estar presentes em todas as suas partes. Antes, portanto, de indagar se uma certa forma de conduta é ou não virtuosa é preciso indagar o que é a própria virtude.

Não é possível separar virtude e ciência, isto é, virtude e saber ou virtude e razão; a virtude é uma forma de conhecimento (a mais alta) e não um simples modo de agir. Agimos virtuosamente porque sabemos o que é a virtude.

Não é possível conhecer a virtude e agir virtuosamente se não soubermos o que é a razão, e não saberemos o que é a razão se não soubermos o que é a alma (psykhé) enquanto inteligência racional. A essência da alma é a razão; e a ignorância, a doença da alma e origem de todos os vícios.

A razão é a capacidade para chegar às ideias das coisas pela distinção entre aparência sensível e realidade, entre opinião e verdade, entre imagem e conceito, acidente e essência. A razão é o poder da alma para conhecer as essências das coisas.

A alma é diferente do corpo; é a consciência de si, das coisas, do bem e do mal, da justiça e da virtude. É a inteligência enquanto reflexão (conhecimento de si mesma) e interrogação sobre a verdade e realidade das coisas; é o poder intelectual para descobrir em si mesma e por si mesma a verdade e para dar a si mesma e por si mesma as regras da vida ética virtuosa.

As coisas de que trata a filosofia não são as coisas naturais da cosmologia, mas as qualidades morais e políticas dos homens e os meios de conhecê-las.

A finalidade da vida ética (ou filosofia) é a felicidade e esta se encontra na autonomia, isto é, na capacidade do homem para, por meio do saber, dar a si mesmo suas próprias leis e regras de conduta [...]

CHAUÍ, M. Introdução à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 201-202

7 SUGESTÃO DE FILME

Sócrates

Título Original: Sócrates.

Ano de Lançamento: 1971

Gênero: Drama.

País de origem: Espanha, Itália e França.

Duração: 120 minutos.

Direção: Roberto Rossellini.

Estúdio/Distribuição: Versátil.

Co-produção Orizzonte 2000-RAI-TVE, Televisione Spagnola e ORTF.

8 ATIVIDADE

Leitura do seguinte trecho do Críton:

Sócrates: Não devemos em hipótese alguma cometer injustiça voluntariamente, ou devemos cometê-la em certas circunstâncias, mas não em outras? Não é, como concordamos frequentemente em ocasiões anteriores, jamais bom e nobre cometer injustiça? Ou terão sido invalidadas todas aquelas nossas anteriores conclusões nestes poucos dias? Teremos nós, homens velhos, Críton, deixado de perceber continuamente que em nossas conversações seriamente entretidas não nos revelamos melhores do que crianças? Ou não é o que costumávamos dizer com certeza verdadeiro, a despeito da maioria das pessoas concordar ou não? E independentemente de termos que suportar sofrimentos ainda mais dolorosos do que estes, ou mais brandos, não constitui o cometimento da injustiça de um modo ou outro um mal e uma infâmia para quem o comete? Julgamos ser assim ou não?

Críton: Julgamos.

Sócrates: Então a conclusão é que não devemos cometer o que é injusto em hipótese alguma.

Críton: Decerto que não.

(Críton 49 a-b)

Aplicação de questionário com as seguintes perguntas:

O que entendemos (ou o que você entende) por moral?

Qual a posição de Sócrates em relação ao assunto abordado no texto?

O texto sugere questões que poderíamos discutir? Quais?

9 AVALIAÇÃO

Solicitar aos alunos (i) a confecção de uma biografia de Sócrates contendo o processo de condenação e expor em mural, ou (ii) citar um trecho do Críton e pedir uma interpretação individual.

10 REFERÊNCIAS

HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999 .

PLATÃO. **A República** (Livro VII). Brasília: Universalidade de Brasília, 1985, p. 46-51.

_____. **Diálogos III** (socráticos). Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2008.

QUINO. *Gente*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores associados, 2009.

SÁTIRO, A. & WUENSCH, A. M. **Pensando Melhor**: Iniciação ao Filosofar. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.



A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO: DISTINÇÃO ENTRE MUNDO SENSÍVEL E MUNDO INTELIGÍVEL

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Ana Cristina Alves da Costa, João Paulo Correia Moraes,
Reginaldo Ferreira Rodrigues e Ermínio de Sousa Nascimento.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir a distinção platônica entre mundo sensível e mundo inteligível a partir da Alegoria da Caverna.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar os conceitos de ideia, suprassensível e sensível em Platão;

Expor a tese da imortalidade da alma;

Entender o contexto geral do pensamento de Platão a partir da Alegoria da Caverna.

3 METODOLOGIA

Inicialmente haverá uma introdução sobre a Alegoria da Caverna com a tirinha As sombras da vida de Maurício Sousa, inspirada no pensamento do filósofo grego Platão. Em seguida haverá a leitura do capítulo VII do livro A República utilizando o livro didático Filosofando: Introdução à Filosofia (ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009, p. 164-165).

Na aula seguinte, para fazer com que os alunos lembrem-se do que foi visto na aula anterior, será passado o vídeo O mito da caverna – Filosofia (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=7->

BBKQ1sszI), acessado em 05 de novembro de 2013. Por fim os alunos ouvirão a música Na Contramão, da cantora Lorena Chaves, a partir da qual os alunos irão acompanhar e analisar algumas das passagens, contextualizando-a com a alegoria da caverna.

4 INTRODUÇÃO

A Alegoria da Caverna é abordada em um dos mais clássicos textos da história da Filosofia. Escrita no século IV a. C., como parte da obra A República, o trecho tem o objetivo de apresentar alegoricamente uma breve visualização da teoria do conhecimento e da paidéia de Platão, em que transparece a tese platônica segundo a qual “conhecer a verdade é ver com os olhos da alma ou com os olhos da inteligência” (CHAUÍ, 2002, p. 258), de tal maneira que o ato de conhecer é como que uma libertação e, portanto, como uma iluminação das trevas do não saber. Por essa razão, Chauí lembra que “a paidéia filosófica é uma conversão da alma voltando-se do sensível para o inteligível” (CHAUÍ, 2002, p. 261).

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Será que ainda hoje existem certas formas de cavernas?

Como identificar as cavernas existentes na contemporaneidade?

6 CONTEÚDO

É importante ter em conta os aspectos fundamentais da Alegoria da Caverna de Platão ao lado de uma interpretação fundamentada. Vejamos o que Jaeger diz sobre o tema:

A caverna: uma imagem da paidéia

Depois do que deixamos dito – assim inicia Sócrates a sua famosa narração sobre os habitantes da caverna – comparai o nosso temperamento e os nossos dotes, no tocante à paidéia e a apaideusia, com o seguinte episódio. E pinta homens vivendo numa caverna subterrânea que se abre para a luz por uma comprida galeria. Os moradores desta caverna vivem presos nela desde a meninice e só

lhes é permitido olhar para a frente. Estão de costas para a saída. Longe deles, no fim da galeria por onde se vai para a luz, arde uma fogueira cujos clarões iluminam, por cima das cabeças dos prisioneiros, a parede do fundo da caverna. Entre eles e a fogueira corre no alto um caminho e ao longo dele uma parede, semelhante a um biombo dos teatros de títeres, atrás do qual se esconde o operador para manobrar os seus bonecos. Por detrás desta parede passa gente carregada de vários objetos e figuras de madeira e de pedra, algumas vezes em silêncio e outras falando. Estes objetos são mais altos que o muro e o fogo projeta-lhes a sombra na parede interior da gruta. Os prisioneiros, que não podem voltar a cabeça para a saída da gruta e que, portanto, nunca viram senão as sombras durante a vida inteira, é natural que as considerem como a realidade, e quando, ao vê-las passar, ouvem o eco das vozes dos portadores, julgam ouvir a linguagem das sombras.

Suponhamos agora que um dos prisioneiros era posto em liberdade, saía para a luz e a fitava: seria incapaz de contemplar as cores brilhantes das coisas cujas sombras vira antes e não acreditaria em quem lhe afiançasse que era nulo tudo o que vira anteriormente e que os seus olhos contemplavam agora um mundo de realidade superior à de outrora. Este homem estaria firmemente convencido de que as imagens de sombras às quais estava habituada é que constituíam a verdadeira realidade e correria para esconder-se outra vez na gruta, com os olhos doloridos. Precisaria ir se acostumando, à força do tempo, antes de estar em condições de contemplar o mundo da luz. A princípio, não poderia ver senão sombras, em seguida já conseguiria ver as imagens dos homens e das coisas refletidas na água, e só por fim estaria apto a ver diretamente as próprias coisas. Contemplaria depois o céu e as estrelas da noite e a sua luz, até que por fim se sentiria capaz de olhar o Sol, não o seu reflexo nas águas ou em outros objetos, mas o próprio Sol, em toda a sua pureza e no lugar que verdadeiramente ocupa. Veria então que é ele que produz as diferentes estações do ano e a sucessão dos anos, que reina sobre tudo o que sucede no mundo do visível e é a causa de tudo o que ele e os outros prisioneiros sempre tinham contemplado,

embora só como sombras. E lembrando-se da sua morada anterior, da consciência das coisas que tinha lá e dos seus companheiros de prisão, considera-se feliz pela mudança ocorrida e lamenta os seus amigos irmãos de cativeiro. E supondo que entre os prisioneiros existiam honras e distinções para premiar aqueles que distinguissem mais perfeitamente as sombras que diante deles viam passar e aqueles que melhor recordassem quais as que “costumavam” passar antes, quais depois e quais ao mesmo tempo, estando assim em condições de prever melhor o que iria acontecer (alusão aos políticos sem outra norma senão a rotina), não seria fácil ao cativo resgatado desejar aquelas honras; mas, tal como o Aquiles de Homero, preferiria ser o mais humilde jornaleiro do mundo da luz do espírito a ser o rei daquele mundo de sombras. E se por acaso voltasse outra vez ao interior da caverna e se pusesse, como antigamente, a rivalizar com os outros cativos, cairia no ridículo, pois já não conseguiria ver nada nas sombras e lhe diriam que arruinara os olhos ao sair para a luz. E se procurasse libertar qualquer dos outros e arrancá-lo das trevas, correria o risco de o matarem, caso pudessem apoderar-se da sua pessoa.

O próprio Platão se encarrega de interpretar esta alegoria. Para saber o que significa, é só relacioná-la com o que procede, isto é, com a alegoria do Sol e com a proporção matemática das gradações do Ser. A caverna corresponde ao mundo do visível e o Sol é o fogo cuja luz se projeta dentro dela. A ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível. É como sua “esperança” pessoal que Sócrates, já que Glaucon lhe pediu, apresenta isto. Sabe Deus se será certo, mas é assim que ele o vê. O conceito de esperança é aqui empregado com especial referência à expectativa que o iniciado nos mistérios experimenta em relação ao além. A ideia da passagem do terreno à outra vida é aqui transferida para a passagem da alma do reino do visível ao reino do invisível. O conhecimento do verdadeiro Ser representa ainda a passagem do temporal ao eterno. A última coisa que na região do conhecimento puro a alma aprende a ver, “com esforço”, é a ideia do Bem. Mas, uma vez que aprende a vê-la, tem

necessariamente de chegar à conclusão de que esta ideia é a causa de tudo o que no mundo existe de belo e de justo, e de que forçosamente deve tê-la contemplado quem quiser agir racionalmente tanto na vida privada como na pública. A repugnância do verdadeiro filósofo em se ocupar dos assuntos humanos e a sua ânsia de permanecer nas alturas nada tem de surpreendente, se esta comparação corresponde à realidade; e é perfeitamente compreensível que o filósofo tenha de cair por força no ridículo, ao regressar deste espetáculo divino às misérias do mundo dos homens, pois os seus olhos, deslumbrados pela luz do alto, ainda não se habituaram às trevas. Porém, os transtornos desorientadores da visão que afetam os olhos da alma, quando ela desce da luz às trevas, são diferentes dos que se produzem ao passar das sombras da ignorância para a luz, e quem chegar ao fundo do problema não se rirá, mas considerará, num caso, feliz a alma, e no outro a lamentará.

Fonte: JAEGER, W. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 883-886

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS, VÍDEOS E FILMES

Música:

Na contramão

Intérprete: Lorena Chaves

Composição: Lorena Chaves

Álbum: Lorena Chaves (2012)

Gravadora: Som Livre

Vídeo:

O mito da caverna – Filosofia

Postado por Carlos Henrique

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=7-BBKQ1sszI>, acessado em 15 de outubro de 2013

Filme:

A ilha

Título Original: The Island.

Ano de Lançamento: 2005

Gênero: Suspense.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 136 minutos.

Direção: Michael Bay.

Estúdio/Distribuição: Warner Bros.

8 ATIVIDADE

Como atividade sugere-se o seguinte questionário:

O que é alegoria?

O qual a diferença entre mito e alegoria?

Qual a relação entre a alegoria da caverna e o mundo em que vivemos?

Quais os tipos de caverna existem na nossa sociedade?

Você acha que ainda existem pessoas pressas às sombras? Por quê?

Outra proposta seria a elaboração de um breve texto em casa fazendo uma comparação sobre o que seria a caverna na atualidade.

9 AVALIAÇÃO

Na avaliação pode-se utilizar a correção dos textos produzidos em casa pelos alunos, ou uma produção livre ou, por exemplo, a produção de uma peça teatral sobre a Alegoria da Caverna.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JAEGER, W. Paidéia: **a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLATÃO. **A República** (Livro VII). Brasília: Universalidade de Brasília, 1985, p.46-51.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores associados, 2009.

SÁTIRO, A. & WUENSCH, A. M. **Pensando Melhor**: Iniciação ao Filosofar. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.



O CONHECIMENTO EM PLATÃO

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Ana Cristina Alves da Costa, João Paulo Correia Moraes, Reginaldo Ferreira Rodrigues e Ermínio de Sousa Nascimento.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir a constituição do conhecimento no pensamento platônico.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Especificar a posição platônica sobre os graus de conhecimento;

Explicar os quatro graus de conhecimento em Platão (crença, opinião, raciocínio e intuição intelectual);

Identificar a diferença entre conhecimento sensível e conhecimento intelectual;

Entender a vinculação entre a teoria do conhecimento (reminiscência) e a teoria das ideias em Platão.

3 METODOLOGIA

Contar para os alunos de forma oral a alegoria da caverna e o mito de Er, contidas respectivamente no Livro VII e X de A República. Em seguida, deve-se pedir que eles, em grupo, escrevam, cada um a seu modo, a narrativa, que depois deve ser compartilhada com turma.

4 INTRODUÇÃO

Platão se interessou por resolver o problema do ser das coisas, o que vai constituir sua Metafísica, em virtude tanto da herança da discussão Parmênides-Heráclito (ser-devir) quanto do relativismo da verdade depois de Protágoras. Era preciso que Platão solucionasse a ambiguidade legada por seus antecessores, procurando resguardar a possibilidade de subsistência de uma verdade imutável, por um lado,

e a viabilidade da mudança e da instabilidade do devir, por outro. Daí surgir a necessidade de diferenciar entre “realidade” sensível e realidade suprassensível.

A questão do conhecimento em Platão não pode ser compreendida sem uma ligação necessária com o tema da teoria das ideias, uma vez que há uma diferença extremamente relevante na perspectiva platônica entre conhecimento sensível e conhecimento intelectual.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

De onde vem o nosso saber? Já nascemos com o saber ou começamos a saber depois de nascer? Existe algo dentro de nós que nos faz conhecer (diferentemente dos animais e das plantas, por exemplo)? Podemos saber tudo? O que podemos saber?

6 CONTEÚDO

Conhecer em Platão é recordar. Isso diz a maioria dos estudiosos, evocando o conceito de teoria da reminiscência. De fato, Platão elabora, em seu pensamento, traços que nos levam a interpretar assim a questão do saber. O próprio texto Mênon trata dessa questão, investigando se é inato ou adquirido. Claro que Platão defende que a Razão é uma estrutura que o homem possui desde o nascimento. No entanto, jamais negará o papel que o sensível vai desempenhar para fazer o homem organizar o conhecimento. O conceito de psiqué, mente e alma ao mesmo tempo, é importante (jamais confundir alma com o conceito cristão!).

Vejamos o que Sciacca tem a dizer sobre o tema:

OS GRAUS DO CONHECIMENTO E A ASCENÇÃO DIALÉTICA.

O primeiro é a conjuntura [conjectura] ou conhecimento das imagens (eikasía); o segundo, o conhecimento perceptivo ou crença (pístis). São os dois graus do conhecimento sensorial ou opinião (dóxa) que tem por objeto o mundo do devir; graus inferiores do conhecer, que ainda não são ciência, que é do universal e não do

particular. Começa, então, porém a entrever-se obscuramente a verdade e isso incita a alma a ultrapassar o sensível. A insatisfação, a inquietação da mente são fecundíssimas: o entrever a estimula à ascese sem interrupção até o “ver”. Alma ansiosa de ascender é a do filósofo, pois filosofia significa “amor da sabedoria”, “loucura” (mania) da verdade.

Para Platão a sensação (aísthesis) é um obstáculo ao conhecimento do Invisível, como se lê sobretudo no Fédon, o diálogo do “outro mundo” e da condenação do corpo e dos sentidos incertos e corruptores. Todavia, à sensação, reconhece ele uma função insubstituível e ineliminável: a) As contradições dos dados sensíveis (iguais que não são iguais, símiles que depois são dissímiles etc.), são possíveis graças à existência do Igual, do Símil etc. As coisas iguais ou símiles, precisamente por esta sua indeterminação jamais perfeitamente determinada e determinável, são uma remissão à Essência em si. b) A contradição que é remissão, como tal, é também provocadora do intelecto. Ela desperta, desconcerta, excita a mente. O tender do sentido a algo, que jamais é o algo determinado e imutável, incita o intelecto a ultrapassar o contraditório sentir. A insuficiência do sensível estimula a mente a reentrar em si mesma, a remete àquilo que dentro dela a sensação despertou. O choque provocado pelos sentidos arranca do olvido conhecimentos já possuídos pela alma e depois esquecidos. Portanto, por um lado, o sensível, simples estímulo exterior, permanece fora do processo dialético do conhecer; por outro, a sensação é um elemento constitutivo dele.

No livro VII da República, além de reconhecer que a sensação quando se limita ao simples sentir (com o olho percebo o meu dedo) é conhecimento digno de confiança, Platão retorna sobre o mesmo tema: a sensação coloca a mente diante das contradições (percebo o meu dedo ora pequeno ora grande). A alma adverte uma aporia e é obrigada a abrir um “inquérito” (epískepsis), isto é, a exercitar sobre contradições o pensamento (nóesis). É um convite irresistível que exige um esforço improrrogável: trata-se de iniciar o trabalho de construção da ciência, cujo conteúdo não comporta

mais contradições. Início de construção, que é precedido [...] por um outro início: a lembrança de um saber esquecido e agora suscitado pela sensação. Portanto, da insuficiência do sentir nasce a exigência invencível do saber.

Em suma, não há experiência sem sensação; mas a experiência é possível por uma atividade da alma que não é mais puro sentir: a experiência é síntese de dados sensíveis e de reflexões sobre eles: é o pensamento que medeia, confronta e relaciona. Esta é a doutrina platônica da sensação e da percepção. Na sensação são imanentes os elementos que incitam o pensamento a ultrapassá-la, a transcendê-la: as contradições do sentido reclamam um esclarecimento e uma composição; por isso a sensação é um reenvio ao pensamento. Um reenvio e um indício: as diversas coisas, iguais ou semelhantes formulam o problema do Igual e do Semelhante que sejam perfeitamente tais. Assim o intelecto está em condições de notar as contradições dos sentidos enquanto possui um conceito básico pelo qual julga as sensações, de outro modo não perceberia nem mesmo a sua contraditoriedade. O sentir é indício seguro de um modo inteligível que não é objeto dos sentidos, mas do intelecto. A sensação sugere, contém um apelo ao conceito com o objetivo de fixar relações entre os sentidos, o constrói em experiência organizada: ela, que é imanência do sentido ao imediato e subjetivo sentir, é no entanto transcendência. É preciso porém penetrá-la, saber ouvir a voz dos sentidos, que não chama apenas à aparência que passa, mas ao ser que transcende e permanece. O homem vulgar se agarra ao sentido: não descobre o indício, não percebe o apelo; o filósofo sabe ver na aparência os reflexos atenuados de um mundo distante, de outra natureza, sabe “ler” as contradições, sabe a propósito delas fazer discurso. As sensações e os sentidos, portanto, significam, testemunham do ser que transcende e do qual está neles apenas um reflexo, a essência, pela qual são inteligíveis. Trata-se de saber ver nas coisas o que escondem, que é depois aquilo pelo qual valem. Não é verdade que a natureza não ensina nada, como dizia Sócrates: o Divino em si transcendente pode ser conhecido nas coisas como o reflexo do ótimo Deus-Artífice vertido no Substrato material.

As coisas podem ser tocadas e vistas; as Ideias são impalpáveis e invisíveis. Mas as corpóreas coisas compostas são descomponíveis e mutáveis. Delas é a beleza de um dia, vivido na inquieta aspiração aos Entes simples e invisíveis e imutáveis.

Assim Platão fixava para sempre a supremacia da Ideia sobre a coisa, do valor sobre o fato, sem negar a este último aquele grau de realidade que lhe compete, significativo, mais que pelo que é, pelo que não é e ao qual reenvia, pelo desejo que ascende, em quem o penetra, no Ser em si que o faz ser e que o transcende. Por isso ainda a sensação sugere, desperta a Ideia a quem sabe adquirir consciência do apelo que ela contém à Essência eterna e perfeita, da qual são cópia o grau do ser que está nas coisas e o saber que está em nós. A sensação é o primeiro momento da dialética: não conclusão, mas início do conhecimento. Ciência intermediária entre a dóxa e a nóesis (inteligência intuitiva) é a diánoia (raciocínio), pensamento “discursivo” peculiar ao conhecimento matemático, terceiro grau da dialética, mas que não é ainda a “intelecção” pura, constitutiva do epistême, o saber verdadeiro e próprio. É também ela, como a filosofia, ciência das essências totais, mas, obrigada a servir-se sempre de figuras visíveis, fica inferior à nóesis. Platão não teria sido grego se não tivesse sentido vivíssimo o “helênico amor da medida e a perícia do definir”; mas ele acolhe a matemática no conjunto das ciências educativas e, portanto, dentre as que devem ser ensinadas já que ela contribui, mais que qualquer outra, mas menos que a filosofia, à ascensão da alma ao Divino. Também a matemática tem uma eminente significação “humanística”: formação do homem na ciência, que é também elevação moral, o seu fundar-se na ascese e na contemplação do Inteligível. A diánoia é o prelúdio indispensável da nóesis. Grande e pequeno, simples e diverso, um e mais, são contradições que despertam o intelecto: o raciocínio aplanas e, em lugar dos contrastes, põe as noções estáveis e idênticas: a unidade abstrata e a série dos números (aritmética); a grandeza abstrata e as linhas ideais (geometria). Eis a “música” do raciocínio, o prelúdio necessário, como dizia, do saber, o vestibulo do sagrado templo. A

matemática, para Platão, como para os pitagóricos, é uma espécie de linguagem divina.

É flagrante a diferença entre o método matemático e o filosófico. A matemática “finge” hipóteses das quais não dá razão: observa apenas se “o que resulta” (sym baínonta) acorda ou não com elas. Os supostos da filosofia, ao contrário, não são senão trampolins, “pontos de apoio para ir além”, até chegar ao incondicionado, que, como tal, nada supõe e se basta a si mesmo. O matemático se contenta que a possibilidade do saber (que não é efetivo saber), da qual parte, não seja desmentida pelo que resulta: contenta-se com um “signo” coerente, cuja necessidade, devida a um método simbólico, é puramente lógica, como se lê no Fédon e na República. O caminho ascendente (epánodos) da dialética, ao contrário, é o da insatisfação: elevar-se sempre para o “ainda mais alto”, até o ponto de colher (mas a filosofia, em verdade, não colhe senão a imagem dele) o fundamento incondicionado. Deduzir dele não significa prova ou verificação; é o desprender-se do ser de todas as suas manifestações.

O movimento do pensamento ou dialética se completa no puro inteligível, na contemplação das Ideias em si mesmas, “passando delas nelas, indo para elas para concluir finalmente nelas”. É o último grau do conhecer, o onhecimento filosófico (nóesis) ou das Essências em si, a inteligência com a qual se conhece (mesmo se jamais e plenamente e perfeitamente, enquanto a alma está unida a um corpo), o Ser absoluto e incondicionado, as Ideias. Aqui se cumpre a ascensão dialética da alma. O caminho ascendente tocou o princípio não provisório e não fictício: a filosofia realizou todas as suas possibilidades. É a visão do Saber em si? Sim, mas como se reflete na nossa mente e, pois, sempre saber abstrato do Saber divino. Também a contemplação é ainda desejo, que a filosofia tem acesso, e vivo, mas que não pode satisfazer.

A “dialética” em Platão é um termo rico de significações e por isso complexo. Indica ele contemporaneamente o processo do conhecer do grau ínfimo da eikasía ao máximo da epistémē; o caminho ascendente “deste” ao “outro” mundo; a viagem de

purificações da alma do sensível ao Inteligível; os graus de iniciação à ciência libertadora, que é sabedoria como “exercício para morrer” pela conquista do Ser verdadeira destinação da alma cuja posse é a sua beatitude. E como a dialética é a filosofia, esta é ao mesmo tempo conhecimento e moralidade, atitude teórica não separada (mas com a qual não é confundida) da atitude prática, espírito científico místico. A filosofia é “exercício”, “preparação” para a “outra vida”: praticar dialética é prover à “salvação” da alma. A filosofia é, precisamente, soteria.

Fonte: SCIACCA, M. F. História da Filosofia. Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967, p. 66-69

7 SUGESTÃO DE VÍDEOS E FILMES

Vídeo:

Platão – A República (Parte 1 – Teoria do Conhecimento)

Postado por Escola de Filosofia

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=Kts3Wt2HPrk>, acessado em 15 de outubro de 2013

Filme:

Matrix

Título Original: The Matrix.

Ano de Lançamento: 1999

Gênero: Ficção.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 136 minutos.

Direção: Andy Wachowski e Larry Wachowski.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

8 ATIVIDADE

O que é conhecer?

Como são feitas as ideias?

Você conhece as coisas por meio dos sentidos ou da razão?
Precisamos dos outros para conhecer?

9 AVALIAÇÃO

A avaliação pode ser feita por meio de produção textual de 20 linhas a partir da frase: “Quanto mais se vê, mais se aprende. A vida é um álbum de fotografias em tamanho natural”. Observar se o aluno se apropriou dos estudos que fez a partir da teoria de Platão.

10 REFERÊNCIAS

HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PLATÃO. **A República** (Livro VII). Brasília: Universalidade de Brasília, 1985, p. 6-51.

_____. **Diálogos III** (socráticos). Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2008.

QUINO. *Gente*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula:** teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores associados, 2009.

SÁTIRO, A. & WUENSCH, A. M. **Pensando Melhor:** Iniciação ao Filosofar. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

THOMAL, A. **O desafio de pensar sobre o pensar.** Santa Catarina: Sophos, 2006.

A POLÍTICA EM PLATÃO: A DEMOCRACIA GREGA E A REPÚBLICA

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Ana Cristina Alves da Costa, João Paulo Correia Morais,
Reginaldo Ferreira Rodrigues e Ermínio de Sousa Nascimento.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir a democracia grega do período de Platão.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar a organização política da Grécia do tempo de Platão;

Expor a importância do papel do cidadão na constituição política da Grécia Antiga;

Expor o modelo de Estado apresentado por Platão.

3 METODOLOGIA

Leitura da introdução deste material, seguida da audição da música Que país é este (composição de Renato Russo). Após a escuta da música, levantar os questionamentos da problematização e seguir com a exposição oral do conteúdo por parte do professor, depois do qual se deve aplicar a atividade proposta.

4 INTRODUÇÃO

O tema da política aparece em Platão em decorrência de sua própria experiência de vida com o regime de organização da pólis grega de sua época. A famosa Carta VII esclarece as vivências do filósofo. Os trechos que se seguem dizem respeito ao contato de Platão (i) com o chamado Governo dos Trinta e, a seguir, (ii) com o período posterior à derrocada dos Trinta, em que se deu a morte de seu amigo Sócrates.

(i) Outrora, em minha juventude, experimentei o que experimentaram tantos jovens. Esperava entrar na política tão logo pudesse dispor de mim mesmo. Eis como eu via os negócios da Cidade: a forma de governo estando vivamente atacada de diversos lados, tomou-se uma resolução, a de colocar à testa do governo cinquenta e um cidadãos, onze na cidade, dez no Pireu (esses dois grupos foram postos à frente da agora e de tudo o que concernia à administração da Cidade), mas trinta constituíam a autoridade suprema com poder absoluto. Muitos dentre eles eram meus parentes ou meus conhecidos e logo me convidaram para as tarefas nas quais me consideravam apto. Deixei-me levar por ilusões que não eram surpreendentes em razão de minha juventude. Imaginava que governariam a Cidade reconduzindo-a da injustiça à justiça. Por isso observei ansiosamente o que iriam fazer. Ora, vi esses homens nos levarem em pouco tempo a lamentar a antiga ordem como uma idade de ouro. Entre outros fatos, quiseram associar meu amigo Sócrates, que não temo proclamar o homem mais justo de seu tempo, a alguns outros encarregados de levar à força um cidadão para executá-lo e isso com o propósito de comprometer Sócrates voluntária ou involuntariamente, com a política deles. Sócrates não obedeceu e preferiu expor-se aos piores perigos a tornar-se cúmplice de ações criminosas. Em vista dessas coisas e outras do mesmo tipo e de não menor importância, fiquei indignado e me afastei das misérias desse tempo. Logo os Trinta caíram e com ele todo regime.

(ii) Mais uma vez, se bem que menos entusiasmado, fui movido pelo desejo de me envolver nos negócios do Estado. Era um período de desordens. Tiveram lugar, então, muitos fatos revoltantes e não é extraordinário que as revoltas tenham servido para multiplicar atos de vingança pessoal. Contudo, os que retornaram nesse momento usaram de muita moderação. Mas não sei o que aconteceu. Pessoas poderosas arrastaram diante dos tribunais esse mesmo Sócrates, nosso amigo, e levantaram contra ele uma acusação das mais graves e que seguramente não merecia: foi citado por alguns

diante do tribunal, acusado de impiedade e por este crime o condenaram, fazendo morrer o homem que não quisera participar da criminosa detenção de um destes que o julgavam agora, um que estava banido quando todos estes também estavam em desgraça.

[...] Vendo isso e vendo os homens que conduziam a política, quanto mais considerava as leis e os costumes e quanto mais avançava em idade, mais me parecia difícil administrar bem os negócios da Cidade. De um lado, isto não me parecia possível quando não se tem amigos e colaboradores fieis. Ora, entre os cidadãos do tempo não era fácil encontrá-los, pois a Cidade já não era governada segundo os usos e costumes de nossos antepassados. Quanto a arranjar outros novos, não se podia esperar fazê-lo sem grande dificuldade. De outro lado, a lei e a moral estavam de tal modo corrompidas que eu, antes cheio de ardor para trabalhar para o bem comum, considerando esta situação, e vendo como tudo era mal administrado, acabei por ficar aturdido. Não cessava, porém, de observar secretamente sinais possíveis de uma melhora nesses acontecimentos e especialmente no regime político, esperando, para agir, o momento oportuno. Finalmente, compreendi que todos os Estados atuais são mal governados, pois sua legislação é quase irremediável sem enérgicas providências unidas a felizes circunstâncias. Fui, então, levado a louvar a verdadeira filosofia e a proclamar que somente à sua luz se pode reconhecer onde está a justiça na vida pública e na vida privada. Portanto, os males não cessarão para os homens antes que a estirpe dos puros filósofos chegue ao poder ou que os governantes das Cidades, por uma graça divina, se ponham verdadeiramente a filosofar. (Carta VII, Apud CHAUÍ, M. Introdução à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 216-217)

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Será que a democracia hoje em dia assegura os direitos dos cidadãos?

Todas as pessoas têm os mesmos direitos diante da lei e do Estado?

O que falta para a democracia ser “o governo do povo”?

Você conhece alguma injustiça praticada por um governo democrático?

A democracia de hoje já o levou a alguma forma de indignação?

Você tem ou já teve vontade de se dedicar à vida política? Por quê?

Diante de tantos fatos de corrupção, ainda há “salvação” para a política atual?

6 CONTEÚDO

Pela leitura dos trechos da Carta VII de Platão, utilizados na Introdução, é possível perceber que o filósofo encontrou graves deficiências na conjuntura política de seu tempo, as quais inclusive o fizeram definir por um momento em seu desejo de atuar na vida pública. Como nós, Platão parece ter experimentado certas injustiças (e por isso o conceito de justiça é o que sustenta a proposta política platônica) que o tornaram um tanto desiludido com a política de sua época, o que não está muito distante de nossa realidade atual.

Vejamos o que Giles diz sobre o tema:

Platão

A base e fundamento do Estado platônico é a justiça e o Estado justo é aquele que realiza a maior unidade possível, fato decorrente de o governo estar nas mãos dos verdadeiros filósofos. O ponto de partida para a elaboração desse modelo de Estado é a análise das condições gerais que levam as sociedades à corrupção e à injustiça. A sociedade é um fato natural, pois se fundamenta na necessidade, que exige a colaboração e a troca de serviços. A multiplicidade das necessidades, às quais um só homem não pode suprir, leva

à associação, no mesmo local, de várias pessoas que se tornam associadas e auxiliares mútuas. À medida que surgem contatos com outros grupos, surge também a produção em excesso e a consequente exportação, a qual leva a uma multidão de necessidades de artigos e serviços de luxo e à consequente multiplicação de pessoas inúteis, parasitas inevitáveis em um organismo já doentio. O território torna-se muito exíguo para a densidade da população e procura-se aumentá-lo mediante a guerra. Exige-se portanto a delimitação do território, a divisão clara de funções e consequentemente das classes, distinguindo-se rigorosamente entre a classe de dirigentes e aqueles que serão seus auxiliares, seguida pela classe dos agricultores, operários e comerciantes de toda espécie. Esta última classe tem por função única servir e por virtude cívica obedecer. Entretanto, é a solidariedade das funções que dá ao Estado a sua mais alta unidade e lhe confere a justiça e temperança. Essa unidade será garantida e mantida por uma regulamentação geral e rigorosa.

Quanto à passagem do Estado atual para o Estado justo, basta que o filósofo seja investido, por um golpe de Estado, com autoridade absoluta. Logo em seguida, banirá para os campos todos os habitantes com mais de dez anos de idade, ficando apenas com os mais jovens, que ainda não foram corrompidos e serão devidamente formados. Assim, surgirá mais rápido e facilmente o Estado ideal, de que todos os demais são degenerações. Estes são a timocracia, dominada pelo orgulho e a ambição, a que se acrescentam logo a hipocrisia e a avareza, que transformam os chefes em lobos ferozes; a oligarquia, baseada na obsessão pelo dinheiro e pelos prazeres; a democracia, caracterizada pela liberdade desenfreada, a indisciplina e a inveja; e a tirania, que oprime a todos. Cada um desses governos leva em si o germe fatal da sua destruição e substituição por um governo pior do que ele. Nessas formas decaídas de Estado, a justiça é apenas um apanágio de um ou de uns poucos.

Para Platão, a solução é uma só, como é dito na Carta Sétima:

Portanto, os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos chegue ao poder ou antes que

os chefes das cidades, por uma divina graça, se ponham a filosofar verdadeiramente.

Fonte: GILES, T. R. Introdução à filosofia. São Paulo: EPU & Editora da Universidade de São Paulo, 1979, p. 191-192

Para saber mais...

Platão (427 - 348 a.C) nasceu em Atenas. Seu pai era descendente de Codro, o último rei de Atenas, sua mãe apresentava um parentesco com Sólon, grande homem público e legislador de Atenas. O filósofo ainda podia contar com a ajuda de seu tio Cármides e de seu primo Crítias. Ambos desenvolveram um papel de destaque no governo oligárquico, isto é, governo de um pequeno grupo que predomina uma facção nos altos cargos e direção dos negócios públicos. Essa influência política que Platão obteve por meio de sua família contribuiu para que ele dedicasse sua vida aos interesses políticos.

Outro fato que contribuiu para esse interesse de Platão foi o seu encontro com Sócrates. Sendo ele uma pessoa devota da poesia, certo dia, direcionava-se rumo ao teatro, onde aconteceria uma disputa poética, foi quando se deparou com Sócrates falando aos jovens; nesta época Platão tinha cerca de vinte anos, desde então começou a segui-lo. Visitando-o periodicamente, [...] seu principal objetivo era conseguir por meio da filosofia competência para atuar na vida política.

Platão se desiludiu com a política praticada em sua época, ao presenciar, em 399 a.C. seu mestre Sócrates, comparecer diante do tribunal de justiça de Atenas, onde o mesmo foi acusado pelo poeta Meleto de corromper a juventude induzindo-os a não acreditar nos deuses da cidade, estimulando-os a honrar novas divindades. Em síntese, Sócrates foi condenado à morte e como a democracia era o regime vigente da época, os democratas foram os responsáveis por sua condenação. Assim, Platão presenciou a democracia ateniense declarando culpado seu admirável mestre Sócrates. Tamanha foi a sua decepção em relação a esse regime político (REALE & ANTISERI, 1990, p. 126).

Com esse fato, Platão passou a defender que para uma sociedade ser bem dirigida, é necessário que os verdadeiros filósofos tornem-se reis, ou que por meio de uma intervenção divina os reis tornem-se filósofos verdadeiros. Platão desejava encontrar alguém capaz de se tornar um rei-filósofo. Em sua trajetória Platão realizou algumas viagens, tendo como principal objetivo encontrar um discípulo com habilidades de ser um rei-filósofo.

E no sétimo livro da República, obra que trata da estrutura e funcionamento da política na polis, Platão narra a alegoria da caverna. Ele fala que aquele que pretendesse dedicar a vida política, não pode ser movido por ambições pessoais, também expressa que os filósofos ao saírem da caverna contemplam a verdadeira luz e que aquele escolhido para governar deve ser belo e sábio. Para ele, após todos os estágios de formação das pessoas na república, a partir dos anos, depois de contemplar o bem, cada um estará apto para desenvolver suas funções políticas, cooperando fielmente para o bem do Estado.

Com esse entendimento, segundo Platão, o governo da polis deve ser confiado aos mais sábios, sendo assim, ele apresenta a “sofocracia”, ou seja, poder dos mais sábios. Dessa forma, é possível observar na República de Platão que somente à luz da filosofia torna-se possível reconhecer a justiça em todos os aspectos da vida. De acordo com Platão a existência de um Estado autêntico fundado no conceito de justiça e do bem só seria possível caso um político passasse a ser filósofo (ou vice-versa). Assim sendo, é necessário que cada homem viva de acordo com as leis da justiça e do bem.

Na concepção de Platão em A República, o Estado é uma instância responsável pela condução de cada indivíduo na sociedade, no entanto, esse Estado pode ser entendido como justo ou injusto.

Em virtude da necessidade de transformação política, Platão formulou um modelo de “Estado perfeito”. Em A República, ele questiona o problema da justiça, a qual se revela como uma virtude política. Essa virtude não exprime apenas o cumprimento das leis impostas pelo Estado, mas está além das regras humanas.

Por este motivo, Sócrates, na referida obra, vai se contrapor à teoria de que a justiça equivale à justiça do mais forte, despertando nos envolvidos o sentimento de luta por interesses. De acordo com Platão, a justiça é um bem em si, tão necessário quanto os sentidos ou atributos inerentes ao homem. O Estado perfeito de Platão tem por fundamento a justiça, sendo indispensável ao homem.

Deste modo, Estado e alma fazem parte da mesma natureza e da mesma estrutura pois:

Na realidade, a imagem por ele traçada da justiça e da sua função no Estado perfeito não corresponde à experiência real da vida do Estado, mas é, sim, uma imagem reflexa da teoria de Platão sobre a alma e suas partes, a qual se proteja, ampliada, na concepção que ele tem do Estado e das suas classes (JAEGER, 2001, p.762).

Platão explica que para o bom funcionamento do Estado é indispensável que os governantes recebam uma boa educação. Dessa forma, os governantes do Estado ideal são submetidos a um processo seletivo, onde recebem uma preparação mais adequada para exercer tal função. Esses devem estar comprometidos com o bem e além de tudo, conduzir os indivíduos de modo a tenderem para o caminho do bem, pois a preocupação desses governantes deve ser com o bem comum, no entanto, aquele que se dispõe a realizar o teste e consequentemente consegue obter êxito nesse processo de seleção, já pode ser considerado um guardião, tendo sempre o cuidado de zelar pela polis.

Em relação à vida dos governantes, Platão determina que esses devem estar à inteira disposição do Estado, [...] receberão do Estado apenas a alimentação e vestuário, pois um governante não pode ser movido por ambições, nem tão pouco honrar ao dinheiro, assim sendo, ele não pode possuir nenhum bem e nenhum dinheiro. O governante deve estar a serviço do povo porque ele é a pessoa mais qualificada para governar e não porque ela quer governar apenas.

Fonte: SILVA, S. L. A Proposta pedagógica de Platão: a educação do cidadão na polis governada pelo rei filósofo. Sobral: 2010, Monografia (Graduação em Filosofia) – CFCR, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Orientador: Ermínio de Sousa Nascimento.

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Músicas:

Que país é este?

Intérprete: Legião Urbana

Composição: Renato Russo

Álbum: Que país é este? (1987)

Gravadora: EMI

Pra não dizer que não falei das flores

Intérprete: Geraldo Vandré

Composição: Geraldo Vandré

Álbum: Geraldo Vandré - Pérolas (2000)*

Gravadora: Som Livre

** A primeira gravação dessa música veio a lume através de um compacto simples, no ano de 1968, pela gravadora Som Maior/RGE, que além dela trazia a faixa “Fica mal com Deus”.*

Podres poderes

Intérprete: Caetano Veloso

Composição: Caetano Veloso

Álbum: Velô (1984)

Gravadora: Philips

Filmes:

Tudo pelo poder

Título Original: The Ides of March.

Ano de Lançamento: 2011

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 101 minutos.

Direção: George Clooney.

Estúdio/Distribuição: Califórnia Filmes.

A vida de David Gale

Título Original: The Life of David Gale.

Ano de Lançamento: 2003

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos/Alemanha/Reino Unido.

Duração: 130 minutos.

Direção: Alan Parker.

Estúdio/Distribuição: Universal Home Video.

A condenação

Título Original: Conviction.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 107 minutos.

Direção: Tony Goldwyn.

Estúdio/Distribuição: Vinny Filmes.

Mary e Martha: Unidas pela esperança

Título Original: Mary and Martha

Ano de Lançamento: 2013

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos/Reino Unido.

Duração: 90 minutos.

Direção: Phillip Noyce.

Estúdio/Distribuição: Working Title Television, in association
with the BBC and NBC Universal.

8 ATIVIDADE

Pedir que os alunos reúnam-se em pequenos grupos para responder às seguintes questões:

Por que será que há tanta corrupção no mundo da política hoje?

Se a política se fundamenta na busca pelo bem comum, pode-se dizer que o modelo político que temos é, de fato, política? Por quê?

As decepções com a política devem nos levar a ficarmos alheios a ela?

9 AVALIAÇÃO

Pesquisa na internet sobre as coisas boas que têm acontecido no mundo em relação às conquistas políticas e levar na aula seguinte. A ideia é mostrar que, apesar dos muitos problemas com a política que temos hoje, ainda há bons exemplos de pessoas e países que se preocupam com o bem coletivo.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GILES, T. R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU & Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

JAEGER, W. Paidéia: **a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLATÃO, **A República** (ou da justiça). Trad. Textos Complementares e Notas: Edson Bini. Bauru: Edipro, 2006.

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena R. Pereira. 3ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

PLATÃO, **Vida e Obra**, S/C, Nova Cultura, 1996 (Coleção os Pensadores).

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1990.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores associados, 2009.

SÁTIRO, A. & WUENSCH, A. M. **Pensando Melhor**: Iniciação ao Filosofar. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SILVA, S. L. “**A Proposta pedagógica de Platão**: a educação do cidadão na polis governada pelo rei filósofo”. Sobral: 2010, Monografia (de graduação em Filosofia) – CFCR, Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA (Orientador: Ermínio de Sousa Nascimento).

Fonte: http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/26_Antonio_Martins.pdf, acessado em 20 de outubro de 2013

A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir os conceitos centrais da metafísica aristotélica.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a origem e o fundamento das coisas numa perspectiva filosófica;

Explicar o significado da metafísica para a Filosofia Antiga;

Relacionar os conceitos fundamentais da metafísica de Aristóteles com o cotidiano dos alunos.

3 METODOLOGIA

Aula expositiva com questões que motivem os alunos a refletirem sobre o tema proposto. Em seguida os alunos devem ser estimulados a expor suas opiniões sobre o tema, a partir de suas experiências, culminando com a leitura de textos de Filosofia, pela qual se deve dar um direcionamento filosófico às opiniões dos alunos.

4 INTRODUÇÃO

Você já se perguntou o que existe em todos os seres humanos que faz com que, mesmo sendo diferentes, continuem sendo seres humanos e que, por exemplo, não está contido numa folha de papel? Por que será que os seres humanos e uma folha de papel são tão diferentes? Vejamos o que diz Chauí sobre a questão:

Por que uma coisa pode mudar e, no entanto, conservar sua identidade individual, de tal maneira que podemos dizer que é a mesma coisa, ainda que a vejamos diferente do que fora antes?

Como sabemos que uma determinada roseira é a mesma que, no ano passado, não passava de um ramo com poucas folhas e sem flor? Como sabemos que Paulo, hoje adulto, é o mesmo Paulo que conhecemos criança? Por que sinto que sei que sou diferente das coisas? Porém, por que também sinto que sei que um outro corpo, diferente e semelhante do meu, não é uma coisa, mas um alguém? Por que eu e o outro podemos ver de modo diferente, sentir e gostar de modo diferente, discordar sobre tantas coisas, fazer coisas diferentes e, no entanto, ambos admitimos, sem sombra de dúvida, que um triângulo, o número 5, o círculo, os arcos do palácio da Alvorada, ou as pirâmides do Egito são exatamente as mesmas coisas para ele e para mim?

Fonte: CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 206

5 PROBLEMATIZAÇÃO

O que é a existência? Qual sua finalidade?

Existe um sentido para o existir?

Os fatos da nossa vida ocorrem por acaso ou há alguma coisa que os determina?

6 CONTEÚDO

A metafísica de Aristóteles

[...] Embora a ontologia ou metafísica tenha começado com Parmênides e Platão, costuma-se atribuir seu nascimento a Aristóteles por três motivos principais:

1 diferentemente de seus dois predecessores, Aristóteles não julga o mundo das coisas sensíveis, ou a Natureza, um mundo aparente e ilusório. Pelo contrário, é um mundo real e verdadeiro cuja essência é, justamente, a multiplicidade de seres e a mudança incessante. Em lugar de afastar a multiplicidade e o devir como ilusões ou sombras do verdadeiro Ser, Aristóteles afirma que o ser da Natureza existe, é real, que seu modo próprio de existir é a mudança e que esta não é uma contradição impensável. É possível uma ciência

teorética verdadeira sobre a Natureza e a mudança: a física. Mas é preciso, primeiro, demonstrar que o objeto da física é um ser real e verdadeiro e isso é tarefa da Filosofia Primeira ou da meta-física;

2 diferentemente de seus dois predecessores, Aristóteles considera que a essência verdadeira das coisas naturais e dos seres humanos e de suas ações não está no mundo inteligível, separado do mundo sensível, onde as coisas físicas ou naturais existem e onde vivemos. As essências, diz Aristóteles, estão nas próprias coisas, nos próprios homens, nas próprias ações e é tarefa da Filosofia conhecê-las ali mesmo onde existem e acontecem. Como conhecê-las? Partindo da sensação até alcançar a inteligência. A essência de um ser ou de uma ação é conhecida pelo pensamento, que capta as propriedades internas desse ser ou dessa ação, sem as quais ele ou ela não seriam o que são. A metafísica não precisa abandonar este mundo, mas, ao contrário, é o conhecimento da essência do que existe em nosso mundo. O que distingue a ontologia ou metafísica dos outros saberes (isto é, das ciências e das técnicas) é o fato de que nela as verdades primeiras ou os princípios universais e toda e qualquer realidade são conhecidos direta ou indiretamente pelo pensamento ou por intuição intelectual, sem passar pela sensação, pela imaginação e pela memória;

Em 3 ao se dedicar à Filosofia Primeira ou metafísica, a Filosofia descobre que há diferentes tipos ou modalidades de essências ou de ousiai. Existe a essência dos seres físicos ou naturais (minerais, vegetais, animais, humanos), cujo modo de ser se caracteriza por nascer, viver, mudar, reproduzir-se e desaparecer – são seres em devir e que existem no devir. Existe a essência dos seres matemáticos, que não existem em si mesmos, mas existem como formas das coisas naturais, podendo, porém, ser separados delas pelo pensamento e ter suas essências conhecidas; são seres que, por essência, não nascem, não mudam, não se transformam nem perecem, não estando em devir nem no devir.

Existe a essência dos seres humanos, que compartilham com as coisas físicas o surgir, o mudar e o desaparecer, compartilhando com as plantas e os animais a capacidade para se reproduzir, mas distinguindo-

se de todos os outros seres por serem essencialmente racionais, dotados de vontade e de linguagem. Pela razão, conhecem; pela vontade, agem; pela experiência, criam técnicas e artes. E, finalmente, existe a essência de um ser eterno, imutável, imperecível, sempre idêntico a si mesmo, perfeito, imaterial, conhecido apenas pelo intelecto, que o conhece como separado de nosso mundo, superior a tudo que existe, e que é o ser por excelência: o ser divino.

Se há tão diferentes tipos de essências, se para cada uma delas há uma ciência (física, biologia, meteorologia, astronomia, psicologia, matemática, ética, política, etc.), deve haver uma ciência geral, mais ampla, mais universal, anterior a todas essas, cujo objeto não seja essa ou aquela modalidade de essência, mas a essência em geral. Trata-se de uma ciência teórica que investiga o que é a essência e aquilo que faz com que haja essências particulares e diferenciadas.

Essa ciência mais alta, mais ampla, mais universal, que se ocupa com a essência, que estuda por que há essências e como são as essências investigadas pelas demais ciências, é a Filosofia Primeira, escreve Aristóteles no primeiro livro da Metafísica.

A metafísica aristotélica

Na Metafísica, Aristóteles afirma que a Filosofia Primeira estuda os primeiros princípios e as causas primeiras de todas as coisas e investiga “o Ser enquanto Ser”.

Ao definir a ontologia ou metafísica como estudo do “Ser enquanto Ser”, Aristóteles está dizendo que a Filosofia Primeira estuda as essências sem diferenciar essências físicas, matemáticas, astronômicas, humanas, técnicas, etc., pois cabe às diferentes ciências estudá-las enquanto diferentes entre si. À metafísica cabem três estudos:

1 o do ser divino, a realidade primeira e suprema da qual todo o restante procura aproximar-se, imitando sua perfeição imutável. As coisas se transformam, diz Aristóteles, porque desejam encontrar sua essência total e perfeita, imutável como a essência divina. É pela mudança incessante que buscam imitar o que não muda nunca. Por

isso, o ser divino é o Primeiro Motor Imóvel do mundo, isto é, aquilo que, sem agir diretamente sobre as coisas, ficando à distância delas, as atrai, é desejado por elas. Tal desejo as faz mudar para, um dia, não mais mudar (esse desejo, diz Aristóteles, explica por que há o devir e por que o devir é eterno, pois as coisas naturais nunca poderão alcançar o que desejam, isto é, a perfeição imutável).

Observamos, assim, que Aristóteles, como Platão, também afirma que a Natureza ou o mundo físico ou humano imitam a perfeição do imutável; porém, diferentemente de Platão, para Aristóteles essa imitação não é uma cópia deformada, uma imagem ou sombra do Ser verdadeiro, mas o modo de existir ou de ser das coisas naturais e humanas.

A mudança ou o devir são a maneira pela qual a Natureza, ao seu modo, se aperfeiçoa e busca imitar a perfeição do imutável divino. O ser divino chama-se Primeiro Motor porque é o princípio que move toda a realidade, e chama-se Primeiro Motor Imóvel porque não se move e não é movido por nenhum outro ente, pois, como já vimos, movervi significa mudar, sofrer alterações qualitativas e quantitativas, nascer é perecer, e o ser divino, perfeito, não muda nunca;

2 o dos primeiros princípios e causas primeiras de todos os seres ou essências existentes;

3 o das propriedades ou atributos gerais de todos os seres, sejam eles quais forem, graças aos quais podemos determinar a essência particular de um ser particular existente. A essência ou ousia é a realidade primeira e última de um ser, aquilo sem o qual um ser não poderá existir ou sem o qual deixará de ser o que é. À essência, entendida sob essa perspectiva universal, Aristóteles dá o nome de substância: o substrato ou o suporte permanente de qualidades ou atributos necessários de um ser. A metafísica estuda a substância em geral.

Os principais conceitos da metafísica aristotélica

De maneira muito breve e simplificada, os principais conceitos da metafísica aristotélica (e que se tornarão as bases de toda a metafísica ocidental) podem ser assim resumidos:

primeiros princípios: são os três princípios que estudamos na lógica, isto é, identidade, não-contradição e terceiro excluído. Os princípios lógicos são ontológicos porque definem as condições sem as quais um ser não pode existir nem ser pensado; os primeiros princípios garantem, simultaneamente, a realidade e a racionalidade das coisas;

causas primeiras: são aquelas que explicam o que a essência é e também a origem e o motivo da existência de uma essência. Causa (para os gregos) significa não só o porquê de alguma coisa, mas também o o que e o como uma coisa é o que ela é. As causas primeiras nos dizem o que é, como é, por que é e para que é uma essência. São quatro as causas primeiras:

causa material, isto é, aquilo de que uma essência é feita, sua matéria (por exemplo, água, fogo, ar, terra);

causa formal, isto é, aquilo que explica a forma que uma essência possui (por exemplo, o rio ou o mar são formas da água; mesa é a forma assumida pela matéria madeira com a ação do carpinteiro; margarida é a forma que a matéria vegetal possui na essência de uma flor determinada, etc.);

causa eficiente ou motriz, isto é, aquilo que explica como uma matéria recebeu uma forma para constituir uma essência (por exemplo, o ato sexual é a causa eficiente que faz a matéria do espermatozóide e do óvulo receber a forma de um novo animal ou de uma criança; o carpinteiro é a causa eficiente que faz a madeira receber a forma da mesa; o fogo é a causa eficiente que faz os corpos frios tornarem-se quentes, etc.); e a causa final, isto é, a causa que dá o motivo, a razão ou finalidade para alguma coisa existir e ser tal como ela é (por exemplo, o bem comum é a causa final da política, a felicidade é a causa final da ação ética; a flor é a causa final da semente transformar-se em árvore; o Primeiro Motor Imóvel é a causa final do movimento dos seres naturais, etc.);

matéria: é o elemento de que as coisas da Natureza, os animais, os homens, os artefatos são feitos; sua principal característica é possuir virtualidades ou conter em si mesma possibilidades de transformação, isto é, de mudança;

forma: é o que individualiza e determina uma matéria, fazendo existir as coisas ou os seres particulares; sua principal característica é ser aquilo que uma essência é num determinado momento, pois a forma é o que atualiza as virtualidades contidas na matéria;

potência: é o que está contido numa matéria e pode vir a existir, se for atualizado por alguma causa; por exemplo, a criança é um adulto em potência ou um adulto em potencial; a semente é a árvore em potência ou em potencial;

ato: é a atualidade de uma matéria, isto é, sua forma num dado instante do tempo; o ato é a forma que atualizou uma potência contida na matéria. Por exemplo, a árvore é o ato da semente, o adulto é o ato da criança, a mesa é o ato da madeira, etc. Potência e matéria são idênticos, assim como forma e ato são idênticos. A matéria ou potência é uma realidade passiva que precisa do ato e da forma, isto é, da atividade que cria os seres determinados;

essência: é a unidade interna e indissolúvel entre uma matéria e uma forma, unidade que lhe dá um conjunto de propriedades ou atributos que a fazem ser necessariamente aquilo que ela é. Assim, por exemplo, um ser humano é por essência ou essencialmente um animal mortal racional dotado de vontade, gerado por outros semelhantes a ele e capaz de gerar outros semelhantes a ele, etc.;

acidente: é uma propriedade ou atributo que uma essência pode ter ou deixar de ter sem perder seu ser próprio. Por exemplo, um ser humano é racional ou mortal por essência, mas é baixo ou alto, gordo ou magro, negro ou branco, por acidente. A humanidade é a essência essencial (animal, mortal, racional, voluntário), enquanto o acidente é o que, existindo ou não existindo, nunca afeta o ser da essência (magro, gordo, alto, baixo, negro, branco). A essência é o universal; o acidente, o particular;

substância ou sujeito: é o substrato ou o suporte onde se realizam a matéria-potência, a forma-ato, onde estão os atributos essenciais e acidentais, sobre o qual agem as quatro causas (material, formal, eficiente e final) e que obedece aos três princípios lógico-ontológicos (identidade, não-contradição e terceiro excluído); em suma, é o

Ser. Aristóteles usa o conceito de substância em dois sentidos: num primeiro sentido, substância é o sujeito individual (Sócrates, esta mesa, esta flor, Maria, Pedro, este cão, etc.); num segundo sentido, a substância é o gênero ou a espécie a que o sujeito individual pertence (homem, grego; animal, bípede; vegetal, erva; mineral, ferro; etc.).

No primeiro sentido, a substância é um ser individual existente; no segundo é o conjunto das características gerais que os sujeitos de um gênero e de uma espécie possuem. Aristóteles fala em substância primeira para referir-se aos seres ou sujeitos individuais realmente existentes, com sua essência e seus acidentes (por exemplo, Sócrates); e em substância segunda para referir-se aos sujeitos universais, isto é, gêneros e espécies que não existem em si e por si mesmos, mas só existem encarnados nos indivíduos, podendo, porém, ser conhecidos pelo pensamento. Assim, por exemplo, o gênero “animal” e as espécies “vertebrado”, “mamífero” e “humano” não existem em si mesmos, mas existem em Sócrates ou através de Sócrates.

O gênero é um universal formado por um conjunto de propriedades da matéria e da forma que caracterizam o que há de comum nos seres de uma mesma espécie. A espécie também é um universal formado por um conjunto de propriedades da matéria e da forma que caracterizam o que há de comum nos indivíduos semelhantes. Assim, o gênero é formado por um conjunto de espécies semelhantes e as espécies, por um conjunto de indivíduos semelhantes. Os indivíduos ou substâncias primeiras são seres realmente existentes; os gêneros e as espécies ou substâncias segundas são universalidades que o pensamento conhece através dos indivíduos; predicados: são as oito categorias que vimos no estudo da lógica e que também são ontológicas, porque se referem à estrutura e ao modo de ser da substância ou da essência. Em outras palavras, os predicados atribuídos a uma substância ou essência são constitutivos de seu ser e de seu modo de ser, pois toda realidade pode ser conhecida porque possui qualidades (mortal, imortal, finito, infinito, bom, mau, etc.), quantidades (um, muitos, alguns, pouco, muito, grande, pequeno), relaciona-se com outros (igual, diferente, semelhante,

maior, menor, superior, inferior), está em algum lugar (aqui, ali, perto, longe, no alto, embaixo, em frente, atrás, etc.), está no tempo (antes, depois, agora, ontem, hoje, amanhã, de dia, de noite, sempre, nunca), realiza ações ou faz alguma coisa (anda, pensa, dorme, corta, cai, prende, cresce, nasce, morre, germina, frutifica, floresce, etc.) e sofre ações de outros seres (é cortado, é preso, é morto, é quebrado, é arrancado, é puxado, é atraído, é levado, é curado, é envenenado, etc.).

As categorias ou predicados podem ser essenciais ou acidentais, isto é, podem ser necessários e indispensáveis à natureza própria de um ser, ou podem ser algo que um ser possui por acaso ou que lhe acontece por acaso, sem afetar sua natureza.

Tomemos um exemplo. Se eu disser “Sócrates é homem”, necessariamente terei que lhe dar os seguintes predicados: mortal, racional, finito, animal, pensa, sente, anda, reproduz, fala, adoece, é semelhante a outros atenienses, é menor do que uma montanha e maior do que um gato, ama, odeia. Acidentalmente, ele poderá ter outros predicados: é feio, é baixo, é diferente da maioria dos atenienses, é casado, conversou com Laques, esteve no banquete de Agáton, esculpiu três estátuas, foi forçado a envenenar-se pelo tribunal de Atenas. Se nosso exemplo, porém, fosse uma substância genérica ou específica, todos os predicados teriam de ser essenciais, pois o acidente é o que acontece somente para o indivíduo existente e o gênero e a espécie são universais que só existem no pensamento e encarnados nas essências individuais.

Com esse conjunto de conceitos forma-se o quadro da ontologia ou metafísica aristotélica como explicação geral, universal e necessária do Ser, isto é, da realidade. Esse quadro conceitual será herdado pelos filósofos posteriores, que problematizarão alguns de seus aspectos, estabelecerão novos conceitos, suprimirão alguns outros, desenvolvendo o que conhecemos como metafísica ocidental.

A metafísica aristotélica inaugura, portanto, o estudo da estrutura geral de todos os seres ou as condições universais e necessárias que fazem com que exista um ser e que possa ser conhecido

pelo pensamento. Afirmar que a realidade no seu todo é inteligível ou conhecível e apresenta-se como conhecimento teórico da realidade sob todos os seus aspectos gerais ou universais, devendo preceder as investigações que cada ciência realiza sobre um tipo determinado de ser.

A metafísica investiga:

aquilo sem o que não há seres nem conhecimento dos seres: os três princípios lógico-ontológicos (identidade, não-contradição e terceiro excluído) e as quatro causas (material, formal, eficiente e final);

aquilo que faz um ser ser necessariamente o que ele é: matéria, potência, forma e ato;

aquilo que faz um ser ser necessariamente como ele é: essência e predicados ou categorias;

aquilo que faz um ser existir como algo determinado: a substância individual

(substância primeira) e a substância como gênero ou espécie (substância segunda).

É isto estudar “o Ser enquanto Ser”.

Fonte: CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 217-222

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS

Músicas:

Metafísica

Intérprete: Regis Valle

Composição: Regis Valle

Álbum: V Festival Vozes da Terra (2005)*

Gravadora: Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer - Feira de Santana – BA

Fonte: <http://www.vivafeira.com.br/vozesdaterra5/Surreal>, acessado em 20 de outubro de 2013

Interprete: Manitu

Composição: Alexandre Maia

Álbum: De tempos em tempos (2009)

Gravadora: Pólo Industrial de Manaus

8 ATIVIDADE

Sugere-se a realização de um debate em sala sobre os conceitos apresentados da metafísica aristotélica.

9 AVALIAÇÃO

Pode-se pedir aos alunos que listem conceitos metafísicos e tentem explicá-los por escrito.

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 3 ed. São Paulo: Paullus, 1990.



A LÓGICA DE ARISTÓTELES

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre os conceitos fundamentais da Lógica de Aristóteles.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar problemas lógicos;

Expor a silogística aristotélica;

Desenvolver o raciocínio lógico.

3 METODOLOGIA

Aula expositiva com levantamento de questões-problema, fazendo com que os alunos possam resolvê-las utilizando a lógica aristotélica.

4 INTRODUÇÃO

Muitas vezes na vida nós escutamos a expressão “É lógico!”, como sinônimo de “É óbvio!”, “É claro!” ou mesmo “É evidente!”. Mas, o que é a Lógica, afinal?

Para muitos autores, a Lógica é aquele campo da investigação científica que se destina a estudar as operações que o nosso pensamento realiza em sua atividade espontânea, de modo que seu objeto de estudo são as operações mentais, geralmente agrupadas em ideia, juízo e raciocínio.

No caso específico de Aristóteles, a lógica aparece como um instrumento (*organon*), e mais, um instrumento do qual nos servimos para conhecer, cujo fundamento reside em princípios

básicos e regras universais que estão contidas no nosso próprio pensamento.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

O que você entende por raciocínio lógico?

Será que nos esforçamos para desenvolver um raciocínio coerente?

Em que situações utilizamos o raciocínio lógico no nosso dia-a-dia?

Ele realmente pode nos ajudar a resolver problemas em nossa vida?

6 CONTEÚDO

Como dito na Introdução, a Lógica para Aristóteles nada mais é que um instrumento para o conhecimento e, portanto, constitui a base sem a qual é impossível a ciência. Precisamos, pois, estudar lógica, porque pensamos logicamente para conhecer as coisas.

A prova de que nós pensamos logicamente pode ser resumida já nos princípios lógicos fundamentais da lógica aristotélica, quais sejam, o princípio de identidade, o princípio de não-contradição e o princípio do terceiro excluído.

Pelo princípio de identidade, nosso pensamento nos obriga a assumir que tudo o que existe é sempre idêntico a si mesmo e que, portanto, todas as coisas podem ser predicados de si próprias (daí nós podermos dizer “João é João”, “Maria é Maria”, etc). O princípio de não-contradição, que complementa o anterior, diz que, uma vez que tudo o que existe é idêntico a si mesmo, uma coisa não pode ser e não ser no mesmo sentido e ao mesmo tempo (e, por isso, nossa inteligência rejeita afirmações como “O quadro em minha frente é branco, mas não é branco” ou “O pincel é azul, porém não é azul”. Nosso pensamento é imediatamente instigado a indagar: “Opa! É azul OU NÃO É AZUL?”). Quanto ao princípio do terceiro excluído geralmente se diz que, em Lógica, entre a verdade e a falsidade não

existe possibilidade de um meio-termo (de onde se segue que entre as proposições “O Brasil é um país” ou “O Brasil não é um país” deve haver uma delas que é verdadeira, sendo a outra necessariamente falsa).

Obviamente, a lógica aristotélica comporta muitos outros conceitos. Daí a necessidade de recorrermos a um material específico sobre o tema. Sugere-se, aqui, uma síntese do tema pela exposição das proposições categóricas até o silogismo aristotélico, por Silva:

A demonstração de um argumento coincide com a realização de uma operação de dedução. De acordo com Aristóteles, desempenham papel fundamental nessa atividade as chamadas proposições categóricas.

Nenhum atleta é vegetariano.

Todo jogador de futebol é atleta.

Logo, nenhum jogador de futebol é vegetariano.

As proposições categóricas agrupam classes em seu interior. No exemplo acima, encontramos a menção à classe dos vegetarianos, à classe dos atletas e a classe dos jogadores de futebol. As duas últimas classes mantêm uma estreita relação, estando a terceira contida na segunda; já a primeira, a classe dos vegetarianos, não mantém este tipo de relação com nenhuma das outras duas classes mencionadas.

Existem quatro tipos de proposições categóricas:

1 Universal afirmativa – Todo S é P. “A”. “Todas as focas amestradas são gordas”.

2 Universal negativa – Nenhum S é P. “E”. “Nenhuma foca amestrada é gorda”.

3 Particular afirmativa – Algum S é P. “I”. “Algumas focas amestradas são gordas”.

4 Particular negativa – Algum S não é P. “O”. “Algumas focas amestradas não são gordas”.

Os termos “todos”, “nenhum” e “alguns” são os chamados “quantificadores”, ou seja, indicam a quantidade no interior da proposição. Numa proposição categórica encontramos também o termo sujeito, a cópula e o termo predicado.

“Todos os lêmures sifaca são de Madagascar”.

Tipos de inferência imediata

O quadro tradicional de oposição

O termo oposição designa o modo como os termos sujeito e predicado podem mutuamente diferir quanto à qualidade e/ou quantidade numa proposição categorial.

Proposições contraditórias: uma proposição é a negação da outra. Proposições A e O e E e I são logicamente contraditórias.

“Todos os juízes são advogados”

“Alguns juízes não são advogados”

“Nenhum juiz é advogado”

“Alguns juízes são advogados”

Proposições contrárias: não podem ser ambas verdadeiras, embora possam ambas ser falsas. A tradição lógica sempre afirmou que as proposições A e E são contrárias.

“Todos os poetas são talentosos”

“Nenhum poeta é talentoso”

Proposições subcontrárias: não podem ambas ser falsas, embora ambas possam ser verdadeiras. Proposições I e O são logicamente subcontrárias.

“Alguns diamantes são pedras preciosas”

“Alguns diamantes não são pedras preciosas”

Proposições em subalternação: quando as proposições concordam quanto à qualidade do sujeito, diferindo apenas em relação à quantidade. É o caso das proposições A e I e E e O.

“Todas as aranhas têm oito patas”

“Algumas aranhas têm oito patas”

“Nenhuma aranha é um inseto”

“Algumas aranhas não são insetos”

Quadro de oposição das proposições categoriais

As inferências imediatas baseadas no Quadro de Oposição tradicional podem ser classificadas do seguinte modo:

Se A é verdadeira: E e O são falsas e I é verdadeira;

Se E é verdadeira: A e I são falsas e O é verdadeira;

Se I é verdadeira: E é falsa e A e O são indeterminadas.

Se O é verdadeira: A é falsa e E e I são indeterminadas.

Exemplo:

a. Todos os diretores bem sucedidos são homens inteligentes.

b. Nenhum diretor bem sucedido é um homem inteligente.

c. Alguns diretores bem sucedidos são homens inteligentes.

d. Alguns diretores bem sucedidos não são homens inteligentes.

Silogismo categórico

Um silogismo é um argumento cuja conclusão é inferida de duas premissas. Um silogismo categórico é formado por três proposições categóricas. Ele possui três termos, cada um deles presentes em duas das proposições.

Nenhum herói é covarde.

Alguns soldados são covardes.

Logo, alguns soldados não são heróis.

Reconhecemos a forma típica de silogismo do seguinte modo: na conclusão, o termo predicado é chamado termo maior; o termo sujeito, o termo menor. O terceiro termo, que não aparece na conclusão, é o chamado termo médio. Uma característica fundamental da forma típica de silogismo é que a premissa maior (ela contém sempre o termo maior) é sempre a primeira sentença, enquanto a segunda é chamada de premissa menor.

Fonte: SILVA, J. F. Lógica: proposições categoriais e silogismo aristotélico.

Fonte: <<http://www.metodista.br/eduCommons/faculdade-de-humanidades-e-direito/modulo-0>, acessado em 02 de dezembro de 2013

2-logica-e-filosofia-antiga/aula-1-logica-proposicoes-categoriais-e-silogismo-aristotelico/slides-da-aula>. Acessado em 2 dezembro. 2013

7 SUGESTÃO DE FILMES

Uma mente brilhante

Título Original: A Beautiful Mind.

Ano de Lançamento: 2001

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 135 minutos.

Direção: Ron Howard.
Estúdio/Distribuição: Paramount Pictures.
Gênio indomável
Título Original: Good Will Hunting.
Ano de Lançamento: 1997
Gênero: Drama.
País de origem: Estados Unidos.
Duração: 126 minutos.
Direção: Gus Van Sant.
Estúdio/Distribuição: Imagem Filmes.

8 ATIVIDADE

Sugere-se a elaboração de questões envolvendo os tipos de proposição (quanto à quantidade e à qualidade) e o silogismo categórico.

9 AVALIAÇÃO

Pedir para os alunos se reunirem em grupos e fazerem uma pesquisa na internet sobre as regras do silogismo aristotélico. Os alunos deverão levar um cartaz explicativo contendo as referidas regras na aula seguinte.

10 REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

Fonte:

SILVA, J. F. **Lógica**: proposições categoriais e silogismo aristotélico.

Disponível em: <<http://www.metodista.br/eduCommons/faculdade-de-humanidades-e-direito/modulo-0>, acessado em 02 de dezembro de 2013
2-logica-e-filosofia-antiga/aula-1-logica-proposicoes-categoriais-e-silogismo-aristotelico/slides-da-aula>. acessado em 02 de dezembro de 2013.



A ÉTICA EM ARISTÓTELES

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir o pensamento aristotélico sobre a ética.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender o pensamento aristotélico sobre o comportamento humano em sociedade;

Relacionar o pensamento ético de Aristóteles como o conceito de felicidade e as virtudes;

Relacionar a ética aristotélica com o comportamento moral do homem contemporâneo.

3 METODOLOGIA

Exposição de uma passagem do texto A Ética a Nicômaco, de Aristóteles, e em seguida tecer comentários sobre a passagem, relacionando-a com as práticas cotidianas dos alunos, tais como as atitudes individualistas, a interação entre os sujeitos e a sociedade. Por fim, será proposta uma redação sobre o tema discutido.

4 INTRODUÇÃO

A ética de Aristóteles é conhecida como uma ética teleológica, ou seja, que visa a um fim (telos). Esse fim que almeja a ação ética é a felicidade. Vamos refletir sobre a passagem abaixo retirada do livro I da obra Ética a Nicômaco:

LIVRO I

1

Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. Mas observa-se entre os fins uma certa diferença: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades que os produzem. Onde existem fins distintos das ações, são eles por natureza mais excelentes do que estas. Ora, como são muitas as ações, artes e ciências, muitos são também os seus fins: o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza. Mas quando tais artes se subordinam a uma única faculdade — assim como a selaria e as outras artes que se ocupam com os aprestos dos cavalos se incluem na arte da equitação, e esta, juntamente com todas as ações militares, na estratégia, há outras artes que também se incluem em terceiras —, em todas elas os fins das artes fundamentais devem ser preferidos a todos os fins subordinados, porque estes últimos são procurados a bem dos primeiros. Não faz diferença que os fins das ações sejam as próprias atividades ou algo distinto destas, como ocorre com as ciências que acabamos de mencionar.

2

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; e se é verdade que nem toda coisa desejamos com vistas em outra (porque, então, o processo se repetiria ao infinito, e inútil e vão seria o nosso desejo), evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem.

[...]

3

Retomemos a nossa investigação e procuremos determinar, à luz deste fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa a algum bem, quais afirmamos ser os objetivos da ciência política e qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela

ação. Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz.(ARISTÓTELES *Ética a Nicômaco*; *Poética*. Trad. bras. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Noval Cultural (Coleção Os Pensadores), 1991, p. 5-8

5 PROBLEMATIZAÇÃO

O que é ética para você?

Será verdade que todos nós buscamos ser felizes e que, a felicidade, parece determinar a escolha de nossas ações?

Qual sentido pode ter a ética de Aristóteles na vida do homem moderno?

6 CONTEÚDO

É lugar comum em Filosofia dizer que a ética aristotélica é, ao mesmo tempo, uma ética dos fins (ética consequencialista) e uma ética do contentamento (ética eudaimonista). Bem mais urgente que isso é importante dizer que a proposta ética de Aristóteles se pauta pela ideia de virtude ou de excelência moral, na qual exerce um papel fundamental tanto sua concepção antropológica quanto sua compreensão metafísica.

Sobre a ética aristotélica, Pegoraro sustenta:

[...] Aristóteles procurou, antes de qualquer outro passo, determinar da melhor maneira possível a finalidade própria do ser humano. Por isso, a primeira característica da ética aristotélica é a de ser finalista. Em todas as suas ações o homem visa alguma finalidade, alcançar um bem. Isto faz toda a pessoa consciente de si e de seu agir; só um desequilibrado, como o ébrio, pode fazer ações sem visar algum resultado, diz Aristóteles (EN, VII, 4). Há, porém, uma hierarquia de bens: alguns nós os procuramos em vista de obter outros bens; estes são, portanto, bens relativos a outros maiores

como, por exemplo, trabalhar para ganhar um bom salário para comprar uma casa e viver tranquilamente. Ora, diz Aristóteles, numa hierarquia de bens e fins ordenados uns aos outros é preciso que haja um bem final que sintetize todos e que será o fim último e supremo. Este bem é a felicidade: “Se há, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo o mais desejado por causa dela, e se escolhemos tudo por causa de algo mais (se fosse assim o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens” (EN, 1,1). Mas se todos concordam que a meta, o bem e a finalidade própria do homem é a felicidade, quando se trata de dizer em que consiste as discordâncias são muitas e irreconciliáveis. Aristóteles discute o conceito de felicidade a partir do que a cultura de seu tempo entendia por esta expressão. Para a plebe, a felicidade consiste nos prazeres e no gozo sensual. Mas os que defendem tais convicções, diz Aristóteles, “levam uma existência de escravos e de animais” (EN, 1,5).

Outras pessoas colocam a felicidade ou o supremo bem na honra, na glória e no aplauso que vem sobretudo da atividade política. Mas Aristóteles pondera que a honra não é um bem interior à pessoa mas exterior; são os outros que resolvem aplaudir-me. Uma pessoa assim “de fato parece depender mais de quem confere a honra do que de quem é honrado; nós, pelo contrário, consideramos que o bem é algo individualmente inalienável” (EN, 1,5).

Há também os que colocam a felicidade no acúmulo de riquezas. Aristóteles rebate: “É evidente que a riqueza não é o bem que buscamos; de fato, ela só existe em vista do lucro e é um meio para outra coisa” (EN, 1,5). Tais pessoas cometem o erro de converter um meio (riqueza) em fim (felicidade); riqueza não gera felicidade.

A quarta posição, a de Aristóteles, encontra-se numa página profunda onde entrelaçam-se a vida biológica, psicológica, ética e metafísica, ao mesmo tempo. Em síntese, Aristóteles diz que a felicidade está numa atividade, uma função da alma. Cada parte do homem cumpre uma função própria e exclusiva: assim, a função do

olho é olhar, a função do ouvido é ouvir e a função do pé é andar. Mas a pergunta é: se cada parte exerce uma função própria, não haveria uma função do homem como um todo? Qual seria esta função exclusiva? Responde Aristóteles: não será simplesmente o viver, pois também os vegetais vivem, se nutrem, crescem; nem será sentir prazer e dor, pois estes sentimentos existem também nos animais; mas o pensar, que não existe nem nos vegetais nem nos animais, é exclusividade do homem. Portanto, a atividade racional, o exercício da mente é a finalidade específica do homem e nisto está a sua realização final, a sua felicidade. Portanto a finalidade do homem é uma atividade racional, uma função da alma.

Fonte: PEGORARO, O. Ética dos maiores mestres através da história. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 41-43

7 SUGESTÃO DE FILMES

Coisas belas e sujas

Título Original: Dirty Pretty Things.

Ano de Lançamento: 2002

Gênero: Suspense.

País de origem: Reino Unido.

Duração: 97 minutos.

Direção: Stephen Frears.

Estúdio/Distribuição: Imagem Filmes.

À procura da felicidade

Título Original: The Pursuit of Happyness.

Ano de Lançamento: 1006

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 117 minutos.

Direção: Gabriele Muccino.

Estúdio/Distribuição: Columbia Pictures.

8 ATIVIDADE

Pode-se sugerir uma produção textual com base no trecho seguinte: “Para Aristóteles as virtudes éticas estão relacionadas ao fim supremo do homem (a felicidade), entretanto, a felicidade para o filósofo grego em questão, não está relacionada ao sentimento que habitualmente denominamos felicidade, e sim às atitudes guiadas por uma ‘justa medida’ na vida prática humana. Tendo por base essa ideia, desenvolva um texto dissertativo argumentativo sobre o seguinte tema: A Ética de Aristóteles e o meu cotidiano”.

9 AVALIAÇÃO

Participação oral do aluno e produção escrita (texto dissertativo-argumentativo sobre ética e a felicidade).

10 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**; Poética. Trad. bras. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Noval Cultural (Coleção Os Pensadores), 1991.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, São Paulo, 1994.

PEGORARO, O. **Ética dos maiores mestres através da história**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

REALE, G. **Historia da filosofia**: filosofia pagã antiga. Trad. bras. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

A POLÍTICA EM ARISTÓTELES

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar o pensamento político de Aristóteles.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Relacionar a amizade com a ação política;

Comparar o pensamento político aristotélico com a política vivenciada na contemporaneidade.

3 METODOLOGIA

Exposição oral sobre o tema e apresentação de charges, com o levantamento de questões para debate relacionadas com o pensamento político de Aristóteles, tais como o bem comum, a felicidade geral e a amizade, fazendo com que os alunos possam relacionar as questões com seu cotidiano e incentivando os mesmos a responderem tais questionamentos.

4 INTRODUÇÃO

Em nossos tempos a palavra política não tem trazido boas recordações. Os casos de corrupção diariamente mostrados pela mídia têm nos levado à desilusão com este tema. Infelizmente, assimilamos o conceito de política a um tipo específico de atividade realizada por indivíduos filiados a determinados grupos que chamamos partidos. Será, no entanto, que político é só o deputado, senador, governador, prefeito, presidente?

Aristóteles pode nos ajudar a compreender essa questão, ao dizer que o ser humano é um animal político, ou seja, é alguém que

não se basta a si mesmo, mas precisa dos outros, realizando isso no convívio social. Isso significa que faz parte da estrutura interna do ser humano a convivência política. Vamos refletir sobre esse tema a partir do seguinte:

O CRIME NOSSO DE CADA DIA



Imagem disponível em: <http://dukechargista.com.br/>. acessado em 02 de dezembro de 2013

Autor: Duke

Na charge “O Crime nosso de cada dia”o autor que utiliza o pseudônimo de “Duke” satiriza a atual situação política do Brasil, onde o eleitor torna-se, e com razão, o pior dos criminosos por colocar ladrões no poder. (José Magalhães)

Fonte:

<http://governojoinha.blogspot.com.br/2012/04/o-crime-nosso-de-cada-dia.html>. acessado em 02 de dezembro de 2013

5 PROBLEMATIZAÇÃO

A política é uma atividade específica de alguns profissionais da sociedade ou concerne a todos nós, porque vivemos em sociedade?

Qual a diferença da política pensada por Aristóteles e a política prática em nossa sociedade?

6 CONTEÚDO

A política em Aristóteles se vincula necessariamente à sua concepção antropológica, na qual o homem é destinado ao convívio social. Por essa razão, o filósofo desenvolve o tema da política em ligação ineliminável com sua proposta ética (conferir o Plano de Aula sobre a Ética de Aristóteles), fazendo a transição desta para aquela com a exposição dos conceitos de justiça e amizade. Vejamos o que diz Sciacca sobre o tema:

A POLÍTICA – O homem, para o Estagirita, é “por natureza animal político”, isto é, nele é inata a tendência a viver em sociedade com os próprios semelhantes, não só porque tem necessidade dos outros para a sua conservação, mas também porque não poderia ser virtuoso sem as leis e a educação. A sociedade não é, pois, uma formação artificial, mas uma necessidade natural. Das várias formas de vida associada (família, tribo etc.) a do Estado é, cronologicamente, a última a se formar, mas, logicamente, é a primeira porquanto as outras, das imperfeitas às mais perfeitas, se desenvolvem em vista de atuar o Estado, a mais completa das formas. O objetivo do Estado não é apenas o de defender os cidadãos dos inimigos externos e internos, mas também de educar fisicamente e moralmente aqueles que participam da vida pública. O comércio e a agricultura são relegados aos metecos e aos escravos. Em Aristóteles, como em Platão, ética e política se completam reciprocamente.

Com maior sentido histórico que Platão e mais aderência à realidade concreta, Aristóteles não descreve na sua Política uma forma ideal de Estado: “é preciso pensar num governo não só perfeito, mas também realizável e que possa facilmente adaptar-se a todos os povos”. Por isso Aristóteles tem como base as constituições então

existentes (reuniu ele 158 das quais apenas uma – a de Atenas – foi encontrada) das quais se serve para elaborar a sua teoria da melhor constituição. Distingue ele três tipos fundamentais de constituição: a monarquia (governo de um só); a aristocracia (governo dos melhores); a democracia (governo da multidão). Todas as três formas de governo podem ser boas de acordo com as épocas, as condições e as necessidades dos povos. O Estado melhor, como a virtude, reside no justo meio, de modo a evitar os extremos e as degenerações dos três tipos: a tirania, que tem por fim a vantagem do monarca; a oligarquia, que tem por fim a vantagem dos ricos; a demagogia, que é o governo dos indigentes. Em suma, um governa degenera em mau governo quando é aquele em que prevalece a classe média, distanciada dos excessos que possam verificar-se quando governam os muito ricos ou os muito pobres.

Fonte: SCIACCA, M. F. História da Filosofia. Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967, p. 104

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Música:

Que país é este?

Intérprete: Legião Urbana

Composição: Renato Russo

Álbum: Que país é este? (1987)

Gravadora: EMI

Filme:

Vocação do Poder

Título Original: Vocação do Poder.

Ano de Lançamento: 2005

Gênero: Documentário.

País de origem: Brasil.

Duração: 110 minutos.

Direção: Eduardo Escorel e José Joffily.

Estúdio/Distribuição: Vídeo Filmes.

8 ATIVIDADE

Pesquisa sobre duas formas de fazer política, a partidária e a realizada pelos movimentos sociais. Após esta pesquisa os resultados serão socializados através painéis.

9 AVALIAÇÃO

A produção de um texto dissertativo, relacionando a política aristotélica com a política atual.

10 REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Introdução à história da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 3 ed. São Paulo: Paullus, 1990.

SCIACCA, M. F. **História da Filosofia**. Volume I. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967.

Fonte:

<http://governojoinha.blogspot.com.br/2012/04/o-crime-nosso-de-cada-dia.html>. acessado em 02 de dezembro de 2013

<http://portaldaphilosophia.blogspot.com.br/2012/05/politica-i-aristoteles-e-maquivel.html>. acessado em 02 de dezembro de 2013

A FILOSOFIA HELENISTA – A PREVALÊNCIA DO PROBLEMA MORAL

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Moraes Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir o processo de constituição da filosofia helenista e quais suas principais características.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Elencar alguns pontos que marcaram a filosofia helenista, enfatizando a questão moral, como por exemplo, a felicidade e a amizade;

Destacar como o pensamento deve servir à vida.

3 METODOLOGIA

Expositiva oral do tema como meio de introdução com levantamento de questões-problema relacionadas com o pensamento dos autores helenistas, fazendo com que os alunos possam relacionar as questões com seu cotidiano e incentivando os mesmos a responderem tais questionamentos.

4 INTRODUÇÃO

O período da história da Filosofia conhecido como helenista é caracterizado pelo surgimento de várias escolas filosóficas, dentre as quais se destacam o estoicismo (que encontra em Zenão de Cítio um de seus maiores expoentes), o epicurismo (nome devido a seu máximo representante, Epicuro), o ceticismo (também conhecido por pirronismo devido a Pirro de Élide) e o cinismo (de Diógenes).

A filosofia helenista geralmente é considerada como a fase final da Filosofia Grega, que vai do fim do séc. IV a.C. até o VI d. C., fazendo a ponte entre o período antigo e o medieval, marcadamente por seus dois momentos (o moral e o religioso).

Abbagnano fala sobre o tema nos seguintes termos:

A conquista da Macedônia e a consequente mudança da vida política e social do povo grego encontra expressão no caráter fundamental da filosofia pós-aristotélica. É costume exprimir tal característica dizendo que este período da filosofia é assinalado pela prevalência do problema moral.

A investigação filosófica no período que vai de Sócrates a Aristóteles dirigira-se para realização da vida teorética, entendida como unidade da ciência e da virtude, isto é, do pensamento e da vida. Mas destes dois termos, que já Sócrates unificava completamente, o primeiro prevalecia nitidamente sobre o segundo. Para Sócrates a virtude é e deve ser ciência e não há virtude fora da ciência. Platão conclui no Filebo os aprofundamentos sucessivos da sua investigação dizendo que a vida humana perfeita é uma vida mista de ciência e de prazer, na qual a ciência prevalece. Aristóteles considera a vida teorética como a mais alta manifestação da vida do homem e ele mesmo encara e defende com a sua obra os interesses desta atividade, levando a sua investigação a todos os ramos do cognoscível. Só a partir dos Cínicos o equilíbrio harmônico entre ciência e virtude se rompe pela primeira vez: eles puseram o acento no peso da virtude em detrimento da ciência e tornaram-se partidários de um ideal moral propagandístico e popular, chegando a ser gravemente infiéis aos ensinamentos do seu mestre.

Mas a rotura definitiva da harmonia da vida teorética a favor do segundo dos seus termos, a virtude, encontra-se na filosofia pós-aristotélica. A fórmula socrática – a virtude é ciência – é substituída pela fórmula a ciência é virtude. O objetivo imediato e urgente é a busca de uma orientação moral, à qual deve estar subordinada, como ao seu fim, a orientação teorética. O pensamento deve servir a vida,

não a vida o pensamento. Na nova fórmula, os termos que na antiga encontravam a sua unidade são opostos um ao outro, de modo que se sente a necessidade de escolher entre eles o termo que mais importa e subordinar-lhe o outro. A filosofia é ainda e sempre procura; mas procura de uma orientação moral, de uma conduta de vida que não tem já o seu centro e a sua unidade na ciência, mas subordina a si a ciência como o meio ao fim.

Fonte: ABAGNANO, N. História da filosofia. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969, p. 10-11

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Assim como os filósofos helenistas, podemos nos perguntar: O que é o bem?

O que é viver? O que é viver bem? Qual a diferença entre vida boa e boa vida?

Quais as condições para se ter uma vida boa?

6 CONTEÚDO

Cotrim remete ao tema do seguinte modo:

ESTOICISMO

O Estoicismo, de Zenão de Cítio (320 A 250 a.C.) – os representantes desta escola, conhecidos como estóicos, defendiam uma atitude de completa austeridade física e moral, baseada na resistência do homem ante os sofrimentos e os males do mundo. Seu ideal de vida, designado pelo termo grego *apatheia* (que costuma ser mal traduzido por “apatia”), era alcançar uma serenidade diante dos acontecimentos fundada na aceitação da “lei universal do cosmos”, que rege toda a vida;

EPICURISMO

O Epicurismo, de Epicuro (324-271 a.C) – propunha a idéia de que o ser humano deve buscar o prazer da vida. No entanto,

distinguia, entre os prazeres, aqueles que são duradouros e aqueles que acarretam dores e sofrimentos, pois o prazer estaria vinculado a uma conduta virtuosa. Para Epicuro, o supremo prazer seria de natureza intelectual e obtido mediante o domínio das paixões (prazeres corporais como comer em excesso, dormir em excesso, beber em excesso, a busca de prazeres sexuais sem limites, fumar etc). Os epicuristas procuravam a ataraxia, termo grego que usavam para designar o estado em que não havia dor (aponia), de quietude, serenidade, imperturbabilidade da alma (ataraxia). O epicurismo, posteriormente, serviu de base ao hedonismo, filosofia que também defende a busca do prazer, mas que não diferencia os tipos de prazeres, tal como faz Epicuro;

CETICISMO

O Ceticismo (pirronismo), de Pirro de Élide (365-275 a.C) - segundo suas teorias, nenhum conhecimento é seguro, tudo é incerto, ou seja, não existe verdade absoluta. O pirronismo defendia que se deve contentar com as aparências das coisas, desfrutar o imediato captado pelos sentidos e viver feliz e em paz, em vez de se lançar à busca de uma verdade plena, pois seria impossível ao homem saber se as coisas são efetivamente como aparecem. Assim, o pirronismo é considerado uma forma de ceticismo, que professa a impossibilidade do conhecimento, da obtenção da verdade absoluta;

CINISMO

O Cinismo - o termo cinismo vem do grego kynos, que significa “cão”, e designa a corrente dos filósofos que se propuseram a viver como os cães da cidade, sem qualquer propriedade ou conforto. Levavam ao extremo a filosofia de Sócrates, segundo a qual o homem deve procurar conhecer a si mesmo e desprezar todos os bens materiais. Por isso Diógenes, o pensador mais destacado dessa escola, é conhecido como o “Sócrates demente”, ou o “Sócrates louco”, pois questionava os valores e as tradições sociais e procurava viver estritamente conforme os princípios que considerava moralmente

corretos. São inúmeras as histórias e acontecimentos na vida desse filósofo que o tornaram uma figura instigante da história da filosofia.

Ambas as Escolas têm como eixo comum a busca pela Felicidade (eudaimonia), ou seja, a realização pessoal em meio à sociedade.

Fonte: COTRIM, G. Fundamentos da filosofia. São Paulo: Saraiva, 2005, p.105-106

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS, VÍDEOS E FILMES

Música:

Balada do Louco

Intérprete: Os Mutantes

Composição: Arnaldo Baptista e Rita Lee

Álbum: Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets (1972)

Gravadora: PolyGram

Vídeo:

Epicuro e a Felicidade (Legendado) – Filosofia: um guia para a felicidade.

Postado por Videoteca do Estudante

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=ah4z0BaYtaU&hd=1> acessado em 02 de dezembro de 2013

Filme:

À procura da felicidade

Título Original: The Pursuit of Happyness.

Ano de Lançamento: 1006

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 117 minutos.

Direção: Gabriele Muccino.

Estúdio/Distribuição: Columbia Pictures.

8 ATIVIDADE

O conhecimento dos alunos pode ser verificado através de um trabalho de pesquisa, no qual os alunos devem apresentar, por escrito, as principais características do helenismo, enfatizando a questão do bem.

9 AVALIAÇÃO

Solicitar aos alunos que façam uma pesquisa em três sites diferentes sobre a filosofia helenista, colando as três fontes uma abaixo da outra. Ao final, pedir que eles façam um texto, de 10 a 15 linhas, comentando o que compreenderam com suas próprias palavras.

10 REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. **História da filosofia**. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2005.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=ah4z0BaYtaU&hd=1> acessado em 02 de dezembro de 2013

EPICURISMO – A FELICIDADE E A AMIZADE

ÁREA: Filosofia Antiga

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar a dimensão ética do epicurismo.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os aspectos éticos no pensamento de Epicuro;

Relacionar os conceitos de felicidade e amizade na perspectiva epicurista.

3 METODOLOGIA

A aula iniciará com a escuta da música Balada do Louco (Composição de Arnaldo Baptista e Rita Lee), interpretada por Ney Matogrosso. Em seguida será iniciado um debate sobre a letra da música em sala. Por fim, será exibido o vídeo Epicuro e a felicidade (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ah4z0BaYtaU&hd=1> acessado em 02 de dezembro de 2013), a partir do qual será comparada a felicidade como pensada por Epicuro e a felicidade como nós a pensamos hoje. A partir daí os alunos produzirão uma redação sobre o assunto.

4 INTRODUÇÃO

A letra da música Balada do Louco diz que uma pessoa é taxada de louca por ser feliz.

Vejamos a letra da música:

Dizem que sou louco por pensar assim
Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Se eles são bonitos, sou Alain Delon
Se eles são famosos, sou Napoleão
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu
Se eles têm três carros, eu posso voar
Se eles rezam muito, eu já estou no céu
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz
Sim sou muito louco, não vou me curar
Já não sou o único que encontrou a paz
Mais louco é quem me diz
E não é feliz
Eu sou feliz
(Composição de Arnaldo Baptista e Rita Lee)

5 PROBLEMATIZAÇÃO

O que é a felicidade?

É possível ser feliz em nossa sociedade?

Qual a relação entre felicidade e amizade?

6 CONTEÚDO

Epicuro acreditava que o maior de todos os bens era a felicidade, a qual consistia no que conceituou de ataraxia, espécie de estado de tranquilidade em que haveria a libertação do medo e a ausência de sofrimento corporal.

Vejamos o que Abbagnano diz sobre a questão:

EPICURO

Epicuro, filho de Neocles, nasceu em Janeiro ou Fevereiro de 341 a.C. em Samos, onde passou a sua juventude. Começou a ocupar-se de filosofia aos 14 anos. Em Samos escutou as lições do platónico Panfilo e depois do democritiano Nausífone. Provavelmente foi este último que o iniciou na doutrina de Demócrito, do qual, por algum tempo, se considerou discípulo. Só mais tarde afirmou a completa independência da sua doutrina da do seu inspirador, a quem julgou então poder designar com o arremedo de Lerocrito (tagarela). Aos 18 anos, Epicuro dirigiu-se a Atenas. Não está demonstrado que tenha frequentado as lições de Aristóteles e de Xenócrates que era naquele tempo o chefe da Academia. Começou a sua actividade de mestre aos 32 anos, primeiro em Mitilene e em Lâmpsaco, e alguns anos depois em Atenas (307-06 a.C.), onde permaneceu até à sua morte (271-70).

A escola tinha a sua sede no jardim (kepos) de Epicuro pelo que os seus sequazes foram chamados “filósofos do jardim”. A autoridade de Epicuro sobre os seus discípulos era muito grande. Como as outras escolas, o Epicurismo constituía uma associação de carácter religioso, mas a divindade a que era dedicada esta associação era o próprio fundador da escola. “As grandes almas epicuristas - diz Séneca - não as formou a doutrina mas a assídua companhia de Epicuro”. Tanto durante a sua vida como depois da sua morte, lhe tributaram os discípulos e os amigos honras quase divinas e procuraram modelar

a sua conduta pelo seu exemplo. “Comporta-te sempre como se Epicuro te visse” - era o preceito fundamental da escola.

Epicuro foi autor de numerosos escritos, cerca de 300. Restam-nos apenas três cartas conservadas por Diógenes Laércio (livro X): a primeira, a Heródoto, é uma breve exposição de física; a segunda, a Meneceu, é de conteúdo ético; e a terceira, a Pitocles, de atribuição duvidosa, trata de questões metereológicas. Diógenes Laércio conservou-nos também as Máximas capitais e o Testamento. Num manuscrito vaticano foi encontrada uma coleção de Sentenças e nos papiros de Herculano fragmentos da obra Sobre a Natureza.

A ESCOLA EPICURISTA

O mais notável dos discípulos imediatos de Epicuro foi Metrodoro de Lâmpsaco cujos escritos foram na sua maior parte de conteúdo polémico. Mas contaram-se numerosíssimos discípulos e amigos de Epicuro e entre eles não faltaram as mulheres como Temistia e a hetaira Leontina que escreveu contra Teofrasto. Com efeito, as mulheres podiam também participar na escola, já que ela se fundava na solidariedade e na amizade dos seus membros o as amizades epicuristas foram famosas em todo o mundo antigo pela sua nobreza.

Todavia, nenhum discípulo trouxe uma contribuição original para a doutrina do mestre. Epicuro exigia dos seus sequazes a rigorosa observância dos seus ensinamentos; e a esta observância se manteve fiel a escola durante todo o tempo da sua duração (que foi longuíssima, até ao século IV d.C.).

CARACTERÍSTICAS DO EPICURISMO

Epicuro vê na filosofia o caminho para alcançar a felicidade, entendida como libertação das paixões. O valor da filosofia é, pois, puramente instrumental: o seu fim é a felicidade. Mediante a filosofia o homem liberta-se de todo o desejo inquieto e molesto; liberta-se também das opiniões irracionais e vãs e das perturbações que delas

procedem. A investigação científica destinada a investigar as causas do mundo natural não tem um fim diferente. “Se não estivéssemos perturbados pelo pensamento das coisas celestes e da morte e por não conhecermos os limites das dores e dos desejos, não teríamos necessidade da ciência da natureza”. O valor da filosofia está, pois, inteiramente em dar ao homem um “quádruplo remédio”:

1 Libertar os homens do temor dos deuses, demonstrando que pela sua natureza feliz, não se ocupam das obras humanas.

2 Libertar os homens do temor da morte, demonstrando que ela não é nada para o homem: “quando nós existimos, não existe a morte; quando a morte existe, não existimos nós”.

3 Demonstrar a acessibilidade do limite do prazer, isto é, o alcançar fácil do próprio prazer;

4 Demonstrar a distância do limite do mal, isto é, a brevidade e a provisoriedade da dor.

Deste modo a doutrina epicurista manifestava claramente a tendência de toda a filosofia pós-aristotélica para subordinar a investigação especulativa a um fim prático, reconhecido como válido independentemente da própria investigação, de modo que vinha a ser negado a tal investigação o valor supremo que lhe atribuem os filósofos do período clássico: o de ela própria determinar o fim do homem e de ser, já como investigação, parte integrante deste fim.

Epicuro distingue três partes da filosofia: a canónica, a física e a ética. Mas a canónica era concebida em relação tão estreita com a física que se pode dizer que, para o Epicurismo, as partes da filosofia são apenas duas: a física e a ética. Em todo o domínio do conhecimento o fim que é necessário ter presente é a evidência (enàrgheia): “a base fundamental de tudo é a evidência”, dizia Epicuro.

A ÉTICA DE EPICURO

A ética epicurista é, em geral, uma derivação da cirenaica. A felicidade consiste no prazer: “o prazer é o princípio e o fim da vida feliz”, diz Epicuro. Com efeito, o prazer é o critério da eleição

e da aversão: tende-se para o prazer, foge-se da dor. Ele é também o critério com que avaliamos todos os bens. Mas há duas espécies de prazeres: o prazer estável que consiste na privação da dor e o prazer em movimento que consiste no gozo e na alegria. A felicidade consiste apenas no prazer estável ou negativo, “no não sofrer e no não agitar-se” e é, portanto, definida como ataraxia (ausência de perturbação) e aponia (ausência de dor). O significado destes dois termos oscila entre a libertação temporal da dor da necessidade e a ausência absoluta de dor. Em polémica com os Cirenaicos que afirmavam a positividade do prazer, Epicuro afirma explicitamente que “o cume do prazer é a simples e pura destruição da dor”.

Este carácter negativo do prazer impõe a escolha e a limitação das necessidades. Epicuro distingue as necessidades naturais e as inúteis; das necessidades naturais, umas são necessárias, outras não. daquelas que são naturais e necessárias, umas são necessárias à felicidade, outras à saúde do corpo, outras à própria vida. Só os desejos naturais e necessários devem satisfazer-se; os demais devem abandonar-se e rechaçar-se. O epicurismo que, portanto, não o abandono ao prazer, mas o cálculo e a medida dos prazeres. Tem de se renunciar aos prazeres de que deriva uma dor maior e suportar até largamente as dores de que deriva um prazer maior. “A cada desejo é conveniente perguntar: que sucederá se for satisfeito? Que acontecerá se não for satisfeito? Só o cálculo cuidadoso dos prazeres pode conseguir que o homem se baste a si próprio e não se converta em escravo das necessidades e da preocupação pelo amanhã. Mas este cálculo só se pode ficar a dever à sabedoria. A sabedoria é mais preciosa do que a filosofia, porque por ela nascem todas as outras virtudes e sem ela a vida não tem doçura, nem beleza, nem justiça”. A virtude, e especialmente a sabedoria que é a primeira e a fundamental, aparecem assim a Epicuro como condição necessária da felicidade. À sabedoria se deve o cálculo, a escolha e a limitação das necessidades e, portanto, o alcançar da ataraxia e da aponia.

Num passo famoso do escrito sobre o fim, Epicuro afirma explicitamente o carácter sensível de todos os prazeres. “Em minha

opinião - diz ele - não sei conceber que coisa é o bem se prescindindo dos prazeres do gosto, dos prazeres do amor, dos prazeres do ouvido, dos que derivam das belas imagens percebidas pelos olhos e, em geral, todos os prazeres que os homens têm pelos sentidos. Não é verdade que só o gozo da mente é um bem; dado que também a mente se alegra com a esperança dos prazeres sensíveis em cujo disfrute a natureza humana pode livrar-se da dor”. É claro aqui que o bem se restringe ao âmbito do prazer sensível ao qual pertence também o prazer que a música dá (“os prazeres dos sons”) e a contemplação da beleza (“prazeres das belas imagens”); e que o prazer espiritual se reduz à esperança do próprio prazer sensível.

Pode ser que o caráter polêmico do fragmento dirigido provavelmente contra o protrético de Aristóteles, o qual platonicamente exaltava a superioridade do prazer espiritual), tenha levado Epicuro a acentuar a sua tese da sensibilidade do prazer. Mas é claro que esta tese deriva necessariamente da sua doutrina fundamental que faz da sensação o cânon fundamental da vida do homem. Que o verdadeiro bem não seja o prazer violento, mas o estável da aponia e da ataraxia não é coisa que contradiga a tese da sensibilidade do prazer porque a aponia é “o não sofrer no corpo” e a ataraxia é “o não ser perturbado na alma” pela preocupação da necessidade corpórea.

Mas, por isto, a doutrina de Epicuro não se pode confundir com um vulgar hedonismo. Opor-se-ia a tal hedonismo o culto da amizade que foi característico da doutrina e da conduta prática dos Epicuristas. “De todas as coisas que a sabedoria nos oferece para a felicidade da vida, a maior é de longe a aquisição da amizade”. A amizade nasceu do útil, mas ela é um bem por si mesma. O amigo não é aquele que procura sempre o útil, nem quem nunca o une à amizade, dado que o primeiro considera a amizade como um tráfico de vantagens, o segundo destrói a confiada esperança de ajuda que constitui grande parto da amizade.

[...]

A atitude do epicurista para com os homens em geral é definida pela máxima: “É não só mais belo, mas também mais agradável fazer o bem do que recebê-lo”. Nesta máxima o prazer surge de facto como fundamento e a justificação da solidariedade entre todos os homens. E, na verdade, Diógenes Laércio testemunha-nos o amor de Epicuro pelos seus pais, a sua fidelidade aos amigos, o seu sentido de solidariedade humana.

Fonte: ABAGNANO, N. História da filosofia. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969, p. 54

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS, VÍDEOS E FILMES

Música:

Balada do Louco

Intérprete: Os Mutantes

Composição: Arnaldo Baptista e Rita Lee

Álbum: Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets (1972)

Gravadora: PolyGram

Vídeo:

Epicuro e a Felicidade (Legendado) – Filosofia: um guia para a felicidade.

Postado por Videoteca do Estudante

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=ah4z0BaYtaU&hd=1> acessado em 02 de dezembro de 2013

Filme:

À procura da felicidade

Título Original: The Pursuit of Happyness.

Ano de Lançamento: 1006

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 117 minutos.

Direção: Gabriele Muccino.

Estúdio/Distribuição: Columbia Pictures.

8 ATIVIDADE

Debate seguido da produção de uma redação sobre o tema da felicidade em Epicuro e em nossa sociedade.

9 AVALIAÇÃO

Produzir um texto comentando a relação entre o que é vivenciado pelo protagonista do filme À procura da felicidade (Will Smith) e o tema da ataraxia em Epicuro.

10 REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. **História da filosofia**. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.



ESTOICISMO – A VIDA VIRTUOSA

ÁREA: Filosofia

AUTORES: Paulo Henrique Jeronimo de Sousa, Francisco Diego Morais Fontenele, Francisco Rogélio dos Santos e Renato Almeida de Oliveira.

1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a vida virtuosa no pensamento dos estóicos.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar a virtude no pensamento dos estóicos.

3 METODOLOGIA

Aula expositiva sobre o pensamento dos estóicos seguida de debate sobre a vida virtuosa.

4 INTRODUÇÃO

Para os estóicos, a filosofia compreende necessariamente um aspecto moral, no qual deve haver uma acomodação da vontade humana à ordem divina. No centro desta teoria reside o conceito de virtude, que aparece como único bem, oposto ao único mal (vício).

Observemos os seguintes exemplos e avaliemos se as ações em questão foram virtuosas ou não:

Dinheiro achado é devolvido por dois guardas

Dois guardas municipais de Macaé encontraram uma bolsa com uma quantia de R\$ 70 mil na Câmara Municipal de Vereadores. O valor estava em notas de dólares dentro de uma mochila, junto ainda havia cartões com as senhas anotadas e documentos pessoais. Toda a quantia pertencia a um empresário do setor de turismo, que foi localizado pela dupla.

Durante essa semana a notícia foi a mais comentada na cidade. E muita gente não acreditou no fato até que na sessão do Legislativo desta quinta-feira (7), os vereadores falaram que entregarão uma Moção de Aplausos aos dois guardas. E lembraram o caso que aconteceu no último dia 31, após uma sessão na Câmara de Vereadores. “É preciso reconhecer atitudes como esta. E, por se tratar de servidores, cabe a nós vereadores tornarmos esse reconhecimento público”, frisou o vereador Julinho do Aeroporto.

A identidade do dono da mochila não foi divulgada à imprensa. Os guardas Geovani de Souza Pereira e Paulo César trabalham na Câmara Municipal de Macaé e conseguiram localizar o dono da bolsa, mas não foram gratificados pela ação. Mesmo assim, os guardas vão receber moções e também títulos de cidadãos macaenses na Câmara Municipal. Geovani disse que em nenhum momento pensou em ficar com a quantia. “Temos que criar nossos filhos com bons exemplos. E é fundamental fazer o que é certo”, garantiu o guarda.

Fonte: <http://www.fmanha.com.br/regioes/guardas-encontram-r-70-mil-na-camara-e-devolvem>. acessado em 02 de dezembro de 2013

Ladrão amarra casal de idosos durante assalto em Marília

Vítimas foram surpreendidas por homem armado dentro da casa.

Polícia procura pelo suspeito e objetos levados não foram divulgados.

Um casal de idosos foi amarrado na própria residência por um assaltante na manhã desta quarta-feira (27), em Marília (SP). De acordo com a polícia, o ladrão estava armado com um revólver e uma faca. Ele revirou a casa atrás de objetos de valor.

Pouco depois o neto das vítimas chegou até o imóvel e, ainda do lado de fora, percebeu que os avós estavam amarrados e acionou a polícia. O suspeito já havia deixado o local. Até a tarde ele não tinha

sido localizado. Os objetos roubados não foram divulgados. O casal não ficou ferido.

Fonte: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2013/11/ladrao-amarra-casal-de-idosos-durante-assalto-em-marilia.html>. acessado em 02 de dezembro de 2013

Projeto ajuda crianças de rua em São Bernardo

De acordo com o artigo 70 do Estatuto da Criança e do Adolescente “é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e adolescente”. Nesta missão, todos estão incluídos: Governo e sociedade.

Esta ação preventiva e de combate à violência infantil, no entanto, é feita, na maioria dos casos, por Organizações não-governamentais. Em São Bernardo do Campo, a ONG Projeto Meninos e Meninas de Rua existe desde 1983 para atender crianças e adolescentes que vivem “em situação de rua”, como gosta de observar a coordenadora do projeto em São Bernardo, Cidinéia Bueno Mariano.

O projeto surgiu para denunciar um grupo de extermínio de crianças que havia no centro da cidade. Na época, uma equipe de pessoas vinculadas à Pastoral do Menor, que reunia as igrejas Católica, Metodista e Presbiteriana Independente, resolveu ir às ruas para atender e proteger os meninos e meninas executados por matadores, contratados por comerciantes da região para intimidar adolescentes que praticavam pequenos roubos.

Em 1986, foi criado o Restaurante Comunitário, que oferecia refeições aos jovens, a horta comunitária e diversas outras atividades. Em 1990, a ONG lutou e ajudou a escrever o texto do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

[...]

Thiago Varella

Fonte: <http://www.metodista.br/cidadania/numero-21/projeto-ajuda-criancas-de-rua-em-sao-bernardo>. acessado em 02 de dezembro de 2013

Um em cada 5 alunos de SP admite ter praticado violência, diz estudo

Pesquisa foi feita com professores, pais e alunos da rede estadual paulista. Para 57% dos pais, ‘tapas de vez em quando são necessários’.

Uma pesquisa divulgada nesta quinta-feira (28) mostra que 19% dos alunos da rede pública estadual de São Paulo (mais de um em cada cinco estudantes dos ensinos fundamental e médio) admitiu ter praticado algum ato de violência dentro da escola. No questionário, 57% dos pais de alunos afirmaram que, na hora de educar seus filhos, “uns tapas de vez em quando são necessários”.

Realizada pelo Instituto Data Popular, em parceria com o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), a pesquisa “Percepção dos professores, alunos e pais sobre a violência nas escolas estaduais de São Paulo” ouviu 1 400 professores entre janeiro e março deste ano e 700 alunos e 700 pais de alunos entre outubro e novembro, com o objetivo de traçar um perfil sobre os casos de violência escolar.

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo informa que “a pesquisa citada ouviu somente 0,6% dos 230 mil professores atuantes nas escolas estaduais e que os números não refletem a realidade da rede estadual paulista. A ação permanente da Pasta é para o envolvimento da comunidade escolar na prevenção de um problema social complexo como a violência. Todas as medidas que competem à educação são realizadas de forma constante”. Ainda de acordo com a Secretaria, quase 3 mil professores-mediadores atuam para identificar vulnerabilidades e traçar ações preventivas.

Entre os alunos entrevistados, 15% deles disseram que já cometeram alguma agressão verbal dentro da escola, e 10% admitiram terem praticado alguma agressão física. As outras formas de violência admitidas pelos estudantes foram discriminação (2%), bullying (1%) e violência sexual (1%). De acordo com a pesquisa, 80% dos alunos disseram que nunca praticaram violência escolar, e 1% dos entrevistados não respondeu à pergunta.

Do total de pais de alunos que participaram da entrevista, 10% e 5% relataram que seus filhos foram autores de agressão verbal e física na escola, respectivamente.

Ao serem perguntados sobre os métodos de educação em casa, 82% concordaram em parte que a violência fora da escola influencia a violência dentro dela. Além disso, 57% deles admitiram que, na hora de educar seus filhos, “uns tapas de vez em quando são necessários”, e 6% deles disseram que “tem criança que só aprende apanhando”. Segundo a pesquisa, 30% dos pais afirmaram que bater em crianças é errado em qualquer situação.

A falta de educação, respeito e valores foi apontada como motivo do problema por 74% dos professores ouvidos pelo Data Popular, mas cerca de metade dos docentes atribui a origem da violência à educação praticada em casa (49%) e a problemas familiares ou à postura dos pais (47%). Já os pais apontam como principais fatores as drogas e álcool (49%), conflitos entre alunos (42%), educação em casa (38%) e falta de policiamento (30%). Os alunos também apontam estes quatro fatores, sendo o conflito de estudantes o principal deles.

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/11/um-em-cada-5-alunos-de-sp-admite-ter-praticado-violencia-diz-estudo.html>. acessado em 02 de dezembro de 2013

5 PROBLEMATIZAÇÃO

O estoicismo propõe viver virtuosamente, que é viver de acordo com a lei racional da natureza e na busca da felicidade. Dos exemplos acima, quais podemos considerar virtuosos? Por quê? Você se considera uma pessoa virtuosa?

6 CONTEÚDO

Vejamos o que Abbagnano diz sobre o tema:

O ESTOICISMO – a vida virtuosa

Das três grandes escolas pós-aristotélicas, a estoica foi de longe, do ponto de vista histórico, a mais importante.

O fundador da escola foi Zenão, em Chipre, de quem se conhece com verosimilhança o ano do nascimento, 336-35 a.C., e o ano da morte, 264-63. Chegando a Atenas com os seus vinte e dois anos, entusiasmou-se, através da leitura dos escritos socráticos (os Memoráveis de Xenofonte e a Apologia de Platão), pela figura de Sócrates e julgou ter encontrado um Sócrates redivivo no cínico Cratete, de quem se fez discípulo. Seguidamente foi também discípulo de Estilpon e de Teodoro Crono. Por volta do ano 300 a.C., fundou a sua escola no Pórtico Pintado (Stoà poikíle), pelo que os seus discípulos se chamaram Estoicos. Dos seus numerosos escritos (República, Sobre a Vida segundo a Natureza, Sobre a Natureza do Homem, Sobre as Paixões, etc.) restam-nos apenas fragmentos. Os seus primeiros discípulos foram Ariston de Quios, Erilo de Cartago, Perseu de Citium e Cleanto de Assos, na Tróade, que lhe sucedeu na direcção da escola.

[...]

A produção literária de todos estes filósofos, que deve ter sido imensa, perdeu-se e dela só nos restam fragmentos. Estes nem sempre são referidos a um autor singular, mas amiúde aos Estoicos em geral, de modo que se torna muito difícil distinguir, na massa das notícias que nos chegaram, a parte que corresponde a cada um dos representantes do Estoicismo. Por isso se deve expor a doutrina estoica no seu conjunto, mencionando, quando possível, as diferenças ou as divergências entre os vários autores.

CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA ESTOICA

A filosofia é exercício de virtude, mas por meio da própria virtude, já que não pode haver virtude sem exercício, nem exercício de virtude sem virtude.

O conceito da filosofia vinha assim a coincidir com o da virtude. O seu fim é alcançar sabedoria que é a “ciência das coisas humanas e divinas”; mas a única arte para alcançar a sabedoria é precisamente o exercício da virtude. Ora as virtudes mais gerais são três: a natural, a moral e a racional.

[...]

A ÉTICA ESTOICA

Deus confiou a realização e a conservação da ordem perfeita do cosmos no mundo animal a duas forças igualmente infalíveis: o instinto e a razão. O instinto (*hormé*) guia infalivelmente o animal na conservação, na alimentação, na reprodução e em geral a tomar cuidado consigo para os fins da sua sobrevivência. A razão é, por outro lado, a força infalível que garante o acordo do homem consigo próprio e com a natureza em geral.

A Ética dos Estoicos é, substancialmente, uma teoria do uso prático da razão, isto é, do uso da razão com o fim de estabelecer o acordo entre a natureza e o homem. Zenão afirmava que o fim do homem é o acordo consigo próprio, isto é, o viver “segundo uma razão única e harmónica”. Ao acordo consigo próprio, Cleanto acrescentou o acordo com a natureza e por isso define o fim do homem como “a vida conforme a natureza”. E Crisipo exprimo a mesma coisa dizendo: “viver conforme com a experiência dos acontecimentos naturais”. Mas parece que já Zenão tinha adoptado a fórmula do “viver segundo a natureza”. E indubitavelmente esta é a máxima fundamental da doutrina estoica.

Por natureza, Cleanto entendia a natureza universal, Crisipo não só a natureza universal mas também a humana que é parte da natureza universal. Para todos os Estoicos, a natureza é a ordem racional, perfeita e necessária que é o destino ou o próprio Deus. Por isso Cleanto orava assim: “Conduz-me, ó Zeus, e tu, Destino, aonde por vós sou destinado e vos servirei sem hesitação: porque ainda que eu não quisesse, vos deveria seguir igualmente como estulto”. Ora a ação que se apresenta conforme com a ordem racional é o dever (*kathêkon*): a ética estoica é, pois, fundamentalmente uma ética do dever e a noção do dever, como conformidade ou conveniência da ação humana com a ordem racional, torna-se, pela primeira vez, nos Estoicos, a noção fundamental da Ética. Efectivamente, nem a Ética platónica nem a Ética aristotélica fazem referência à ordem racional do todo, assumindo como seu fundamento, para a primeira, a noção

de justiça, para a segunda, a de felicidade. A noção de dever não surgia no seu âmbito e nelas dominava a noção de virtude como caminho para realizar a justiça ou felicidade.

“Os Estoicos chamam dever àquilo cuja escolha pode ser racionalmente justificada. Das ações realizadas pelo instinto algumas são próprias do dever. Outras nem próprias do dever nem contrárias ao dever. Próprias do dever são aquelas que a razão aconselha efetuar, como honrar os pais, os irmãos, a pátria e viver em harmonia com os amigos. Contra o dever são aquelas que a razão aconselha a não fazer... Nem próprias do dever nem contrárias ao dever são aquelas que a razão nem aconselha nem condena, como levantar uma palha, pegar numa pena, etc.” Como nos refere Cícero, os Estoicos distinguiam o dever reto, que é perfeito e absoluto e não pode encontrar-se em mais ninguém a não ser no sábio, e os deveres “intermédios” que são comuns a todos e muitas vezes só são realizados com a ajuda da boa índole e de uma certa instrução. Esta prevalência da noção do dever levou os Estoicos a uma doutrina típica da sua Ética: a justificação do suicídio. Efetivamente, quando as condições contrárias ao cumprimento do dever prevalecem sobre as favoráveis, o sábio tem o dever de abandonar a vida mesmo se está no cume da felicidade. Sabemos que muitos mestres do Stoa seguiram este preceito que é, na realidade, a consequência da sua noção do dever.

Todavia, o dever não é o bem. O bem começa a existir quando a escolha aconselhada pelo dever vem repetida e consolidada, mantendo sempre a sua conformidade com a natureza, até tornar-se no homem uma disposição uniforme e constante, isto é, uma virtude. A virtude é, efetivamente, o único bem. Mas só é própria do sábio, isto é, daquele que é capaz do dever reto e se identifica com a própria sabedoria porque esta não é possível sem o conhecimento da ordem cósmica à qual o sábio se adequa. A virtude pode ter nomes diferentes segundo os domínios a que é referida (a sabedoria incide sobre os objetivos do homem, a temperança sobre os impulsos, a fortaleza sobre os obstáculos, a justiça sobre a distribuição dos bens).

Mas, na realidade, existe uma só virtude e só a possui integralmente aquele que sabe entender e compreender e cumprir o dever, isto é, só o sábio.

Entre a virtude e o vício não há, portanto, meio termo. Como um pedaço de madeira ou é direito ou curvo sem possibilidade intermédia, assim o homem é justo ou é injusto e não pode ser justo ou injusto só parcialmente. De facto, aquele que tem a reta razão, isto é, o sábio, faz tudo bem e virtuosamente, enquanto quem é privado da reta razão, o estulto, faz tudo mal e de maneira viciosa. É pois que o contrário da razão é a loucura, o homem que não é sábio é louco. Pode-se certamente progredir para a sabedoria. Mas como quem está submerso pela água, ainda que esteja pouco abaixo da superfície, não pode respirar como se estivesse nas águas profundas, assim aquele que avançou para a virtude, mas não é virtuoso, não está menos na miséria do que aquele que está mais longe dela.

Fonte: ABAGNANO, N. História da filosofia. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969, p. 36

7 SUGESTÃO DE MÚSICAS E FILMES

Música:

Balada do Louco

Intérprete: Os Mutantes

Composição: Arnaldo Baptista e Rita Lee

Álbum: Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets (1972)

Gravadora: PolyGram

Vídeo:

Epicuro e a Felicidade (Legendado) – Filosofia: um guia para a felicidade.

Postado por Videoteca do Estudante

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=ah4z0BaYtaU&hd=1> acessado em 02 de dezembro de 2013

Filme:

À procura da felicidade

Título Original: The Pursuit of Happyness.

Ano de Lançamento: 1006

Gênero: Drama.

País de origem: Estados Unidos.

Duração: 117 minutos.

Direção: Gabriele Muccino.

Estúdio/Distribuição: Columbia Pictures.

8 ATIVIDADE

Será realizada uma atividade de debate a partir de exemplos relatados sobre o que é uma vida virtuosa. Os alunos deverão participar do debate emitindo suas opiniões.

Em seguida cada um escreverá num papel o que considera uma vida virtuosa.

9 AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados com base na sua participação no debate em sala e na produção escrita sobre vida virtuosa.

10 REFERÊNCIAS

ABAGNANO, N. **História da filosofia**. Volume III. Trad. bras. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1969, p. 36.

Fonte:

ESPAÇO CIDADANIA. Projeto ajuda crianças de rua em São Bernardo. Disponível em: <<http://www.metodista.br/cidadania/numero-21/projeto-ajuda-criancas-de-rua-em-sao-bernardo>>. acessado em 02 de dezembro de 2013.

FOLHA DA MANHÃ. Dinheiro achado é devolvido por dois guardas. Disponível em: <<http://www.fmanha.com.br/regioes/>

dinheiro-achado-e-devolvido-por-dois-guardas>. acessado em 02 de dezembro de 2013.

GLOBO. Ladrão amarra casal de idosos durante assalto em Marília. Disponível em:<<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2013/11/ladrao-amarra-casal-de-idosos-durante-assalto-em-marilia.html>>. acessado em 02 de dezembro de 2013.

_____. Um em cada 5 alunos de SP admite ter praticado violência, diz estudo. Disponível em:<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/11/um-em-cada-5-alunos-de-sp-admite-terpraticado-violencia-diz-estudo.html>>. acessado em 02 de dezembro de 2013.



A PATRÍSTICA E A ESCOLÁSTICA (FILOSOFIA CRISTÃ)

ÁREA: Filosofia Medieval

AUTORES: Karla Yonara de Alcântara Gomes, Maria Níceas Oliveira França, Kisley Fernandes Silva e Marcos Fábio Alexandre Nicolau.

1 OBJETIVO GERAL

Discutir a transição do helênico para o medievo.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar o período helenístico;

Caracterizar o período medievo;

Explicar transição do pensamento helenístico para o medieval.

3 METODOLOGIA

A proposta deste material é a de introduzir o aluno nas reflexões e problemáticas lançadas pela filosofia cristã a partir do estudo de trechos de textos e fontes documentais do período medieval, o que será realizado a partir da leitura e estudo em sala dos mesmos. A introdução a esse estudo será feita com base no uso de recursos audiovisuais que retratem o contexto histórico e intelectual do período. Sugere-se espalhar pela sala pinturas e imagens, além da exposição de trechos de filmes sobre esse período histórico, como forma de motivar os alunos à participação e reflexão.

4 INTRODUÇÃO

Propomos a exibição da primeira cena do filme Augustine – O declínio do Império Romano, em que o Agostinho, então bispo de Hipona, assiste a guerra que decreta a queda do império romano ocidental pelas invasões bárbaras.

Filme:

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant'Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

A cena fornece elementos para discussão:

Reflexão: Que fatores são determinantes para a transição de uma cultura e pensamento a outra? Como a filosofia patrística influencia a transição pensamento antigo para o medieval? Como a filosofia escolástica fundamentava o modo de vida da sociedade medieval?

Objetivo: Ao apresentar as bases da transição para a filosofia cristã, levar os alunos a refletir sobre os momentos de crise ocorridos no decorrer da história do pensamento filosófico e de suas repercussões no mundo da vida.

6 CONTEÚDO

a. A Filosofia Patrística

Abrangendo os primeiros oito séculos da era cristã, a Patrística acompanha a grande curvatura da transição da Idade Antiga para a Idade Média. Desde o século I o Cristianismo vai-se afirmando e consolidando. Desde o século III os bárbaros invasores vão impondo a sua presença e o Império Romano do Ocidente vai-se progressivamente arruinando até chegar ao seu termo em 476.

Toda a Patrística vive, contudo, ainda sob o signo da cultura clássica greco-romana, em decadência nos primeiros tempos, e já

em ruínas nos últimos. Os Padres da Igreja são todos eles homens formados nessa cultura clássica. Ainda quando vivem sob o domínio bárbaro, não são bárbaros, mas educadores de bárbaros. Escrevem em latim clássico tardio, no Ocidente, ou em grego, no Oriente. Têm geralmente uma educação superior e alguns pertencem mesmo à nobreza romana.

Por Patrística entende-se o período do pensamento cristão que se seguiu à época do novo testamento e chega até ao começo da Escolástica, isto é, entre os séculos II e VIII. Este período da cultura cristã é designado com o nome de Patrística porque é marcado pelo pensamento dos Padres da Igreja, que são os construtores da Teologia Cristã Católica.

Basicamente a Patrística tem três períodos: 1) antes de Santo Agostinho, 2) tempo de Santo Agostinho e 3) depois de Santo Agostinho. Nesse último período ocorreu a sistematização da filosofia patrística. No período antes de Agostinho, os padres defendiam o cristianismo contra o paganismo, os padres começam a defender a fé e deixar de lado a razão grega.

O período anterior a Santo Agostinho é marcado basicamente por três correntes filosóficas: 1) platonismo judaico (Fílon de Alexandria), 2) platonismo cristão ou patrística (Orígenes) e 3) o platonismo pagão ou neoplatonismo (Plotino). O platonismo cristão defendia a fé como ponto essencial e fundamental para a vivência da pessoa; o platonismo judaico, a fé na realidade dos antepassados e a razão na realidade em que viviam; e o platonismo pagão defendia somente a razão.

Ao período de Santo Agostinho, auge da filosofia patrística, será destinada uma aula específica. No período pós-Agostinho, marcado pelas figuras de Santo Anselmo de Aosta e seus contemporâneos, temos o início de uma batalha muito forte na defesa da fé e da razão. Põe-se a questão: é preciso crer para entender? O que implicava na disputa de dois argumentos: 1) faz-se necessária a fé para conhecer a verdade, religiosa e moral, eis a importância do credo; 2) faz-se necessário usar a razão para que a adesão à fé não seja cega e meramente passiva, eis a importância da inteligência.

b. A Filosofia Escolástica

A Escolástica representa o último período da história do pensamento cristão, que vai do início do século IX até ao fim do século XV. Este período é denominado Escolástico porque fora marcado pela filosofia ensinada nas escolas da época por mestres chamados escolásticos. Diversamente da patrística, cujo interesse é acima de tudo religioso e cuja glória é a elaboração da teologia dogmática católica, o interesse da escolástica é, acima de tudo, especulativo, e a sua glória é a elaboração da filosofia cristã.

Tal elaboração será plenamente racional, consciente e crítica, e em Tomás de Aquino, chegou ao seu apogeu. Antes de Tomás de Aquino, o que temos é o pensamento e a tendência platônico-agostiniana, características da patrística, em que era impossível uma filosofia verdadeira e própria por falta de distinção entre razão e fé, filosofia e teologia. (Destinaremos uma aula específica ao pensamento tomista).

Quanto à divisão da escolástica, distinguiremos 1) a escolástica pré-tomista, com orientação agostiniana (IX- XIII) – João Scoto Erígena; 2) a escolástica de Tomás de Aquino, que constrói realmente uma filosofia de raízes cristãs, com limites claros quanto à teologia (XIII); 3) o período pós-tomista (XIV-XV), que representa a rápida decadência histórica da escolástica e demarca a transição ao período renascentista - Rogério Bacon, João Duns Scoto e Guilherme de Ockham.

7 SUGESTÃO DE FILMES

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant'Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

Alexandria

Título Original: Alexandria.

Ano de Lançamento: 2009

Gênero: Drama.

País de origem: Espanha.

Duração: 125 minutos.

Direção: Alejandro Amenábar.

Estúdio/Distribuição: Flashstar.

8 ATIVIDADE

Dividir a turma em dois grandes grupos e distribuir entre os grupos imagens e pensamentos próprios da patrística – grupo 1 – e escolástico – grupo 2 . As imagens e pensamentos devem ser opostos entre si como forma de convidar os grupos a apresentarem a cada argumento ou imagem que o outro grupo exponha, os elementos do pensamento contrário do outro período. Ao final, cada imagem e pensamento devem compor um quadro comparativo entre os períodos no quadro branco da sala.

9 AVALIAÇÃO

Para avaliar o conteúdo apresentado pode-se optar por um questionário sobre a diferenciação entre fé e razão envolvendo a patrística e a escolástica.

10 REFERÊNCIAS

COUTINHO, J. **Elementos de História da Filosofia Medieval**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2008 Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12729/1/Elementos%20de%20Filosofia%20Medieval.pdf>. acessado em 02 de dezembro de 2013.

JOLIVET, R. Curso de filosofia. Rio de Janeiro: Agir, 1970.



SANTO AGOSTINHO (CONHECIMENTO, FÉ E RAZÃO)

ÁREA: Filosofia Medieval

AUTORES: Karla Yonara de Alcântara Gomes, Maria Níceas Oliveira França, Kisley Fernandes Silva e Marcos Fábio Alexandre Nicolau.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre fé e razão em Agostino.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar como o conflito entre fé e razão surge no contexto da filosofia agostiniana;

Identificar uma teoria do conhecimento em Santo Agostinho.

3 METODOLOGIA

A proposta deste material é a de introduzir o aluno nas reflexões e problemáticas lançadas pela filosofia cristã a partir do estudo de trechos de textos e fontes documentais do período medieval, o que será realizado a partir da leitura e estudo em sala dos mesmos. A introdução a esse estudo será realizada a partir do uso de recursos audiovisuais que retratem o contexto histórico e intelectual do período. Sugere-se espalhar pela sala pinturas e imagens, além da exposição de trechos de filmes sobre esse período histórico, como forma de motivar os alunos a participação e reflexão.

4 INTRODUÇÃO

Propomos a exibição da última cena do filme Augustine – O declínio do Império Romano, em que Agostinho reflete sobre seu legado filosófico.

Filme:

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant'Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

A cena fornece elementos para discussão:

Reflexão: O que é o conhecimento? Quais os limites do conhecimento humano?

Qual a relevância de uma busca pelo interior, proposta pelo filósofo?

Objetivo: Ao apresentar a complexidade do conhecimento humano, deve-se levar os alunos a refletir sobre os momentos de crise ocorridos no decorrer da história do pensamento filosófico e de suas repercussões no mundo da vida.

6 CONTEÚDO

Em 354, na cidade de Tagaste, província da Numídia, nascia Santo Agostinho, o maior expoente da filosofia patrística. Profundo estudioso das letras e da retórica, da qual foi professor em Milão, Agostinho se tornou o personagem central no debate sobre o conflito entre fé e razão após sua conversão ao cristianismo, defendendo a tese de que a fé, em certa medida, é precedida pela razão, pois sem o pensamento não haveria fé e sem razão não é possível ter fé.

No que se refere ao estudo do conhecimento, Santo Agostinho teve uma evidente influência platônica, ainda que não o tenha assumido por completo, posto ter adequado o idealismo platônico à doutrina cristã, elaborando uma epistemologia própria, o que

não poderia ter sido diferente: sendo cristão não podia concordar com a teoria platônica da reminiscência, em que o conhecimento seria simples recordação das experiências passadas, algo contrário à doutrina cristã.

Na busca de uma explicação sobre o processo do conhecimento, defendeu que o mesmo é adquirido a partir de uma ação imediata de Deus: a iluminação divina. Tal proposta viabilizava seu principal objetivo: alcançar o próprio Deus. No entanto, a alma só seria iluminada na medida em que ficasse isenta dos desejos das coisas corporais para assim poder contemplar a Deus, pois “Deus é quem ilumina”. No desenvolvimento desta questão pode-se dizer que, no pensamento agostiniano, o processo de iluminação passava por três instâncias: a racionalidade, a interioridade e a purificação.

A iluminação ocorre através da contemplação/oração, mas não deixa de ser uma forma de conhecimento, por isso também é um processo racional, próprio do homem, pois acontece no interior do homem. Todavia, o ponto mais importante para Santo Agostinho, justamente por não estar ao alcance de todos, era a purificação. Para o filósofo, os vícios afetavam a especificidade da natureza humana, a saber, a razão. Somente por meio de um processo interior, por uma iluminação divina, é possível chegar à verdade. Não é o espírito humano que cria a verdade, cabe-lhe apenas descobri-la, pois a verdade provém de Deus, em outras palavras, a verdade é Deus mesmo que se dá a conhecer ao homem e, por isso, ela é divina, eterna e imutável, e não humana.

Desta forma, o conhecimento passa pela busca interior do homem, ou seja, o autoconhecimento é ponto indispensável para a formação do homem em Agostinho. A partir disso, o conhecimento consiste numa caminhada de purificação moral que se alcançava mediante uma “peregrinação”, em que o homem exterior, material, mutável e mortal (material) vai cedendo espaço para o homem interior, imutável e mortal (espiritual) passando do homem velho ao novo.

Para Santo Agostinho, este processo cognitivo requisitava uma longa caminhada de purificação moral e intelectual cujo resultado era o melhoramento pessoal, o que estava intimamente ligado à intervenção divina (a iluminação). Em face disso, a conquista da Verdade se dava pela participação de Deus no interior do homem, isto é, na mente, onde e quando se capta aquilo que Deus possibilita. Daí a possibilidade de atribuir a Santo Agostinho a elaboração de um programa que, pela ascensão interior – pelo movimento da alma – apontava uma direção para que o homem, a partir de uma conduta moral – espiritual – pudesse alcançar, segundo ele entendia, a sua purificação e, por conseguinte, a contemplação da Verdade, ou seja, Deus.

7 SUGESTÃO DE FILMES

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant'Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Vídeo.

Santo Agostinho

Título Original: Agostino d'Ippona.

Ano de Lançamento: 1972

Gênero: Drama.

País de origem: Itália.

Duração: 115 minutos.

Direção: Roberto Rossellini.

Estúdio/Distribuição: Versatil.

8 ATIVIDADE

Após propor a leitura de um trecho de uma obra filosófica bem complexo, no qual as dificuldades de compreensão são esperadas, propor a seguinte experiência: que os alunos fiquem por cinco minutos em um momento de puro relaxamento e silêncio. Depois propor uma leitura silenciosa de cada um deles. Depois o professor realiza a leitura calma e compassada do texto. Por fim, questiona-se o texto ficou mais compreensível através de uma conversa de perguntas e respostas sobre o texto. Relacionar a experiência à proposta de busca interior de Santo Agostinho.

9 AVALIAÇÃO

Para avaliar o conteúdo apresentado pode-se optar por uma produção de texto sobre os conceitos de racionalidade, interioridade e purificação em Agostinho, a ser entregue na aula seguinte.

10 REFERÊNCIAS

- COUTINHO, J. **Elementos de História da Filosofia Medieval**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2008 Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12729/1/Elementos%20de%20Filosofia%20Medieval.pdf>. acessado em 02 de dezembro de 2013.
- GHIRALDELLI JR., P. **História Essencial da Filosofia** – Vol. II. São Paulo: Universo dos Livros, 2009 .
- PEREIRA MELO, J. J.; ARAÚJO, C. K. A. de. Santo Agostinho: **Iluminação e Educação**. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2007/trabalhos/023.pdf>. acessado em 02 de dezembro de 2013.



AS RELAÇÕES ENTRE FÉ E RAZÃO

ÁREA: Filosofia Medieval

AUTORES: Karla Yonara de Alcântara Gomes, Maria Níceas Oliveira França, Kisley Fernandes Silva e Marcos Fábio Alexandre Nicolau.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar os conceitos de fé e razão na filosofia medieval.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar como o conflito entre fé e razão surge no contexto histórico medieval;

Expor as posições filosóficas em relação a esse conflito a partir das correntes filosóficas do período medieval – filósofos patrísticos e escolásticos.

3 METODOLOGIA

A proposta deste material é a de introduzir o aluno nas reflexões e problemáticas lançadas pela filosofia cristã a partir do estudo de trechos de textos e fontes documentais do período medieval, o que será realizado a partir da leitura e estudo em sala dos mesmos. A introdução a esse estudo será realizada a partir do uso de recursos audiovisuais que retratem o contexto histórico e intelectual do período.

4 INTRODUÇÃO

Propomos a exibição da cena do filme Augustine – O declínio do Império Romano, em que Agostinho encontra o bispo Ambrósio que lhe expõe as verdades da fé.

Filme:

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant’Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Vídeo.

5 PROBLEMATIZAÇÃO

A cena fornece elementos para discussão:

Reflexão: Quais as implicações de submissão da razão à fé?

Como a filosofia cristã justifica a relação proposta entre razão e fé?

Como essa discussão influencia nossa sociedade hodierna?

Objetivo: Ao apresentar a complexidade que a questão das verdades de fé e verdades da razão impõe ao pensamento humano, levando os alunos a refletir sobre os momentos de crise ocorridos no decorrer da história do pensamento filosófico e de suas repercussões no mundo da vida.

6 CONTEÚDO

A filosofia cristã introduziu uma série de ideias desconhecidas para os filósofos greco-romanos: a ideia de criação do mundo a partir do nada, de pecado original do homem, de um Deus uno e trino, de encarnação e morte de Deus, de juízo final, de como o mal pode existir no mundo, entre outras, inconcebíveis pelo pensamento helenista.

Essas ideias cristãs tiveram que ser apresentadas aos novos fiéis, uma vez que o Cristianismo tornara-se a religião oficial do Império Romano. No entanto, tal apresentação encontrou dificuldades, pois uma vez que a cultura helênica, ainda bastante influente no período, cobrava uma justificativa racional de tais ideias, os Padres da Igreja foram obrigados a transformá-las em verdades reveladas por Deus, por meio da interpretação das Sagradas Escrituras, que, por serem

decretos divinos, foram revertidas em dogmas, isto é, verdades irrefutáveis e inquestionáveis.

Com isso, surge uma distinção desconhecida pelos antigos: as verdades reveladas pela fé e verdades da razão ou verdades humanas. Ou seja, os primeiros filósofos da Idade Média fazem uma distinção entre verdades sobrenaturais (o conhecimento recebido pela graça divina) e as verdades naturais (provindas do simples conhecimento racional), sendo a fé superior à razão.

Essa é a diferença fundamental da filosofia da Idade Média em relação à filosofia greco-romana. Para os primeiros filósofos cristãos, toda filosofia anterior ao aparecimento de Cristo padecia do mesmo erro fundamental e estava infectada por uma única e mesma heresia: o poder da razão era exaltado como o mais alto poder do homem, que independia da graça divina (Santo Agostinho).

Desta forma, o grande tema da Filosofia patrística é o da possibilidade ou impossibilidade de conciliar a razão com a fé. A esse respeito, havia três propostas: 1) a dos que julgavam fé e razão irreconciliáveis e a fé superior a razão – “Creio por ser absurdo” (Tertuliano); 2) a dos que julgavam fé e razão conciliáveis, mas subordinavam a razão à fé – “Creio para compreender” (Santo Agostinho); 3) e a dos que julgavam razão e fé irreconciliáveis, mas afirmavam que cada uma delas tem seu campo próprio de conhecimento e não devem se misturar – a razão se refere a tudo o que concerne à vida temporal dos homens no mundo; por sua vez a fé se refere a tudo o que se refere à salvação da alma e à vida futura (Clemente de Alexandria).

Nesse período, a relação da filosofia com a fé define-se em termos de autonomia, concordância e subordinação. Primeiro, a filosofia tem o seu estatuto epistemológico próprio, isto é, o seu próprio modo de conhecer e afirmar, que se funda na razão natural. Segundo, a verdade da filosofia não pode estar contra a da fé nem vice-versa. Terceiro, o conhecimento da fé é mais seguro que o da razão, pelo que, em caso de conflito, é a filosofia que deve procurar pôr-se de acordo com a verdade da fé e não o contrário, posto que

“se entre as afirmações dos filósofos se encontra alguma contrária à fé, isso não é próprio da filosofia, mas antes do mau uso da mesma filosofia motivado pela deficiência da razão” (Santo Tomás de Aquino).

7 SUGESTÃO DE FILMES

Augustine – O declínio do Império Romano

Título Original: Sant’Agostino.

Ano de Lançamento: 2010

Gênero: Drama.

País de origem: Itália/Alemanha.

Duração: 200 minutos.

Direção: Christian Duguay.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

O nome da rosa

Título Original: Der Name der Rose.

Ano de Lançamento: 1986

Gênero: Suspense.

País de origem: Alemanha/França/Itália.

Duração: 131 minutos.

Direção: Jean-Jacques Annaud.

Estúdio/Distribuição: Warner Home Video.

8 ATIVIDADE

Elaborar uma série de proposições dogmáticas sobre temas comuns do cotidiano dos alunos que, na atividade, passarão a ser verdades incontestáveis, e distribuir as mesmas entre grupos divididos anteriormente. Cada grupo deverá formular uma apresentação de seu dogma, que será questionado pelos demais grupos. O grupo que apresenta o dogma representará a perspectiva da fé e os demais grupos ao questionar os dogmas assumirão a perspectiva da razão.

Ao final, discutir as dificuldades encontradas em cada uma das posturas.

9 AVALIAÇÃO

Para avaliar o conteúdo apresentado pode-se optar por um quadro sinótico sobre as principais diferenças entre as verdades de fé e as verdades da razão, a ser entregue na aula seguinte.

10 REFERÊNCIAS

COUTINHO, J. **Elementos de História da Filosofia Medieval**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2008 Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12729/1/Elementos%20de%20Filosofia%20Medieval.pdf>, acessado em 02 de dezembro de 2013.

GHIRALDELLI JR., P. **História Essencial da Filosofia** – Vol. II. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.



SANTO TOMÁS DE AQUINO (CONHECIMENTO, FÉ E RAZÃO)

ÁREA: Filosofia Medieval

AUTORES: Karla Yonara de Alcântara Gomes, Maria Níceas Oliveira França, Kisley Fernandes Silva e Marcos Fábio Alexandre Nicolau.

1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre razão e fé, filosofia e teologia, fundamentada por sua teoria do conhecimento no pensamento tomista.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Explicar como o Santo Tomás de Aquino resolve o conflito entre fé e razão;

Caracterizar a teoria do conhecimento de Santo Tomás de Aquino.

3 METODOLOGIA

A proposta deste material é a de introduzir o aluno nas reflexões e problemáticas lançadas pela filosofia cristã a partir do estudo de trechos de textos e fontes documentais do período medieval, o que será realizado a partir da leitura e estudo em sala sobre os mesmos. A introdução a esse estudo será realizada a partir do uso de recursos audiovisuais que retratem o contexto histórico e intelectual do período. Sugere-se espalhar pela sala pinturas e imagens, além da exposição de trechos de filmes sobre esse período histórico, como forma de motivar os alunos a participação e reflexão.

4 INTRODUÇÃO

A título de introdução, sugere-se expor o vídeo Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino (SEVERINO, A. J. Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino – Coleção Os Filósofos e a Educação [DVD]. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2013).

5 PROBLEMATIZAÇÃO

Propomos a leitura de trechos da obra de Tomás de Aquino e suscitar a seguinte reflexão: Porque a teologia é superior a filosofia? Qual a importância da sensação no ato de conhecer? Quais os limites do conhecimento humano? Qual a relevância de uma busca pelo interior, proposto pelo filósofo?

Objetivo: Ao apresentar a complexidade do conhecimento humano, pretende-se levar os alunos a refletir sobre os momentos de crise ocorridos no decorrer da história do pensamento filosófico e de suas repercussões no mundo da vida.

6 CONTEÚDO

O pensamento de Santo Tomás representa o resultado final e mais completo de um processo intelectual que vinha se desenvolvendo desde o início do cristianismo. O fio condutor deste processo era o problema das relações entre a razão e a fé.

Santo Tomás percebeu a superioridade especulativa da filosofia aristotélica frente ao platonismo agostiniano tradicional. Por isto, optou por Aristóteles em filosofia, sem, contudo deixar de ter Santo Agostinho como o grande mestre e a maior autoridade em teologia, mas mantendo sempre, em relação a ambos, um profundo sentido crítico. Para tanto, defendeu e utilizou a filosofia como um instrumento insubstituível para que a teologia pudesse construir-se como uma verdadeira e autêntica ciência. Inicia-se, assim, uma nova época para as relações entre a filosofia e a teologia: a colocação entre a razão e a fé na ciência teológica ficará definitivamente assegurada e justificada por um conjunto de princípios que constitui a base teórica da nova corrente doutrinal que ficaria conhecida como “tomismo”. Podemos dizer, então, que Santo Tomás entende o papel da filosofia e da teologia como ciências que se distinguem pelo objeto formal: a filosofia utiliza a luz natural da razão e a teologia a luz sobrenatural da revelação. Ele possui uma visão equilibrada das relações entre a fé e a razão. Embora distintas, uma não se opõe a outra, cabendo à revelação uma certa primazia e à razão uma subordinação indireta, o que seria justificável pela própria razão, basta analisar a questão do conhecimento.

Tomás distingue dois tipos de conhecimento: o natural, que procede da capacidade natural da razão humana e cujo resultado é a filosofia, a qual tem suas leis e métodos próprios, possuindo o caráter de verdadeira ciência; e o sobrenatural, que não procede da razão humana, mas da revelação divina. Estes dois tipos de conhecimento, o da razão e o da fé, entretanto, possuem a mesma origem, que é Deus, donde não pode haver entre eles contradição intrínseca, pois são apenas modos diferentes de participação numa mesma verdade, sendo evidente para o cristão que as relações entre ambos devem ser de subordinação do conhecimento racional ao obtido pela revelação. Assim como existem dois tipos de conhecimento, existem também dois tipos de teologia: uma puramente racional, elaborada autonomamente pela filosofia, e outra, cristã, resultante da colaboração entre a razão e a fé. Em outras palavras podemos dizer que para Santo Tomás de Aquino, a razão humana é um reflexo da própria razão divina.

A natureza do conhecimento de Santo Tomás está perfeitamente integrada em sua concepção do homem como unidade substancial de corpo sensível e alma racional. Há, assim, dois tipos de conhecimentos: o sensível, alcançado pelos sentidos, e o intelectual, alcançado pela razão. No conhecimento sensível apreendem-se formas concretas, particulares: este homem, aquela casa. No conhecimento intelectual apreendem-se formas abstratas e universais: bondade, beleza, justiça, idéia de homem, de casa. O homem é dotado de conhecimento sensível e de conhecimento intelectual, logo, possui sentidos como os animais e inteligência racional, sua característica específica. Entre o corpo e a alma existe uma integração perfeita e interdependente.

Para Santo Tomás, todo conhecimento humano começa pelos sentidos, inclusive o conhecimento intelectual, que termina na apreensão de formas abstratas. É o chamado “processo de abstração” que diz que o conhecimento começa pelos sentidos externos, passando pelos internos – a fantasia ou imaginação – para alcançar o nível das ideias, cujo conteúdo é a essência universal.

Outro aspecto importante da concepção tomista do conhecimento, é o que se refere ao problema de sua objetividade. O

ponto central da questão se relaciona com a possibilidade e o modo de se poder superar a distância entre o sujeito e o objeto para se alcançar a adequação do entendimento com a coisa. Santo Tomás afirma que “a verdade está na inteligência divina de modo próprio e principal, na inteligência humana, de modo próprio e secundário, e nas coisas, de modo impróprio e secundário, pois está nelas só por referência às duas primeiras verdades”.

Desse modo, para Tomás de Aquino, a fé e a razão não se conflitavam. Ele reconhece a razão como um campo próprio em relação às coisas divinas no qual pode atuar, pois “que Deus existe e coisas semelhantes” pode “tornar-se conhecido pela luz natural da razão”. A fé pode aprender aquilo que a razão não consegue, pois a verdade da fé cristã ultrapassa a capacidade da razão humana.

Conforme Tomás de Aquino, há um domínio comum à razão e à fé. É preciso delimitar o campo, impedindo que a razão ultrapasse seu campo ou renuncie à sua competência. O domínio da razão é o do ser, que é, em primeiro lugar, a realidade do mundo sensível. Enfim, a doutrina de Tomás de Aquino sobre as relações entre fé e razão pode resumir-se nas seguintes preposições:

fé e razão são modos diferentes de conhecer;

fé e razão, filosofia e teologia, não se podem contradizer porque Deus é o autor comum de ambas;

embora a razão seja suficiente para conhecer as verdades fundamentais de ordem natural e seja autônoma no estudo das coisas naturais, é incapaz, por si só, de penetrar nos mistérios de Deus.

A razão pode, no entanto, prestar um grande serviço à fé, seja para demonstrar aquelas coisas que são preâmbulos da fé, seja para ilustrar, por meio de semelhanças e dessemelhanças, as coisas que pertencem à fé; seja para opor-se às coisas que são ditas contra a fé.

Por isso se pode afirmar que há uma dupla condição a dominar o desenvolvimento da filosofia tomista: a distinção entre a razão e a fé, e a necessidade de sua concordância. Todo o domínio da filosofia pertence exclusivamente à razão; isto significa que a filosofia deve admitir apenas o que é acessível à luz natural e demonstrável apenas

por seus recursos. A teologia se fundamenta, ao contrário, na revelação, isto é, na autoridade de Deus. Portanto, um filósofo sempre argumenta procurando na razão os princípios de sua argumentação; um teólogo sempre argumenta buscando seus princípios primeiros na revelação.

Santo Tomás sabe pela fé para que termo se dirige, contudo só progride graças aos recursos da razão. Suas obras sistemáticas são sumas de teologia e, por conseguinte, a filosofia que expõe nos é oferecida segundo a ordem teológica. As primeiras coisas que conhecemos são as coisas sensíveis, mas a primeira coisa que Deus nos revela é sua existência. Todas as provas tomistas põem em jogo dois elementos distintos: a constatação de uma realidade sensível que requer uma explicação e a afirmação de uma série causal de que esta realidade é a base e Deus o topo. O caminho mais manifesto é o que parte do movimento.

7 SUGESTÃO DE FILMES

O destino

Título Original: Al Massir.

Ano de Lançamento: 1997

Gênero: Épico.

País de origem: França/Egito.

Duração: 135 minutos.

Direção: Youssef Chahine.

Estúdio/Distribuição: Piramide.

8 ATIVIDADE

Montar o ambiente próprio de uma universidade na filosofia escolástica: cadeiras em forma de dois ou mais pequenos círculos. Ao centro o mestre, o professor, que deve levar os alunos a reflexão de um tema via negação: expor tudo o que o objeto de estudo não é, para que os alunos possam chegar a suas próprias conclusões e determinar do que se trata. A proposta é a de que os alunos se sintam

conduzidos e aprendam o respeito pela tarefa docente, assim como no tempo de Tomás de Aquino.

9 AVALIAÇÃO

Para avaliar o conteúdo apresentado pode-se optar pela composição de um mural, com várias imagens sobre o tema do conhecimento em Santo Tomás de Aquino, bem como sobre a relação entre fé e razão, a ser entregue na aula seguinte.

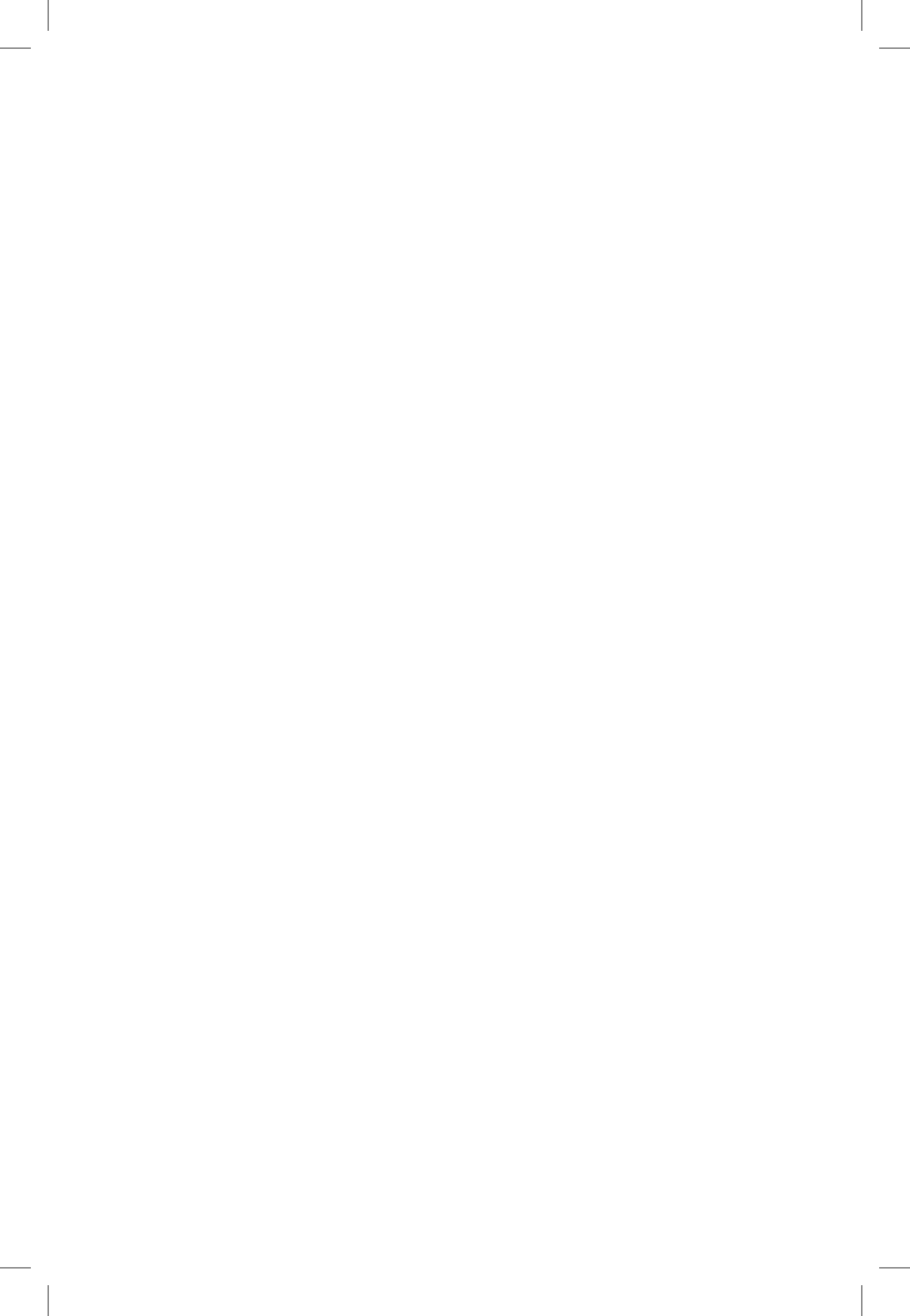
10 REFERÊNCIAS

COUTINHO, J. **Elementos de História da Filosofia Medieval**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2008 Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12729/1/Elementos%20de%20Filosofia%20Medieval.pdf>, acessado em 02 de dezembro de 2013.

GHIRALDELLI JR., P. **História Essencial da Filosofia** – Vol. II. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

NUNES, R.; STOELBEN, A. C. Agostinho, Tomás de Aquino, a **Filosofia e a Educação**. Disponível em: www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/agostinho.doc. Acesso em 28 11 2013 acessado em 02 de dezembro de 2013.

SEVERINO, A. J. Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino – Coleção Os Filósofos e a Educação [DVD]. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2013.





Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO





As propostas didáticas encontradas nos chamados “planos de aula expandidos” para o ensino de Filosofia deste primeiro volume demonstram ensaios de inovação, ludismo, intertextualidade, transversalidade, dentre outros conceitos e recursos previstos à educação contemporânea. Trazem sugestões de recursos didáticos de apoio ao repasse dos conteúdos curriculares, hoje de fácil acesso na mídia, que estimulam a pesquisa discente prévia à exploração do tema de cada aula e contribuem para melhor promoção do rendimento acadêmico.

Maria Edinete Tomás
Coordenadora Institucional
do PIBID UVA 2011

